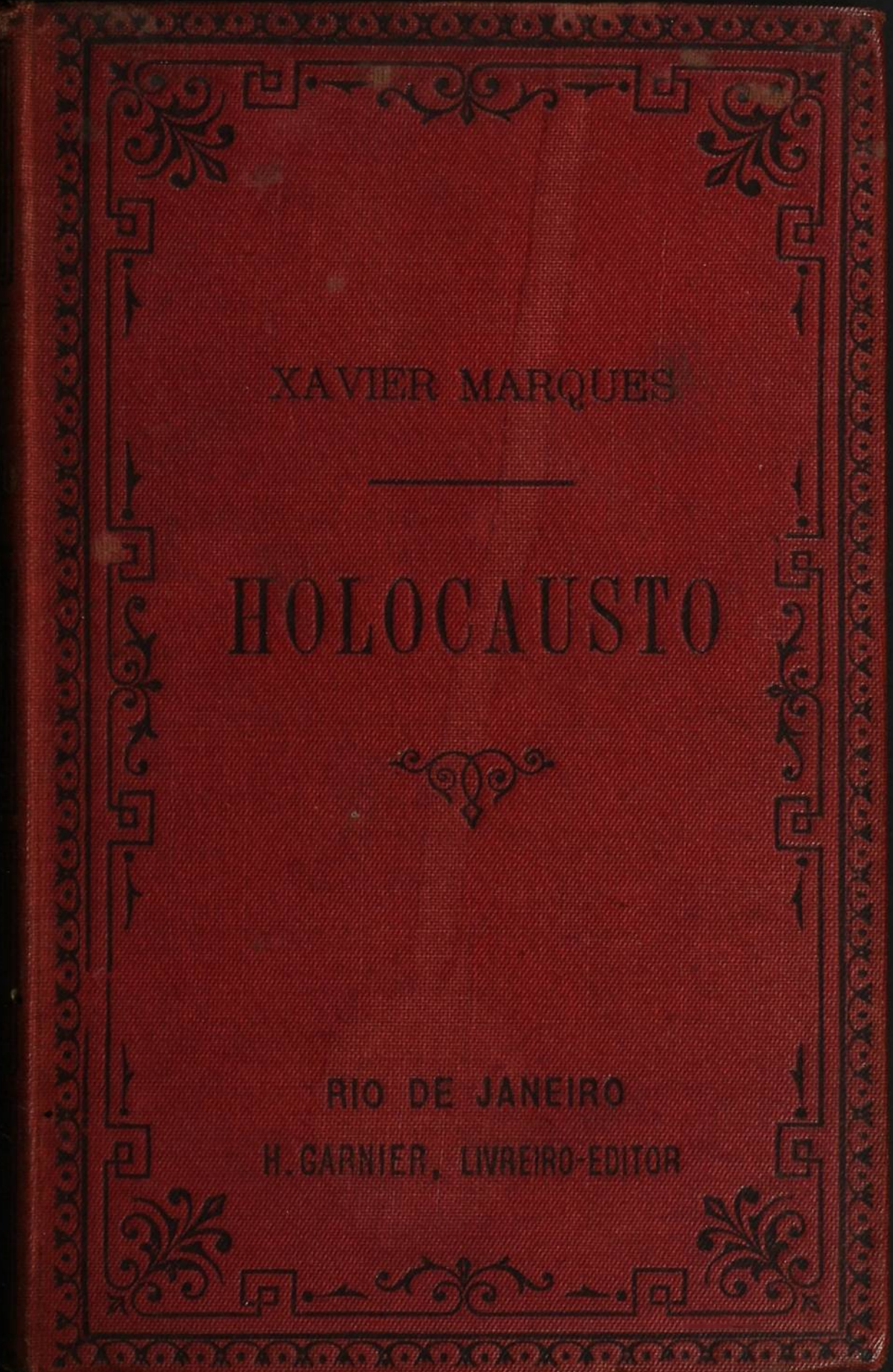




XAVIER MARQUES

HOLOCAUSTO

RIO DE JANEIRO

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR



Je ne fay rien
sans

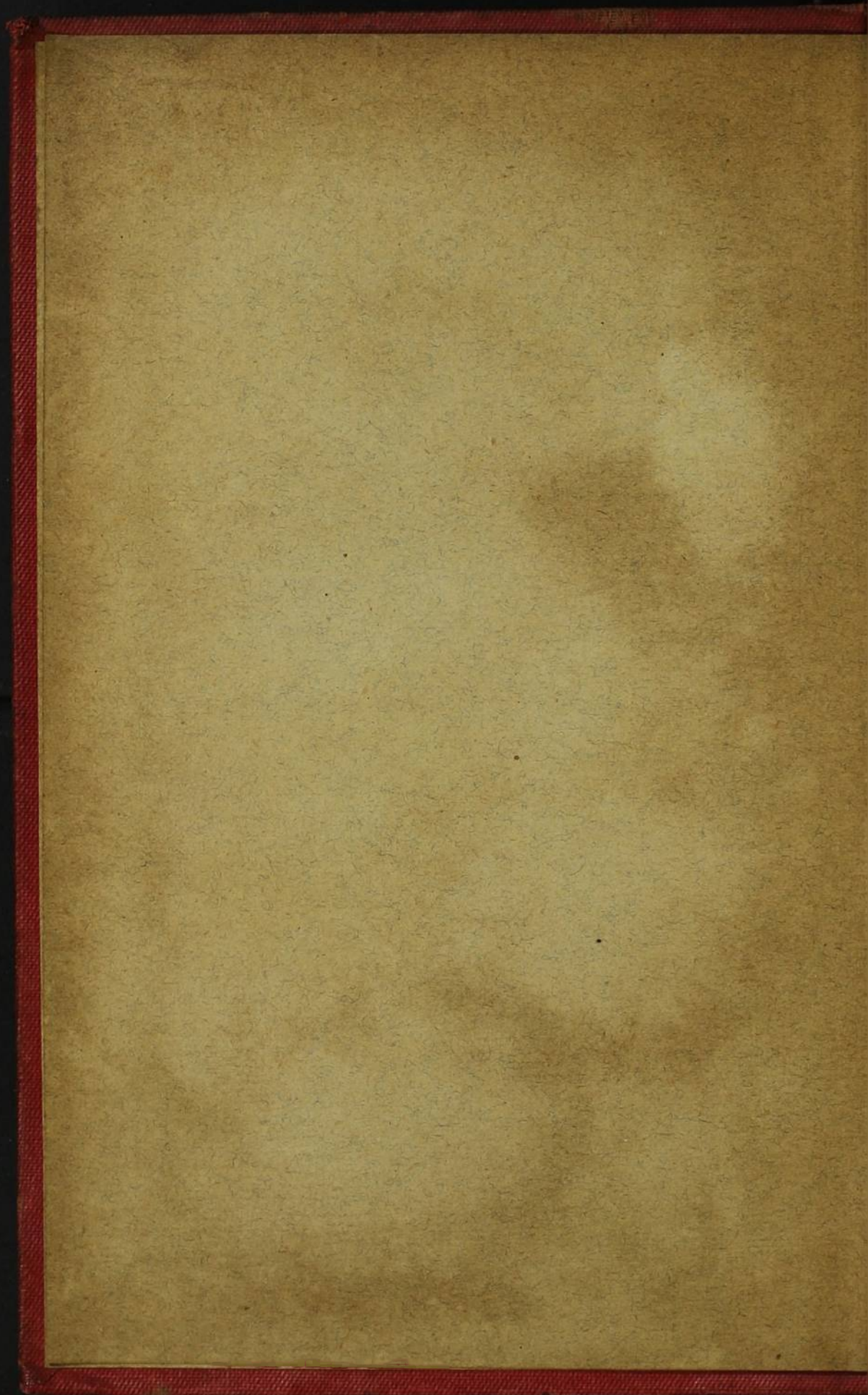
Gayeté

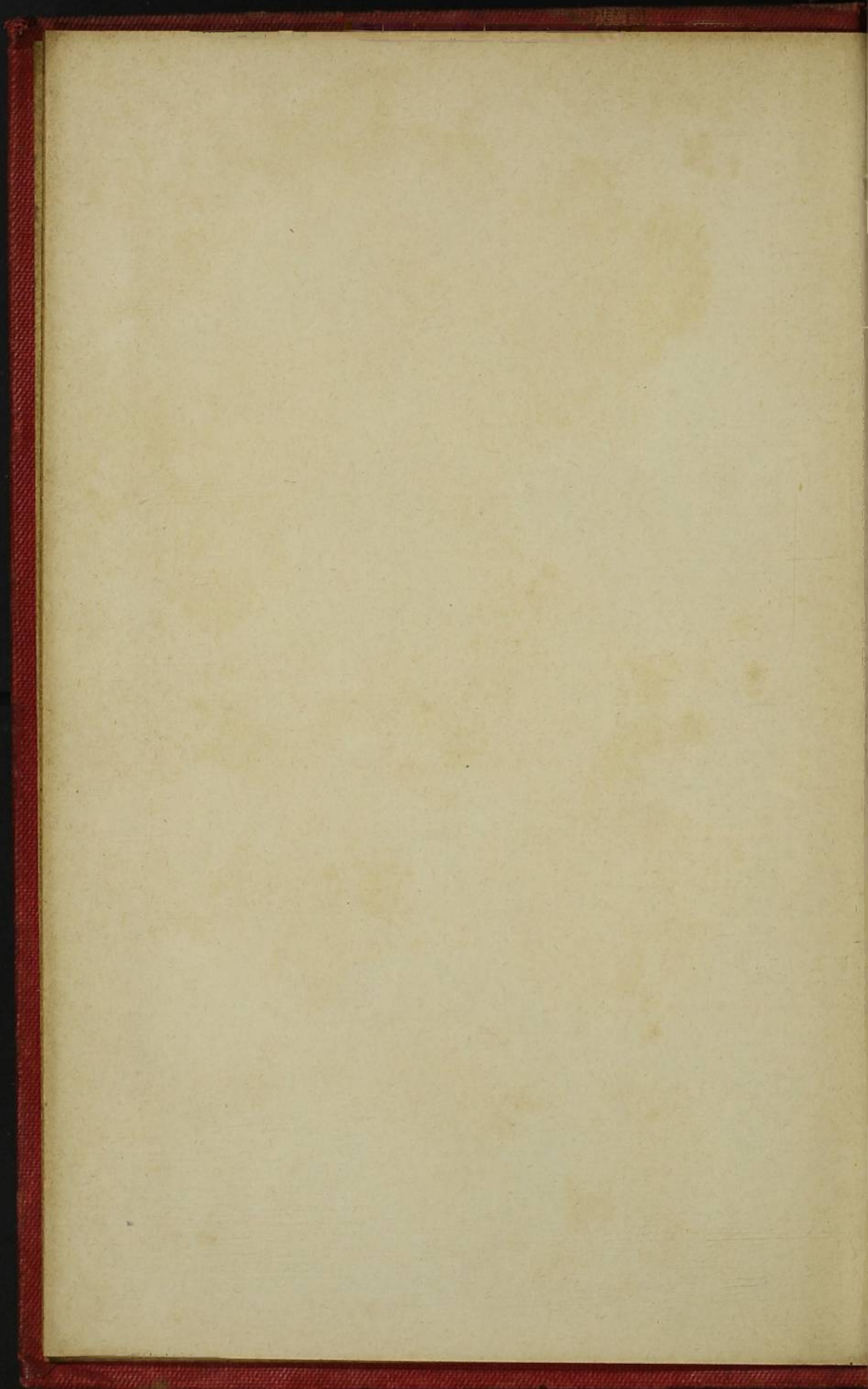
(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

05/82
1.300,00

LIVRARIA LEIA EDITORA
R. QUINTINO BOCAIUVA, 291 - 2º
TEL. 34-2277 - CX. POSTAL 7129
CEP 01004 - SÃO PAULO, S.P.





HOLOCAUSTO

OBRAS DO MESMO AUCTOR

UMA FAMILIA BAHIANA	1 vol.
BOLO E C ^a	—
JOANNA E JOEL.	—
PINDORAMA.	—
INSULARES, VERSOS.	—
THEMAS E VARIAÇÕES, VERSOS.	—
SIMPLES HISTORIAS, contos.	—

XAVIER MARQUES

HOLOCAUSTO

ROMANCE

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71-73, RUA DO OUVIDOR, 71-73	6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
RIO DE JANEIRO	PARIS

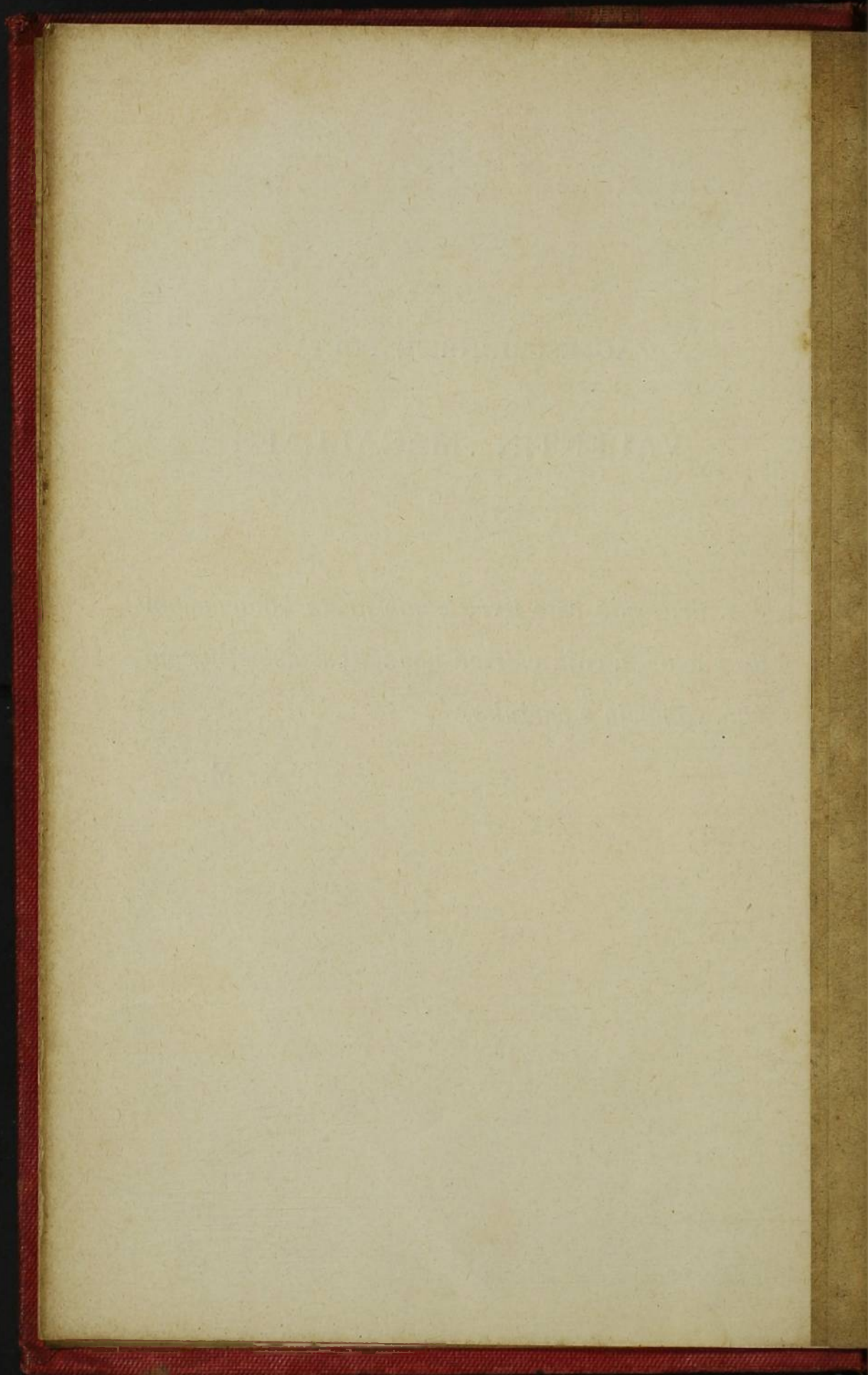
OTSUADOT

AO ESCRIPTOR E POETA

VALENTIN MAGALLÃES

*É dedicado este livro como grata homenagem
do auctor, a cuja estreia nas lettras assistiu com
benevolencia e carinho.*

X. M.



HOLOCAUSTO

I

O andar nobre da casa do barão estava essa noite aberto e illuminado, vibrante de musicas, povoado de fadas.

O palacete resahia na sombra nocturna, com aspecto original, entre os burguezes edificios do largo arborisado, todos recolhidos, soturnos, ao fundo de seus pequenos jardins sem trato.

Lá dentro na dispersão dos fôcos de gaz, ao reflexo dos grandes espelhos, cujos biseis crystal-linos accendiam fragmentos de arco-iris, em que se fundiam os lampejos do ouro e o faiscar dos brilhantes das joias, valsavam alguns pares, dos mais distinctos pela elegancia e mocidade. Eram as duas filhas do titular, franzinas e alvas como lirios que parecia etherisarem-se na giravolta estonteadora; a prima Helena, mimosa como ellas, de cabellos quasi loures frisados na testa, olhos

grandes molhados numa onda limpida como duas ágatas azuladas. Os demais, com excepção do jornalista Vanique, eram frequentadores da casa: moços academicos, typos morenos e ardentes que sacudiam grenhas aneladas; Carlos Veiga, vigoroso, athletico, doutor em medicina, recentemente chegado da Europa, aonde fôra estudar uma especialidade, e a senhorita Regina, enteada rica de outro titular, o barão de Barcellos, que a vigiava com ciumes, pensando sempre num sobrinho ausente.. Damas excessivamente enjoiadas, aos pares ou pelo braço de cavalheiros, falando com volubilidade, passeavam nos largos corredores até á sala de fundo, em cujo soalho embutido se levantavam opiparos, sob a vasta irradiação de um lustre de bronze, os bufetes pejados de flores, pratas, crystaes e porcellana. No toucador, rescendente a finos extractos, lançavam olhares á lamina de uma antiga psyché, dando toques no penteado ou na toilette. E vinham de novo ao salão. A tapeçaria granate, estampada a ouro, accentuava mais vivamente esses perfis garridos, a suavidade e alvura dos rostos sorridentes, as cabeças vaidosas onduladas, na voluptuosidade da musica e do perfume, ao rithmo dos sentimentos que a atmosphaera do salão lisongeava.

Gamenhos com os bustos correctamente cerrados em longos croisés paravam aos cantos da sala, frisando os bigodes, apoiando-se nos columnellos

de ebano onde pousavam bronzes ; outros se refugiavam na saleta contigua. Era ahi a orchestra. Violinos, violetta e violoncello traçavam aos pares dansantes o circulo da valsa. Aos tempos da musica obedeciam leques de arminho e gaze, flabellando nas mãos da gorda baroneza de Barcellos e de outras senhoras.

O barão e a preceptora de suas filhas, uma fran-
ceza magrizella e idosa, de cabellos louros cen-
drados, mostravam-se em todas as salas. Elle
amavel e solícito, sem azafama. Tinha viajado,
prezava-se de conhecer os tiques do bom tom,
sabia como um mestre de ceremonias. Mas aqui,
dizia sempre á governanta, era impossivel o rigor
do ceremonial. Accrescentava : « Em Roma sou
romano ». Sua figura descarnada e alta, de rosto
macilento, nariz fino, barba rala e grisalha, des-
prendia um ar bonachão, quasi beatifico, de pouca
virilidade, mas muito insinuante. Reinava em seu
todo certo negligé, sem prejuizo da correcção de
maneiras. Sublinhava as phrases e o proprio
silencio com frequentes sorrisos, sorrisos de com-
placencia e modestia que elle acompanhava com
um descahimento peculiar da fronte.

Acabara de receber no topo da escada o conse-
lheiro Cardoso, atravessara a ante-sala, e intro-
duzia o recém-vindo, um homem baixo e redondo
como um tortulho, de gordura balofa e bigodes
ulvos.

— Parabens, parabens... vinha repetindo o conselheiro, a vascolear os olhos em todas as direcções.

Cardoso procurava o genro e a filha. Politico desilludido, fôra ministro uma vez, para nunca mais. Tivera a audacia de oppor-se, em despacho, a certa nomeação imposta pelo imperador. Sua majestade não cedeu, o ministro despiu a libré, a que desde então ficou chamando — « tunica de Nessus ». Tinha a idade do barão, mas ia passando por mais moço, graças ao matiz de ambar do bigode.

Num esplendido sarau-concerto, misto de familiaridade e etiqueta, quiz o barão de Villarim festejar a formatura do filho, que no mesmo dia recebera o grau de doutor em medicina. O conselheiro, explicada a sua demora, dizia algumas palavras lisonjeiras dos dotes do moço doutorado, e não tardou que viesse dar-lhe plena razão o cathedra-tico da Faculdade, tambem pequenote e nedio, doutor Favilla.

— Mas o Lauro... qu'ê d'elle? qu'ê de...

Lá estava, no extremo opposto, com o braço apoiado ao parapeito de uma janella de flanco, sob a curva rendilhada de uma bambinella que o sopro da noite enfunava de quando em quando. O conselheiro meneava a cabeça sobre o pescoço curto para descobrir o rapaz. — Queria vel-o e falar-lhe,

e as toilettes valsantes, girando, girando, confundiam-no, cegavam-no.

Ah ! o Lauro, certamente, continuou o professor, não eram communs as suas qualidades. Muito applicado sempre, muito amigo da sciencia... tinha por ella a paixão sombria de um avarento... Aquelle entrava na vida como o official que ganhou os seus galões em campanha. Com elle podia-se contar. Espirito curioso, penetrante, não se contentava de ouvir a palavra dos mestres ; arguia, discutia, punha objecções, sempre nos limites da urbanidade... E quantas vezes uma contradicta sua não concorrera para novas e uteis explanações !...

O barão havia feito signal ao filho. Ao grupo veio juntar-se Dias Borges, antigo ministro do imperio, alto, olhos pequenos e agudos, doce nos gestos, famoso pela sua estrategia politica. Foi sempre a antithese do conselheiro, annotava o barão; flexivel e maneiro, ao passo que o outro nunca passara de um desazado, rijo como um poste.

— Ainda não pude abraçar teu filho, disse ao titular.

— Ahi vem o rapaz.

Lauro tinha-se approximado, e recebeu os cumprimentos dos conselheiros Cardoso e Dias Borges. Este o examinou da cabeça aos pés, sem cerimonia, a pretexto de o ter deixado creança quando partira para a corte.

Um exterior mais grave do que convinha á sua idade, o commedimento de suas expansões combinando-se com a pequenez da face, a saliencia da testa e certos indícios de fadiga mental pareciam confirmar os juizos do cathedratico. Era branco, de tom opaco, bigode castanho sem viço, rosto um tanto cheio, de linhas regulares. Na bocca, frouxamente cerrada, parecia trahir uma d'essas vontades sem firmeza, fluctuantes ao acaso das circumstancias; mas o olhar fixo e luminoso febricitava, de intelligencia, por certo.

— E um homem, observou Dias Borges, logo que Lauro se afastou.

— Será um medico, accrescentou o lente, com intenção.

Os arcos dos violinos vibraram dous valentes golpes. Findara a valsa. A filha mais moça do barão, a Esther, sentou-se, com a sua vaga expressão contemplativa, a conversar com a baroneza de Barcellos. Lauro falava num circulo de moços, enquanto o conselheiro Cardoso, tendo ido ao encontro do genro, topara com a outra irman de Lauro, a Clarita, e fazia-a sorrir, acenando para Carlos Veiga. O barão comprehendeu o gesto, e ainda recebia confidencias politicas do antigo ministro, quando notou que Vanique se dirigia pelo corredor, caminho do terraço. Deixou o estadista.

Vanique, lisonjeiro, dizia-se encantado. A primeira vez que tinha a honra de penetrar aquelles

sumptuosos salões, folgava de reconhecer o bom gosto de S. Exc. Só um epitheto encontrava para traduzir a sua impressão. — Era *feérico*... O barão vergou a cabeça meio calva. Todo o seu orgulho, elle não o dizia mas adivinhava-se, toda a gloria de sua existencia actual consistia nessa habitação apalaçada, em tudo o que ella encerrava e d'ella dependia — os filhos, as alfaias, os cavallo de sua estrebaria e o titulo honorifico de que a munificencia imperial o fez herdeiro, juntando-o ao espolio do primeiro barão de Villarim, pae de S. Exc.

O jornalista gosava essa noite o melhor das cor-tezias do titular. Um pequeno artigo sobre a These de Lauro lhe abri-a as portas do palacete. Demais, o typo de Vanique, muito correcto, desde o talhe do fato até o córte da barba ponteaguda, o cabello negro pastoso e um sorriso fino com sainete de malicia, sustentava bem o character mundano d'aquella imprensa galanteadora que o barão amava, porque ella tambem amava o sport, frequentava os saraus e gostava de ir contar ao publico os primores de ornamentação e toilette, tudo o que vira e ouvira. Tantas vezes já ella falara dos seus concertos e bailes com elogios rasgados e preciosidades de estylo descriptivo...

A referencia directa ao seu bom gosto, julgado pelos effeitos decorativos da casa, suggeriu a Villarim o dever de resumir a historia de tal habitação.

— Viajara para curar-se de dyspepsia e retemperar o physico. Primeiro fôra ao Rio, depois á Europa. Voltara deslumbrado pela civilisação européa, a vida brilhante e rumorosa dos *boulevards* parisienses, o sport de Londres, os monumentos da Italia, as paizagens da Suissa, o requinte formalistico dos salões de baile, theatros, concertos. Paris, sobretudo, Paris maravilhara-o. Ah! que difficil habituar-se de novo, tornar a acclimar o seu espirito a este paiz!... De volta casouse, teve filhos, tres em tres annos. E enviuvou... Depois dessa catastrophe domestica, abandonou a morada de campo, uma fazenda de terras fertilissimas com criação e engenho de assucar. Era preciso. Consagrou-se de corpo e alma á educação da prole. Para isso vivia na capital, confiado na fidelidade dos prepostos a quem entregara a administração dos negocios e propriedades ruraes. Aos filhos, orphãos desde o berço, desejou offerecer uma compensação, se era possivel, no conforto dessa casa antiga, em cuja reconstrucção despendera...

Vanique não lhe deixou dizer quanto.

— Bem empregado.

Ambos haviam sahido ao terraço ladrilhado e ornado a grandes vasos de crotons e caladiuns. Ouviam lá dentro o borborinho do sarau, e pelas largas portas viam passar, golpeadas por feixes luminosos magnificas, vestes de seda. Á luz dos

candelabros erectos nos angulos da balaustrada, o barão proseguir.

— Eis ahi, como vê...

Não era um palacio, não era grande cousa. Ainda assim tivera que reformar toda a fachada, revestil-a, em parte, de cantaria, rasgar as janellas, accrescentar uma platibanda, e arranjar de novo a capella.

— Ha de ter occasião de ver.

Tudo aquillo não propriamente para goso d'elle ; tanto...

Vanique atalhou, equivocado :

— Oh ! não senhor, *noblesse oblige*.

— Tanto já gosei, tanto já eu vi... Já viajou ?

— Nunca.

— Pois é preciso. Viaje, viaje, para avaliar o nosso atrazo. Em tudo e por tudo. — E Villarim confessou todo o seu horror ao mau gosto dos brasileiros.

— Não temos architectura. Nem um vestigio de arte, esthetica, decoração. Taes habitações, taes costumes.

— A casa modela o homem.

— Quantas vezes tem o senhor encontrado um perfeito gentleman, uma rapariga devidamente prendada ?

— Defeitos da educação...

— Está claro.

Elle, pela sua parte, nunca pudera se affazer ao

regimen das preceptoras, suas patricias. Para as filhas contractara aquella M^{me} Ronnier. Do ensino de piano e canto excluira os chamados amadores. Sim, que não tínhamos verdadeiros profissionaes em musica.

— Não temos nada, nada que valha a pena... Ainda não viajou; viaje, e depois me dirá se a propria parelha do seu carro não vae melhor com a dignidade e maestria de um cocheiro inglez, do que fustigada por esses monos maltrapilhos, achavascados... E depois de breve pausa :

— Ha mais nobreza, pois não ?

Vanique fez signal de comprazer e viu o titular, nesse instante, sem aquella postura modesta e aquelle olhar amortecido que no salão parecia espreitar as impressões da sociedade, viu-o procurar lá em baixo, no pomar sombrio, e indicar com um gesto arrogante o tecto da cavallariça.

— Talvez já os visse... estão lá. Dous magnificos frizões de raça ingleza, vigorosa e gigante. Vamos a cultival-a, pensei um dia, e riram-se da lembrança; riram-se porque descreram e não sei porque mais. A occupação devia ser muita frivola para pessoas tão preoccupadas com o lado burguez da vida. Distrahirem-se do seu ramerrão para cuidar em cruzamento de raças cavallinas... Ora essa... Entretanto dispunha e disponho de terras apropriadas, tomava sobre mim mandar vir alguns exemplares de bons reproductores...

— Excellente ! acudiu o jornalista, animando-se.

— Creia, meu amigo, é a minha unica paixão. Adoro, ainda hoje, o turf. Pensei na possibilidade de adaptal-o aos nossos costumes, e não encontrei nesta cidade *culta* quem quizesse acceitar o feio nome de sportman... Fiquei só, desilludido, passando por um maniaco, quem sabe ?

— Uma propaganda, senhor barão.

— Como ?

— Uma propaganda... Depois, o concurso do governo. É preciso decretar a civilisação obrigatoria para o povo.

Riram-se. Mas uma repentina invasão de cavalleiros na sala dos bufetes obrigou-os a deslocar-se do terraço. No meio do turbilhão de sedas rutilas e do falacio alegre dos convivas, ao tinir e retinir de taças onde o champagne fumegava, emquanto noutros grupos se serviam gelados, procuravam entender-se o capitalista Ferraz, presidente de um banco, e o Sr. de Barcellos, cujo rosto quadrado, cingido pela barba á americana, accusava o mais vivo interesse ao tempo em que o banqueiro parecia dar-lhe explicações. Villarim ouviu-lhe esta pergunta solta :

— E as condições desse auxilio ?...

Era um dos momentos mais ruidosos da festa. Pelos corredores vae-vém de roupagens, na sala do fumo, no terraço, em todas as janellas, sobre os terrenos ajardinados que flanqueavam o pala-

cete, grupos joviaes e garrulos, enquanto os rabequistas afinavam os instrumentos. Momentos depois ouvia-se preludiar o piano e o violoncello gemia longamente, cantando as primeiras notas de uma serenata. Villarim tornou a encontrar o jornalista.

— Vamos ao intermezzo lyrico. O senhor disse bem... Uma propaganda, é isto.

— Ah ! de certo.

Um silencio solenne pairou no salão. Todas as cadeiras foram occupadas, todas as vistas convergiram para o typo do violoncellista, um teuto-brasileiro, ainda moço, de basta grenha e olhos epilepticos. Vanique seguiu pausadamente pelo corredor, erguendo o bico da barba para uns pastiches de gosto duvidoso. Parou á humbreira de uma porta e ficou a dominar o conjuncto variadissimo que a sala apresentava. Empertigou-se mais, tirou do bolsinho do collete uma luneta e assestou-a com um gesto elegante.

Estava admirando Helena, quando sentiu alguem tocar-lhe o hombro. Voltou-se. Julio, inclinando para elle a juba negra, perguntou, quasi em segredo :

— Linda, não é ?

— Aquella... com quem valsei? Lindissima. É um sylpho.

— É. Podes accrescentar : « que valsa sempre na cabeça de nosso Lauro. »

— Estás enganado. O nosso doutor pende para alli... Olha, aquelle vestido azul electrico.

— Regina?...

— Sim.

O senhor de Villarim fez-lhe um aceno do pul-pito da janella central, e Vanique atravessou o salão. Ambos ficaram a olhar para fóra. Por cima de suas cabeças ardia uma estrella de gaz, que alumiaava pallidamente as copas das arvores do parque publico enfileiradas no ultimo plano. Em baixo, massas de curiosos cresciam em pontas de pés, tentando devassar as magnificencias do salão. Mais longe, deitados nos tejadilhos das caleças, enquanto as parellhas dormitavam, os cocheiros pareciam entender e gosar os accordes d'aquella musica celeste.

— Pobres diabos, murmurou o barão, e dando as costas á rua emmudeceu, esquecido de Vanique. Passeou a vista lentamente pela sala. Seus olhos buscaram as prendas do seu coração. A Clarita, com o rostinho exangue, tirante a marfim, numa capella de cabellos castanhos claros, estava embevecida a escutar, de um lado a canção do violoncello, do outro as palavras quasi confidenciaes que lhe dizia, de vez em quando, Carlos Veiga, com muitos respeitos na gesticulação. A Esther, mais nova que a irman um anno, mais delgada, de locante parecença com a mãe, as mesmas formas tenues da morta, o mesmo desmaio da

cutis, essa parecia sonhar, enlevada num daquelles raptos mysticos a que era tão propensa. — Quanto elle adorava esta filha!... Esther, amantissima, não pensava na felicidade conjugal, preferia viver sempre alli, no regaço onde se creou, dir-se-ia que votada ao secreto pensamento de illudir a ausencia da morta, cujas feições resuscitava admiravelmente. Ouvia o canto do instrumento e no vôo ondulante das notas como que subia, subia, atraz de sonhos ineffaveis. Entre Regina e a filha do conselheiro Cardoso, parecia suspensa, absorta, como se o salão se houvera transformado na capellinha gothica da Providencia, onde costumava ouvir missas cantadas, ao som de harmonium, por vozes de anjos como ella.

Não quadravam decididamente a elle, barão, aquellas tendencias idealistas, ou antes, religiosas, de sua Esther. O que desejava era vel-a feliz, no mundo aureo do chic e dos prazeres fidalgos, por um enlace em que fossem consultadas as conveniencias da posição social, da fortuna, da genealogia e, se possivel, tambem dos titulos... Aquelle Veiga, posto que bem parecido e moço, devia ceder das suas pretensões junto a Clarita. Era forçoso. Carlos descendia de familia mediana, apenas abastada; ainda ia pedir á clinica medica o meio de vida. Os recursos do velho Veiga, seus costumes aplebeados, seus preconceitos contra os titulares,

os senhores de terras, de engenho e escravatura, eram bastante conhecidos. Em sua bocca todos os titulares ricos formavam « a plutocracia dos barões feudaes » Ficasse, pois, cada qual em sua esphera, com seus principios...

E o olhar de Villarim pousou na cabeça grisea de um solteirão, ao mesmo tempo que Carlos medindo Cypriano, parecia desafial-o: « Quem és, que farejas com esse nariz adunco e rubro nessa face tauxiada de vermelhidões malignas? » Por seu turno, Cypriano parecia dizer, com as suas palpebras franzidas, o busto emperdigado, o olhar insolente: « Sou filho de uma viscondessa, não preciso dar os passos vulgares do busca-vida nem me prestigiar no luxo dos salões alheios, porque tenho os meus. Estou zombando das tuas confidencias... »

E o barão o apoiava.

A serenata ia por deante. A sala inteira escutava. Carlos emmudeceu. Mais de cem olhos se fixavam no tampo do violoncello e na figura estranha do virtuose, que manobrava o arco junto ao piano. Apenas a uma palavra da prima Helena, que lhe tocara o braço com o leque, Lauro descerrou os labios num sorriso leve, quasi constrangido. Esse gesto não escapou ao barão, que no mesmo instante contemplava o filho, repetindo as observações feitas pelo cathedratico. — Aquella compostura desproporcionada aos vinte e oito annos do rapaz, aquella testa, larga, reintrante e

pensativa, em que a luz profusa da sala não conseguia dissipar o sulco sombrio de uma preocupação, aquillo seria o habito adquirido no estudo, na meditação prolongada, na concentração habitual do espirito... O certo é que Lauro, retrahido alli, na occasião, offerecia contraste singular ao lado de tantos jovens de physionomia expansiva, curiosa. Extincto aquelle sorriso, provocado pelo bater do leque, viam-se-lhe outra vez, na face leitosa e embaçada, os traços do obstinado pensamento. — Em que pensava elle? No futuro, na prima Helena, em sua carreira, nas glorias de amanha... talvez, talvez.

Calou-se o violoncello.

A sala reanimou-se, de repente, com um murmurinho de intervallo d'opera.

Barcellos tomou a frente ao banqueiro Ferraz.

— A propaganda... continuou, alto, o barão, agarrando o braço de Vanique e seguindo para o terraço.

II

Uma hora depois o quartetto de cordas afinava-se, tirando *pizzicato* e arcadas fugitivas. Joias e roupagens resplandeciam. Compromettiam-se pares para a dança. Em todos os aposentos sussurravam grupos conversadores. A interessante Zalina, neta do Dias Borges, muito catita e desenvolta, batia-se com o genro de Cardoso e dous estudantes em defesa da Moda. As palavras saltavam-lhe crepitantes como fagulhas, e ella tinha tanto espirito que os rapazes acabavam debandando, lontos, em fuga.

Helena approximou-se de Lauro, e com uma graça petulante :

— Senhor meu primo, uma vez que recebeu hoje o seu pergaminho e tem direito a todas as attenções, aqui estou eu que venho me offerecer para seu par.

— A prima é muito gentil. Obrigado. Mas se pudesse...

— O que?

— Dispensar-me.

Helena tornou-se seria, e dando-lhe com o leque no hombro, respondeu em tom de censura e mando:

— É demais. Já não me offereço, exijo...

Em seguida fugiu, envolveu-se nos grupos, desapareceu pelo meio de muitas outras, moças como ella, que pompeavam as maravilhas do joalheiro e da modista. Lauro esteve acompanhando o reflexo de topasio do seu vestido, depois isolou-se, a pensar:

— Pobre companheira de infancia, é possível que ainda não saibas da paixão que me atormenta, energica, atordoadora, como eu quizera que fosse a nossa afeição, ó minha boa consanguinea! Mas que culpa tenho se abusaram da innocencia do meu coração... e do teu, se nos enganaram desde tenra idade com a miragem d'esse amor impalpavel...

Entreviu Regina, que falava á baroneza. — Regina, sim, só ella, que possuia a audacia inconsciente das amantes heroicas, só ella sabia fazer-se amar. Porte superior ao de Helena, cabellos e olhos pretos, bocca vermelha e provocadora, Regina era a imagem d'essas plantas de floração vivaz e persistente, destinadas a ostentar a harmonia de formas, o colorido, o perfume, a belleza das suas flores por mais largo periodo que as outras.

Ao lado de sua prima, d'aquelle ser melindroso, de candura quasi doentia, ella representava o brilho e a florescencia duradoura de uma lobelia.

Approximaram-se. E elle que deante da prima conservara toda a sua calma de parente e intimo, sentia-se outro, sentia-se perturbado, febril, agora que Regina o envolvia na fascinação de sua presença. Elle que se achara tão placido, quando Helena lhe batera com o leque, censurando-o, reconhecia-se agora emocionado, quasi timido, a escutar o som da voz magnetica de Regina, que lhe dizia phrases capitosas, a custo percebidas. E sempre assim fugaz, como uma visão, ella o deixava, entre confuso e desvanecido; afastava-se, rainha cercada de vassallas, sentindo, elle, com a alma cheia da sonoridade d'aquella voz clara, que não tinha forças para resistir-lhe, para reagir...

Carlos ahi vinha. Com elle Julio, Vanique, o Dr Helvecio. Todos a falar-lhe de assumptos, cousas e pessoas que lhe interessavam friamente, a que só podia responder com indifferença; todos como que ajustados, colligados para lhe expellir do espirito a cara imagem. E ella triumphante, obstinada...

Quando se afastaram, Lauro isolando-se de novo, experimentando a necessidade de respirar, de recompor sem testemunhas a paz d'aquelle elemento que se agitava dentro d'elle em palpições de fraqueza, ia sempre padecendo a fata-

lidade do seu sentimento. A prima... a prima apenas o impressionava com as recordações da meninice decorrida quasi inteira sob o mesmo tecto; era, de certo, um bom coração, um anjo familiar, que se confundia entre aquelles dous outros entes adorados, suas irmans, e a quem elle dedicava uma estima enterneçada, nada mais. A outra, não; commovia-o, estonteava-o, dominava-o, tinha sobre elle a ascendencia majestatica de uma soberana, enthronisava-se-lhe no cerebro e exercia o mando supremo. Elle sentia essa violencia, o predomínio irresistivel dessa creatura bem dotada que lhe entrava pela alma como senhora absoluta em seus dominios. Sentia, e não raciocinava deante d'ella.

Esteve no terraço, num curto momento de scisma, olhando o ceo estrellejante por cima das arvores. Um lamento lhe enchia a alma. Pobre amor, frustrado, agonisante, esse em que Helena acreditava, tão ingenuamente... Ainda enganada! Era possivel? Helena, a promettida desde a infancia, esperava-o. Destinaram-lh'a todos os parentes, naquelle accordo tacito em que elle mesmo entrara, com alguma leviandade. Mas uma noite, num sarau como esse, em sua propria casa, teve uma visão deslumbrante. Era Regina surgindo entre os esplendores do salão, aureolada por um estranho prestigio de formosura, a supplantar de chofre todas as perfeições mimosas da prima He-

lena. Nunca mais, desde essa noite, pôde partir o grillhão que o trazia enleiado, corpo e alma, aos pés d'essa mulher...

Uma voz conhecida pela doçura das suas entoações desbaratou-lhe os pensamentos, falando com o sainete gaiato de alguns momentos antes :

— Muito bonito, senhor doutor ! Eu a procuralo e o senhor a conversar com as estrellas. Ora vamos...

Helena de braço com Esther escoltou-o até á sala. A orchestra feria os primeiros passos da contradansa. Lauro tomou posição ao lado da prima, vis-à-vis de Regina. A um vão de janella, com a cabeça meio abatida e as palpebras arregaçadas, o Sr. de Barcellos parecia reprehender o ardor expansivo da enteada. Pensava em seu sobrinho ausente, mettido nas mattas a caçar cordonas.

Vanique extasiava-se. — Oh ! que simile feliz que lhe acudia para o bello quadro... A dança proseguia. O movimento das saias diversamente coloridas, o vae-vem dos ricos estofos recortados, frocados, franzindo-se, desfranzindo-se em pannejamentos graciosos, ao tempo em que os violinos cadenciavam passos... que perfeita illusão ! Sim, era o bailado fantastico das flores.

Vanique acabou de tomar notas e foi para a saleta. Defronte d'elle, numa ottomana escarlate, por detraz da orchestra, o barão tornou á carga.

Já era um projecto e, ganhando terreno no entusiasmo de ambos, ia se delineando e precisando em todas as suas partes, com uma rapidez tal que dir-se-ia coisa estudada e amadurecida. — Convinha que a imprensa abrisse a campanha pela fundação de um club. Alquiladores, companhias de carruagens, criadores do centro, todos deveriam congregar-se e cooperar no melhoramento.

— A sociedade, dizia o barão, falando alto para dominar as vozes do quartetto, faz appello ao governo, terá uma caixa de contribuições, e correspondencia com associações sportivas de outras capitaes. Contracta-se no estrangeiro um ou mais criadores para direcção dos trabalhos durante estes primeiros annos...

— Um prado, senhor barão.

— Tambem, de certo. Mas para isso ha tempo. Antes de tudo melhorar a raça. Depois as corridas. Sim, são um estimulo.

E a proposito enumerou as corridas a que assistiu no Jockey-Club da côrte, os nomes dos melhores animaes que alcançaram grandes premios, as proezas do *Satan*, o celebre *Satan*! Depois na Europa, no Derby Inglez... Ah! os successos delirantes no Derby... Sabia nomes de cavallos gloriosos inscriptos no *stud-book*; de alguns admirara a pureza do sangue, a nobreza do porte, a delicadeza dos membros. Conhecia os segredos do « *entrainement* », e citava coudelarias famosas,

cujos proprietarios haviam enriquecido no hipodromo.

— Tudo depende de união, e gosto. É preciso despertar o gosto, dizer como se pratica nos paizes civilisados. Tenho ahi quantos apontamentos queira; tenho revistas, livros, monographias, tratados especiaes...

O jornalista via desfilar os garbosos tiros de urcos procreados na grande cavallariça em projecto.

Quando mais tarde a soirée chegara ao seu fastigio, viu-se o titular, com um sorriso mysterioso, consultando as filhas e a preceptora. Finda a consulta, afastou-se, falou baixinho a Cypriano e esperou. D'alli a instantes vieram as duas irmans, modestas, nos seus vestidos de seda rosea, adereçadas de perolas. Esther sentou-se ao piano, preludiou vagarosamente e Clara começou, com uma voz pequena, avelludada, as primeiras phrases de um madrigal francez.

Era o madrigal que ella ouvira cantar a Carlos, quando elle chegou de Paris, e que M^{me} Ronnier acolhera enternecida, com o seu sentimentalismo de parisiense nostalgica. Palavras de um amante á imagem da mulher ideal entrevista num paiz longinquo, e certo dia encontrada, reconhecida, bella como naquelle divino momento da miragem. Então o amante sente renascer-lhe na alma

a aurora do seu primeiro amor. Clarita proseguia, modulando as singelas estrophes, repetindo como um protesto seu, do seu coração, áquelle que a escutava e já lhe havia feito igual confissão :

... De mon premier amour,
Qui ne finira pas...

Toda a sala ouvia em silencio, Villarim suspenso, M^{me} Ronnier, defronte, com a cabeça loura mergulhada em sua nostalgia.

E emquanto a doce voz traduzia as emoções e juras do incognito poeta, Lauro, com o olhar vago e errante, debatia-se entre as duas obsessões do seu espirito. De pé, num trajo escuro sobre o fundo claro de uma cortina, elle desviava os olhos d'aquellas duas formas vivas para as representar na lucla inevitavel que já era tambem um soffrimento para sua consciencia. Preso a uma pelas disposições da familia e pela amisade que ella lhe offerecia, como se fosse pouco o seu amor, sentia-se, entretanto, empolgado, arrebatado para longe, pela outra. Helena... Regina... Via-as rivalisando, cada qual tirando ao proprio ser e ostentando os primores da graça feminil. Eram duas aves recortando em torno d'elle vôos que o allucinavam. Uma, fina e subtil, de plumagem setinea e alva como o arminho, os olhos meigos, o vôo silencioso, descia, pousava no seu hombro e punha-se a cochichar numa vozinha melodiosa, que lhe

era muito familiar, porque a ouvia desde a infancia. A outra fazia rumor e accordava sensações fortes. A face e o collo d'esta ave tingiam-se de um matiz encarnado, envolvia-lhe o corpo longo e airoso uma especie de clamys azul com rebrilhos de aço, o seu trillo era vibrante, mas sem aspreza. Pousava á distancia, com fidalguia, deixava-se ver e ouvir, seduzia pela força ineluctavel dos seus dotes... Sempre victoriosa, todas as vezes que acceitava o confronto e a comparação dos attractivos, lá estava Regina, soberana como seu nome a proclamava, real e tangivel, envolta nas dobras da sua roupagem gris-perola. Que mysterioso influxo para os sentidos emanava d'aquelle modelo de saude e plastica! Ella impunha-se-lhe com o brillantismo da hetaïra. Junto d'ella é que sentia o alvoroço dos desejos e o fremito da paixão allucinante. Helena... pobre dessa amiga! Tão linda e sem poder!... De onde provinha isso? Do costume? Do parentesco? Do sangue? O certo é que uma força, não sabia que mola occulta, o impellia para Regina, presentindo uma necessidade futura de apoiar-se, de unir-se a essa mulher... Fatalidade! Fatalidade!...

Haviam expirado as ultimas phrases do madrigal. Desvanecera-se a resonancia do piano e do canto. Lauro procurava aturdir-se, esquecer-se. Por junto delle passou, lampejando, um fru-fru de sedas. Carlos e Julio distrahiam-no com refe-

rencias á filha do cathedratico, que se retirara. O barão conversava com o filho da viscondessa, com o banqueiro Ferraz e Dias Borges sobre operas italianas, escola franceza, escola alleman, saboreando ainda a melodia d'aquelle gorgeio que uma ave exotica emprestara á garganta de sua Clara.

Subitamente, levantou-se de entre as cortinas de uma janella certo murmurio de surpresa.

— Que foi? perguntou o barão, apprehensivo. Apressou-se. Era no flanco opposto.

— Clarita?...

— Sim...

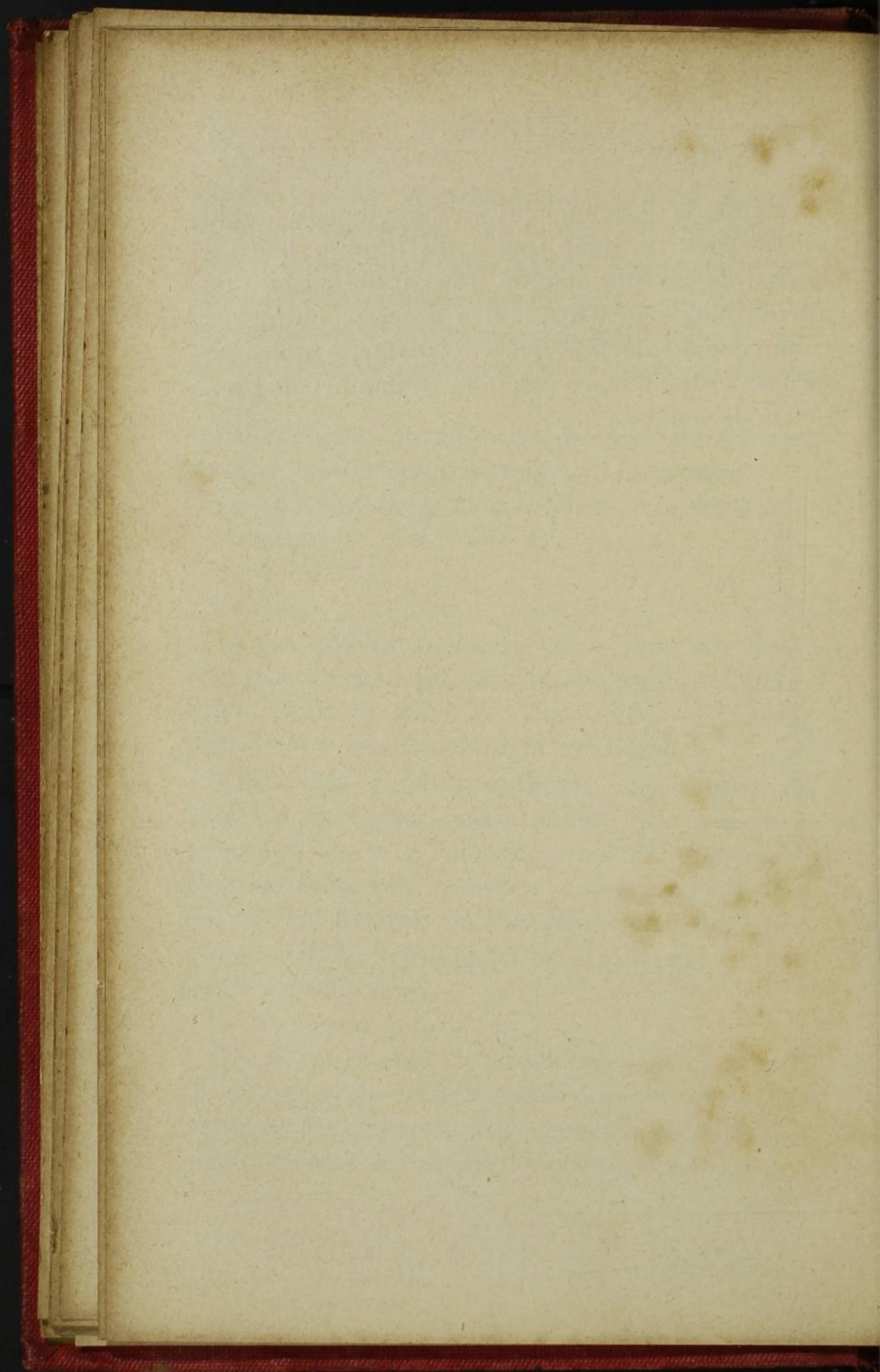
Carlos acudiu. Villarim viu o filho amparar, de salto, a irman que acabava de cantar. O quartetto cessou de afinar-se. Um calafrio de emoção percorreu a sala de extremo a extremo.

Clara estava entre senhoras, nos braços do irmão e de Esther, mais pallida que nunca. A respiração curta e dolorosa, o cabello a desmanchar-se, toda ella parecia, nesse momento, ir cahindo no declinio da sua frescura, semelhante a uma flor de viço ephemero. Tinha um punhal que a feria no seio.

— Seria um golpe de ar...

Barcellos fez com os beiços um gesto de pouca fé. Renques de cabeças espiavam por cima dos hombros das senhoras. A governanta disse alguma cousa, e Clara seguiu em braços para a saleta.

Quando a accommodavam na ottomana veio um accesso de tosse que a fez levar o lenço á bocca; depois um gemido fraco e um suspiro de allivio. Mas logo após, outro accesso, outra vez o movimento da mão para o abafar, e quasi ao mesmo tempo o lenço cahindo, rutilando com uma nodoa de sangue...



III

Caminhando para a mesa do almoço, onde já o esperava a esposa em companhia de Regina, o Sr. de Barcellos ia ruminando o artigo que acabara de ler na *Gazeta do Povo* do dia anterior. Era o primeiro de uma serie em que o articulista, pugnando pelo melhoramento da raça cavallar, convidava o governo a secundar a iniciativa dos particulares que quizessem emprehender essa obra de regeneração hippica. Mencionava algumas das mais afamadas coudelarias e fazendas de criação do paiz e da Europa, calculava pela rama as vantagens de um estabelecimento igual, onde os criadores da terra pudessem aproveitar por cruzamento ou selecção as raças cavallinas do Brasil, promettia explanar sufficientemente o assumpto, e citava desde logo, como exemplo a ser imitado, a cavallariça do barão de Villarim.

Que isso devia ser inspiração do proprio Villarim, dizia comsigo o velho senhor de engenho,

safando os olhos e atirando a gazeta para cima de um movel. Depois, falando alto :

— Em boa occasião... Muito a proposito...

E movia a cabeça, fazendo uma careta de duvida e descrença.

A baroneza perguntou o que havia.

— É o Villarim... Afflicto, attribulado, como anda, com a filha de cama, vem ahi mettido em um negocio de criação de cavallos de raça. A velha mania d'elle, que a trouxe da Europa... Nunca mais se curou, até hoje. Pois antes tivesse cuidado em melhorar o gado bovino que lá está nas fazendas a cahir de peste, antes soubesse aproveitar melhor a riqueza que possui em terras de massapé e cobrisse tudo aquillo de cannas... Fizesse como eu, que vivo mais no Engenho do que nas delicias da capital. Ah! esses gosos sahem caro... Nem ao menos trazem utilidade ao corpo. Bailes, reuniões, concertos, noites perdidas em dansas, theatros, garganteios acabam sempre em desgostos... e doença. Vejam a pobre Clarita...

Era, pois, certo que a molestia de Clara tinha gravidade; não foi o que se suppoz.

Regina e a mãe lamentaram de novo aquelle incidente sobrevindo, havia um mez, em occasião de tão justas alegrias para a familia.

Deante da mesa frugal, na sala desataviada, a moça tornava a sentir a impressão d'aquelle fim de soirée... os violinos enmudecidos subitamente,

a vertigem das valsas, o regalo inebriante do *flirt* e do champagne, sanado tudo brutalmente por um choque inesperado, todas as galas, todos os fulgores do salão de festa empanados de chofre como por um bafo gelado, um fumo de tristeza. E os convidados curvando-se, a balbuciar palavras dubias, deante do barão, e a descer em silencio a escadaria tapizada, mettendo-se pelas portinholas das caleças, enquanto a estrella de gaz da frontaria agonisava, esperando a partida do ultimo carro para se apagar de todo.

Na alma de Regina ainda havia, de mistura com essas impressões, um sabor levemente amargo, com a lembrança d'aquella boa musica, d'aquelles giros de valsa, do cotilhão que não se dansou, do rumor que enchia os aposentos do palacete, fortalecendo nella esperanças de exito... E a idéa de que deixaria em breve a cidade pela thebaida do Engenho aggravou a sua displicencia, tirando-lhe o appetite.

Findo o almoço, a doença de Clarita foi mais detidamente commentada.

A senhora de Barcellos alojou as suas gorduras em uma antiga chaise-longue. Escutava o marido, que ia reconstruindo e historiando, com excellente memoria, a arvore genealogica de Villarim e da mallograda baroneza.

— Conheci-a muito bem, como conheço a D. Judith, mãe da menina Helena. Sempre fran-

zina, uma florzinha de cêra, um alfenim. A filha mais moça é o seu retrato... Desconfio muito d'esses corpinhos que me parecem uns flocos de algodão; basta um assopro e lá se vão pelos ares. E a baroneza já soffria mesmo antes de casar...

— Ah! já soffria...

A baroneza de Barcellos começava a sobre-saltar-se. Frequentava aquella casa de Villarim e lá se servia quasi sempre de chá e licores. O marido proseguiu, com a frieza dos seus setenta annos :

— Soffria da mesma enfermidade que matou o pae, o conselheiro Dormundo, que foi senador do Imperio e dono das melhores terras do Reconcavo. Quando Villarim voltou da Europa, maniaco pela tal vida sportiva, como elle lá o diz, não o achei com cara de muita saude. Elle viajou para curar-se, era dyspeptico, arthritico e não sei que mais; apanhou-se em Paris, moço, arranjado, gastador... fez loucuras. Veiu a tempo de enterrar o pae. Não herdou grande cousa, porque o velho barão soffreu o golpe de que ainda me queixo... A extincção do trafico juntou-se com a epidemia do cholera que limpou as senzalas — duas pestes — e arruinou-o, como estão sendo arruinados os que ficaram como eu na dependencia de braços, ameaçados pela gritaria dos « philanthropos » e soccorridos, misericordiosamente, por uns magros auxilios á lavoura que antes se chamassem logo

auxilios aos banqueiros... Mas, como ia dizendo, Villarim encontrou aqui as duas irmans, filhas do Dormundo, ambas solteiras, fracas, mirradinhas; gostou de uma, tempos depois estava casado. É verdade que ella trazia fortuna, tinha essas terras do melhor engenho do barão, chacara num suburbio do littoral, escravatura grande, a casa que elle reconstruiu e onde mora, emfim...

— Um casamento de conveniencia, insinuou a baroneza.

— Talvez houvesse sympathia de parte a parte. Mas, em verdade, não comprehendí bem como um moço gosador, que vinha da Europa, exigente e incontentavel nos seus gostos, se tomasse de paixão pela D. Esther, tão chochinha, coitada!... O que não se pode negar, justiça se lhe faça, é que a morte da baroneza, com tres annos só de casada e tres filhinhos innocentes, o deixou amargurado da vida.

— Pobre senhora, suspirou Regina.

— De sorte que eu desconfio, com boas razões, que essa molestia da menina Clara... é mal de familia. Lembra-me bem o que disse o doutor Curvello, grande medico, muito piedoso... Deus o tenha em sua gloria. Voltavamos do enterro da baroneza, eu lastimando justamente o infortunio das tres creanças. « Senhor barão, disse-me elle, as pessoas que soffrem certas molestias, os seus paes, os seus tutores, todos deviam ter sempre na

memoria as palavras do Evangelho : — « Não póde a arvore boa dar maus fructos nem a arvore má dar bons fructos. » — Quer dizer, perguntei-lhe, que a baroneza recebeu uma herança fatal? — « Assim é, meu amigo; e mais ainda, que a baroneza não levou comsigo todo o seu patrimonio... Essas infelizes creanças que ella deixa... »

Regina insurgiu-se; zombou.

— Ora... Todos elles adivinham, não para mim.

Passou a criticar os medicos, a citar factos em descredito das suas prophecias. As filhas de D. Aurea, que morrera tísica, viviam de perfeita saude, gordas, sem o menor soffrimento. E a mais velha era até casada com um medico.

— Mamãe conhece-a...

Era exacto. Então a baroneza discorreu sobre as facilidades. Não admittia a opinião do seu medico, para quem as molestias do peito não offereciam perigo de contagio.

— Não, ellas pegam; mas só e só por falta de separação.

A culpa era das familias que se misturavam com os doentes, comendo todos pelos mesmos pratos e bebendo pelos mesmos copos. Confessava-se, a tal respeito, muito escrupulosa. Oh! o horror que lhe inspirava um tísico! Procedessem todos como ella.

— Toda cautela é pouca.

— Em sua idade, mamãe?...

Mas a senhora de Barcellos não estava pelo optimismo da filha. Já havia mandado a casa do barão de Villarim pedir noticias da menina Clara, enquanto esperava a occasião de ir pessoalmente. Agora, porém, sentia uma repugnancia invencivel por aquelle palacete. A unica a instar pela visita era Regina.

— Meu Deus, é uma falta... uma falta imperdoavel.

Barcellos, friamente, insistiu no « mal de familia ».

Ninguem mais do que elle desejava que falhasse o prognostico do fallecido Dr Curvello; mas o facto é que a pobre Clarita já lá estava doentinha do peito, assim affirmara o medico assistente, aquelle baixo e gordo que estivera no sarau. A irman tambem fraquinha, sem uma gotta de sangue, não apparentava saude... Quanto ao rapaz, o Lauro, bastava olhar-lhe o exterior, o despregamento das orelhas, aquella côr, aquella côr... e mais aquelle genio concentrado, sombrio...

— Ora eu creio, concluiu, que todos temos o nosso dia. Mas nem por isto eu me resolveria voluntariamente a comer os sobejos de um tísico ou a deitar-me junto com um morphetico... Tambem conheço a mãe de Helena. Vae resistindo, graças a uma longa estada no campo. Passou um anno na fazenda do cunhado, voltou mais fortalecida.

Depois só teve essa filha, que vae casar com o primo Lauro...

O barão accentuou essas ultimas palavras.

— Helena, proseguiu, é ainda um fructo da mesma arvore má : bonito, porém tocado. É dessas creaturazinhas que fazem a gente pensar que nasceram para viver em redomas. Galante, meiga, uma gatinha de estimação. Foi creada com desvelos de filho unico, quasi em commum com as primas. Eu gostava de vel-as unidas em casa do barão ; pareciam um congresso de bonecas, sociegadas, obedientes, sempre muito amimadas e presenteadas. O mais trefego era o Lauro, que hoje mudou d'agua para o vinho. Lauro tirou ao genio da baroneza, as irmans são um pouco orgulhosas debaixo d'aquella modestia. Ninguem dirá... Sahiram ao pae. A D. Judith e o marido se divertiam perguntando á filha quem era o seu noivo. A pequena apontava o primo e todos nós riamos... O caso é que o brinquedo pegou.

— É doente, aquelle moço... disse a baroneza, convencida.

— D. Judith, coitada, vive agora enclausurada, enchendo dias, com um tratamento, uma dieta .. Não quiz viajar. É um viver tristonho. Não sac, não vae a parte alguma. Lourival, o marido, viu-se obrigado a abandonar até o consulado para lhe fazer companhia. Se não tivesse

rendas não sei como passaria... Portanto só a menina apparece.

Regina deixou subitamente a conversação.

Sósinha, entre as venerandas antigalhas que guarneciam a sala de frente, pensava no filho de Villarim. Não obstante os golpes crueis que a palavra do padraсто desfechara em seus sonhos, ella sentia-se attrahida pela imagem doentia d'aquelle moço. A enfermidade, a herança funesta que lhe attribuiam, como que lhe accrescentava, a seus olhos, um interesse novo, um prestigio de ente fraco, digno de sympathia.

Desejava tomar a sua toilette, metter-se no carro e mandar tocar para o Campo Grande, para o palacete Villarim. Constrangida, não podia persuadir-se da necessidade d'esse isolamento a que a mãe e o padraсто condemnavam a habitação de Clara. Isso parecia-lhe, mais que descortezia, uma ingratidão. Não comprehendia esses temores.

Quão differentes lhe appareciam as duas moradas!

Lá, era o encanto de todas as cousas que a cercavam, os echos dos concertos que suggeriam outros echos, o esplendor do salão, e o terraço, aquelle logar inolvidavel, onde ella ouvira as primeiras phrases timidas que lhe denunciaram uma grande paixão... Cá, uma simplicidade fastidiosa, restos de velha decoração, antiguidades abominaveis, desde a mobilia pesada e negra e o papel

desbotado, até a baixella de prata que nunca sahia dos armarios, o lustre amarelento, o piano de mesa carunchoso e desafinado... E o padraço pensando só na safra, na moagem, nos bois... Que solidão! que aborrecimento! E devia, dentro em poucos dias, apartar-se da cidade, ir isolar-se no Engenho, onde não via senão lotes de negros, carros de canna a chiar, capoeiras de matto, e de vez em quando a cara antipathica de um caçador de codornas com pretensão a namoral-a...

Nisso os passos arrastados do barão annunciaram-se pelo corredor. Barcellos punha os oculos, a procurar na mesa um jornal. E com a mansidão de um cordeiro :

— Helena, minha filha, vê ahi nessa gazeta o vapor de Santo Amaro a que horas sae, depois de amanha... Não se pode viver tranquillo, sei lá como anda aquillo, entregue a uma sucia, longe das minhas vistas... Feitores maus, gente rebelde... Estou aqui, estou sempre desassocegado, com o juizo lá... A que horas, filha?... Já, depois de amanha, nem mais tempo p'ra nada...

O vapor sahia ás duas horas.

Então Barcellos voltou, com ar de soffredor, queixando-se da sucia. — Paciencia... Paciencia... — E foi mergulhar outra vez no conforto da espreguiçadeira, resignado a tantas consumições.

Uma atmosphera morna, de meio dia encoberto, pesava sobre o largo da Graça. Um vapor tepido

insuflava os aposentos, enlanguescendo, afrouxando os membros. O gordo casal adormeceu.

Entretanto a imaginação de Regina continuava a lhe representar as scenas que áquella hora se passariam sob o tecto do barão de Villarim, as scenas que já haviam passado; Helena, como parenta e intima, no circulo de cuidados, em volta do leito da enferma; dias inteiros, todos alli, conchegados, compartindo esperanças, apprehensões... Por Deus, tambem sentia, não era indifferente á enfermidade da amiga, via-lhe, commovida, o rostinho pallido e os olhos fundos que de lá espia-vam a saude, os sorrisos, a mocidade feliz de tantas outras, cá fora...

O espelho quadrado reflectiu a proposito o seu busto elegante. Regina ficou um momento a certificar-se dos seus dotes de formosa, da harmonia de sombras que os seus cabellos, seus olhos e supercilios distribuiam no rosto oval. Demorou-se, até que o barulho de um carro a impelliu com sofreguidão á janella. Esperou. Quem era reconheceu-a, e cumprimentou. O Dr Favilla. Ia, de certo, ao palacete... Regina experimentou um dos seus impetos irreprimiveis.

Entrou; chamou a creada. — Que fosse ao cubiculo dos cocheiros e mandasse apparelhar a caleça. Enquanto se cumpriam suas ordens, subiu, foi vestir-se.

Quando a mucama voltou, já ella punha o cha-

péo. O casal ainda resonava. E a pretinha retirou-se, espantada, sem comprehender aquelle azafama da senhora moça.

Regina correu á sala de jantar, sacudiu a baroneza e o padraсто, convidando-os a ir visitar Clarita. — Que não era possível... deixarem de ir... Que haviam de dizer em casa do barão? Passara naquelle instante o medico... Nada de perder tempo, mesmo que estavam de viagem para o Engenho. Que rezear?... Mamãe... oh!

— Meu Deus, que capricho! disse a baroneza vexada, com o rosto aquecido pelo calor da digestão.

Barcellos murmurou, levantando-se :

— Voluntariosa...

Elle conhecia as velleidades da enteada e não tinha nenhum empenho em prejudicar a seu sobrinho... Teve que resignar-se e convidar a mulher a vestir-se, para tomarem o carro.

IV

Desde a noite do sarau a casa nobre conserva a fachada erma, com as tres filas de janellas em arco cerradas, a porta principal como um sello de bronze interdizendo-o ás folias do mundanismo.

— É triste como um claustro, disse Vanique a um dos academicos, na primeira visita que lhe fizeram, dias depois.

Apenas a uma janella do muro lateral, que olhava para o nascente, viram assomar a cabeça loura da governanta.

Eram 8 horas da manhan. O portão de ferro estava aberto. Os dous moços pararam, espreitando a escada em semi-circulo, coberta por um docel guarnecido a lambrequins, a escada que conduzia aos aposentos do andar terreo. O mesmo silencio, lá dentro.

De repente viram no topo da escada um grupo de moças. Eram tres; no meio a enferma. Descia muito de vagar, pelos braços de Esther e Helena,

com o collo envolvido numa leve manta de seda azul. Elles hesitaram, disfarçaram-se, com escrupulos, detraz dos ramos de um jasmineiro. A doente fez uma breve pausa, embaixo, voltou lentamente o rosto para o portão, e seguiu, entrando pelas sombras dos flamboyants, cujas ramas de um verde gaio se cruzavam sobre larga avenida alastrada de areia.

Desfigurada, os olhos cheios de melancolia, aos cantos da bocca uma crisão de amargura, não era mais Clarita, a açucena odorante que floria no salão; não era mais aquelle passaro de plumagem rosea, cuja garganta se desatara nas melodias do madrigal. Que pena parecia causar ás suas duas amigas e companheiras! — Pobre Clarita!

Os dous rapazes deixaram passar a creada, que levava uma cadeirinha de bambú. Ao centro do tunnel de verdura viram sentar-se a enferma, olhando para os massios de arbustos, roseiras, beijos de frade, graxas, outros jasmineiros, por entre os quaes volitavam colibris de fogo e se desdobravam alcatifas de grama de um tom lilaz muito suave. Acabavam de ver um fantasma; não Clara, mas a alma de Clara, na estranha apparição d'aquelle rosto que já presentia o frio do sudario.

Sob essa impressão entraram e logo reconheceram a inconveniencia da sua visita, quando en-

contraram Villarim a passear de um lado para outro, como que alheio de si. Poucas palavras de cumprimento, e sentados, em silencio, ouviram, sentiram a irritabilidade penosa com que aquelle pae acompanhava os soffrimentos da filha.

O barão não se conformava com a força cega e maligna que sem explicação, para elle, aggre-
dira e atirava para cima do leito a um dos seres mais queridos que existiam na terra. Não podia resignar-se, vendo a filha alquebrada, ferida no intimo do peito por uma púa mysteriosa que lhe arrancava o sangue precioso. Naquella face angelica onde não pousava um argueiro que elle descobrisse, porque fazia cessar incontinenti a profanação; naquella cabeça de creança que os seus osculos ameigaram desde o berço, ardia agora o fogo de uma febre pertinaz, devoradora, ameaçando consumir toda aquella belleza para elle sagrada. E continha exclamações, espedaçava-as na garganta:

— Doença... oh!... terrivel... doença!

Assim todos os zelos e confortos de que cercava os seus estremecidos filhos começavam a frustrar-se. Não valiam, então, extremos, cautelas, vigilancia, amor, contra os assaltos do inimigo traíçoeiro que os homens da sciencia denunciavam ao escrupulo dos outros. Para que, pois, medicina? Quem mais escrupuloso do que elle? Então as taes cautelas não serviam de nada, não defendiam

o corpo d'aquellas invasões sacrilegas que abatiam os seres mais nobres e mais dignos de viver...

O barão calou-se. O seu silencio acabou de constranger os dous moços; e elles despediram-se, sem ter visto Lauro.

Do seu gabinete de estudo, no mesmo andar terreo com janellas para o jardim, Lauro suspendia os olhos dos livros e punha-se a mirar o grupo, lá fóra. O mesmo quadro de todas as manhans. Esther e a prima, de redor da enferma, buscavam distrahil-a, catando flores, acariciando-a, enquanto o preto jardineiro cuidava dos canteiros orlados de petunias. De vez em quando as plumas dos flamboyants estremeciam, desfolhando flores escarlates. E sempre que uma petala cahia na areia branca como que um tremor de espanto percorria o corpo da doente. — Seria a visão rutila do seu sangue, tantas vezes derramado?... Afinal o chão da aléa juncava-se de petalas; mas esse desflorir continuado de certo acabava por indispor Clarita. Ella recolhia-se.

Para lhe fazer a vontade, haviam-lhe arranjado um quarto, contiguo ao gabinete de Lauro, nesse andar inferior, — uma asseada camara forrada a papel azul celeste, banhada por uma luz diffusa que atravessava stores, e onde circulava o ar com aromas dos canteiros. Ahi, num leito de faia, passava os dias e se prostrava, ao entardecer, em

accessos febris de uma pontualidade que exasperava o irmão.

Logo no dia seguinte ao da soirée viera o medico da familia, em companhia de Carlos. Escutou a enferma, fez-lhe perguntas, percutiu-lhe o peito e as costas, animou-a e receitou. Essas visitas succederam-se quotidianamente, e uma vez, antes de sahir, o doutor Favilla conferenciou com os dous jovens collegas e falou-lhes em « desordem » de certa funcção, « desvio », « retrocesso ». Lauro não se contentou com isto. Quiz saber se o ouvido não percebera algum ruido suspeito. O clinico respondeu vagamente, prometendo estudar melhor os ruidos; e sahiu com animo, fazendo crer que venceria a batalha, porque acabara de ler nas feições de Lauro signaes desoladores de profundo alarma.

Desde esse dia o filho do titular atirou-se aos livros com verdadeiro frenesi. A clinica hospitalar, durante o seu tirocinio, poucos casos lhe deparara identicos a esse da irman. Os grossos tratados de pathologia, ainda os não havia esmiuçado sufficientemente. Estava por educar o ouvido.

A doente continuava aos cuidados de toda a familia e mais de Helena. Amavam-se tanto!...

O barão sentia crescer o seu panico á proporção que a marcha da molestia ia reproduzindo alguns dos symptomas e accidentes que elle vira, longos annos passados, no curso da enfermidade que

arrebatou a baroneza. Por mais que o medico se encarniçasse a serenar-lhe o animo, o que elle testemunhava na camara da filha era aquelle passo doloroso de outrora, — a mulher livida, emaciada, sumindo-se aos poucos sobre as colchas do leito; alta noite, o som cavernoso da sua tosse accordando-o em sobresalto; e aquellas faces encovadas, aquella cabeça delirante, onde se operavam allucinações. Tambem, como ella, Clarita se fazia mais subtil, queixava-se de ancias, de palpitações, tossia, tinha repugnancia aos alimentos, e febre, a mesma febre minaz, consumidora.

Os escarros vermelhos, depois de uma semana, tinham cessado. Veiu um dia, porém, dia de asombro, em que o sangue bofou espumoso, abundante, como se todas as arterias, rompendo-se de golpe, se houvessem despejado nas entranhas da enferma e ahi accumulado aquella onda rubra. Depois disso quasi desapareceram as effusões que tamanho terror causavam á pobre Clarita, um medo excessivo de morrer, um pavor que ella manifestava em gestos e palavras debeis, mofinas. Mas desse dia em diante appareceu a febre mais alta, queimando-a nas horas mais frescas, á tarde, quando ella desejava descer ao jardim, como dantes, para ir sentar-se no banco á sombra de um tamarineiro e assistir aos occasos de nuvens purpureas e alaranjadas. Muitos outros desejos vinham seduzil-a e a final escarnecer da sua fraqueza.

Tossia, tossia pela madrugada, e a essa hora sempre o irmão lhe acudia primeiro que todos, a palpar as colchas do leito, humedecidas por um suor tão copioso que dir-se-ia ter cahido alli a orvalhada de uma noite inteira. A sua fala era entrecortada e offegante.

Entretanto, perdera aquelles terrores que a principio lhe salteavam o espirito; ia concebendo esperanças de curar-se, de ficar boa e reentrar na sua vida faustosa, brilhante e feliz. Isso, especialmente, quando Carlos apparecia e com solicitude procurava saber do seu estado.

Um dia veio elle com o Dr Favilla e demorou-se horas após a visita do assistente. Estava no gabinete de Lauro, quando chegou o filho da viscondessa. Serio, com a fronte um pouco descahida, mas sempre a ruga antipathica entre as sobrancelhas, Cypriano approximou-se do leito e segurou a mão de Clara, perguntando :

— Ainda tem febre?

— Tem, disse o barão.

— Isto é mau... Mas ha de passar.

Ella desviou os olhos e pregou-os no reposteiro que a separava de Carlos. Cypriano sentou-se num divan defronte d'ella, a conversar com o barão sobre sua proxima viagem á Europa. — Ia fazer uso de umas aguas thermaes muito famosas. De espaço em espaço lançava-lhe um olhar meio compassivo, meio indifferente. Momentos depois

reappareceu Carlos e cumprimentou-o; Cypriano respondeu parcimoniosamente e continuou a falar de sua viagem.

Ella irritou-se, começou a tossir, e como Cypriano se levantasse e viesse com o barão e o doutor até á cabeceira do leito, apartou-o com um gesto impaciente.

Passado o accesso, ainda o viu inclinar-se e estender-lhe a mão, emquanto ella punha os olhos melancolicos na physionomia franca e leal de Carlos Veiga.

O irmão sahiu de traz do reposteiro, foi ao corredor, consultou de longe a pendula que batia no gabinete do barão, e d'ahi a pouco voltava com Helena, trazendo esta numa salva de prata uma chavena de leite.

Sua querida Helena... Era quem desempenhava essa tarefa, usurpando-a, dia por dia, á governanta. Muito pesarosa, vinha a principio todas as manhans e voltava á tardinha para casa. Mas agora passava dias e noites consecutivas, ao lado de Esther, pedindo e acceitando grande parte no trabalho e nos extremos que a doente exigia.

M^{me} Ronnier dirigia os serviços ordinarios, sósinha arranjava a mesa, presidia ao asseio diario dos diversos compartimentos, dando ordens á creadagem, mucamas, negrinhas tiradas desde pequenas ao labor do Engenho. Esforçava-se, á hora das refeições, para conseguir que o barão, o

filho e principalmente Esther se servissem de mais alimento, pois toda a familia desperecia a olhos vistos, nada lhe sabia, a moça queixava-se de amargos de bocca, o rapaz tinha sempre um ar de abstracção e vinha frequentemente para a mesa com um livro e leitura por acabar. Apenas se levantava a mesa, Esther corria para a cabeceira da enferma.

Nessa manhan em que o filho da viscondessa veio visital-a, Clara, mais quieta, sentindo os effeitos de um balsamico, teve um capricho que maravilhou a familia. No silencio da camara, deitada sobre o flanco, apercebeu accordes longinquos de piano; concentrou no ouvido quanta energia de attenção lhe restava, e de repente falou para Helena, mandando chamar a preceptora. M^{me} Ronnier interrompeu os seus labores no andar nobre e veio saber o que havia.

— Um favor, M^{me}, disse-lhe a doente, com um reflexo de prazer na pupilla, — vá lá, em cima, tocar... Olhe, o madrigal...

A governanta olhou para os circumstantes. Como resistir-lhe? Ella rogava; aquillo lhe daria tanto consolo, tanto allivio...

— Vá, M^{me}, pediu por sua vez o barão.

D'ahi a instantes, no salão todo fechado, alumiado apenas pela meia luz que o invadia atravez de uma vidraça lateral, soava o instrumento pianissimo, a onda sonora rolava mansa pelos

aposentos e corredores, chegava ao quarto da enferma quasi em surdina, como se temesse ferir os ouvidos á gente que transitava lá fóra.

Clara estendeu um braço para o collo da irman, cerrou as palpebras, e no semblante esmaecido, com o nariz mais afilado, a bocca pequena entreaberta numa mimica de volupia, deixou transparecer deliciosas sensações.

— Sente-se melhor? perguntou Esther.

— Bem.

E fez uma pressão suave no braço da irman.

Silencio, que ella estava revivendo um serão feliz, aquella noite em que Carlos Veiga, chegado de um paiz desconhecido, cantara as estrophes do madrigal. Ella escutou-as, enlevada, sabendo lhe serem dirigidas e sentindo-se amada, desvanecida com a confissão de Carlos, que provava não se haver esquecido, longe d'ella, dos seus antigos protestos...

Depois, o salão fulgurante, no ultimo sarau; as vozes do violoncello e dos violinos, ora graves e enternecedoras, ora alegres, precipites, ardentes, enquanto os labios de Carlos, o bom e sympathico, murmuravam a linguagem mais doce que ella já ouvira em sua vida...

Ás notas do piano ia juntando mentalmente a letra do madrigal. E que desejo, se pudesse pôr-se em pé, que vontade immensa de subir e executar outra vez a canção que parecia intencional-

mente interpretar o seu amor!... Mas consolava-a uma perspectiva, a de um futuro proximo, quando ella, readquirida a saude, podendo andar, vestir-se, passear pelo jardim, entraria de novo no goso da sua mocidade, cantaria e dansaria ainda mais nas festas do lar, poria ricos vestidos, e á ternura de Carlos corresponderia francamente, amando-o, amando-o, como elle talvez não suspeitasse ser amado.

Outros, mais outros risonhos quadros vinham se delineando, colorindo, ganhando relevo, e ao passo que a voz do piano era abafada os factos mais remotos surgiam; pullulavam recordações dos primeiros tempos, desde o dia em que aquelle moço viera, em companhia de Lauro, até a sua visita, quando ia partir para a Europa. O abalo que lhe causara essa noticia... a tristeza dos dias seguintes á partida, os sonhos, os extravagantes pensamentos durante a ausencia de Carlos... Emfim tornara a vel-o, ainda mais polido, mais distincto e agradável do que fôra...

Quando M^{me} Ronnier desceu e com um sorriso bondoso vinha perguntar-lhe se estava satisfeita, encontrou Clarita convulsionada por uma tosse violenta. Lauro acudiu do seu gabinete de estudo, mas já Helena amparava o corpinho leve da prima, enquanto Esther remexia na banquinha de xarão, num angulo da camara.

Lauro voltou ao gabinete.

O que o atormentava era a curiosidade indomável, frenética, de conhecer a fundo as causas, a marcha, todos os symptomas e complicações possíveis, e o tratamento da molestia. Divergencias de doutrina punham-no em desmedida irritação. Elle desejava que as observações e theorias dos mestres consultados se harmonizassem de tal sorte, que lhe não fosse preciso estacar, hesitar, tantas e tantas vezes, indagando de si para si qual o mais auctorisado, o mais digno de fé. Entretanto as discordanças recommçavam sempre, a cada pagina dos tratados. Para uns a existencia de certo corpusculo, só por si, não condemnava o paciente; era isso, para outros, o presagio funesto, o começo do fim. Ora o Dr Favilla tinha confirmado a presença dos taes corpos, nas suas ultimas explorações... Que concluir? — Questões arduas, assombrosas!

Lauro, adiando-as, cahia de novo sobre os livros. Aterrava-o sobremaneira o dogmatismo de certos conceitos, que relia com um respeito pusillanime, como se estivesse a passar pelas mãos laminas frias de punhaes. Estava deante de uma volumosa obra, em cujas paginas pesava a auctoridade soberana de um nome celebre. A lição do sabio tinha a crueldade serena de velho algoz. Falava, sem vislumbre de commiserção para as miserias do ser humano, falava em individuos mal nascidos, em diathesicos, — gottosos, syphiliticos, escrophulosos, como terrenos admiravelmente fer-

teis naquella vegetação lethifera... Mostrava os descendentes desses desgraçados nascendo com a predisposição, a receptividade fatal para o germen dissolvente e sua propagação, aptos para continuar em seus filhos, e nos filhos de seus filhos, a terrível proliferação do cancro. Dizia da tísica — que era o meio de eliminarem-se as raças degeneradas, os entes fracos, mesquinhos, improprios para a perpetuação da especie; e exprimindo-se assim, como que insinuava o character providencial da infame ceifadora!

Mas fechava o livro; pegava de outro; nervoso, precipitado, corria os dedos pelo montão de folhas. E lá surgia nova dissonancia nas paginas do austero tratadista. Já se punha em duvida a propria identidade da leção... Tambem ali as apparencias enganavam... Então, sendo assim custoso discernir, verificar dissemelhanças, não fôra absurdo admittir um erro do assistente. Accresciam argumentos, observações que vinham desarranjar uma supposta lei de concomitancia... Eram factos contra factos. Era um labyrintho de antinomias, um batalhar de hypotheses que se devoravam. E quanto essa sciencia que nunca dizia a ultima palavra deveria torturar a humanidade que soffria, sempre, sempre com os olhos nella, a esperar salvação!

Numa dessas crises, Lauro passeava no gabinete, olhando, sem ver, os objectos que o rodea-

vam, crispado por subitas impaciencias, se vinham chamal-o para algum mister que não fosse relativo á enferma. As paredes eram cobertas de mappas, schemas, taboas onde se desenhavam esqueletos, visceras, feixes de musculos; na mesa de estudo, fronteira á estante, espalhados em desordem, abertos uns, marcados outros, volumes da contradictoria pathologia, cursos de clinica, dictionarios, revistas. Lauro parou em face de um d'aquelles quadros e poz-se a examinar uma viscera crivada. Sentou-se depois, apoiou o queixo a um grosso livro e numa especie de hypnose, ficou a contemplar alguma cousa ausente.

Estava deante da mesa das dissecções, no hospital, estudando no pulmão de um misero cadaver estraçoado por tenazes, serras, bisturis e escalpellos, o processo da morte. O pedaço de pulmão esponjoso, todo ponteadado, cheio de cabeças de alfinete e pontos endurecidos, lhe tremia nas mãos. Lembrava-se, todavia, de que o infeliz, a cujo peito fôra arrancada essa porção da viscera, não succumbira á tísica. Então o professor tomava a palavra e vinha elucidando: — « A lei da tolerancia... » — Ah! mas estaria acaso a sua pobre irman debaixo d'essa garantia? Possuia o seu organismo aquella resignação physica, de que falara o professor?

Dia de tormentos!

— Lauro! chamaram-no, outra vez.

Era tarde. Já lhe tinham advertido que o jantar ia servir-se. E elle tão longe ainda de conhecer os arcanos d'aquelle precioso corpo enfermo, solapado por estranhos cavadores !

Ergueu-se novamente. Os olhos cansados não podiam mais ler. Olhou para fóra. O sol agonizava, accendendo nas copas achatadas e leves dos flamboyants um clarão pallido e frio.

Já não era só o pulmão do cadaver dissecado na sala do hospital ; era tambem o de sua propria irmanque tomava contornos e volume em sua imaginação. E comparava-os, e inquiria se estavam ou não no mesmo caso. O assistente não occultara certos phenomenos, que o impressionaram. — « Um sopro... um sopro... » — De onde vinha esse sopro ? Do vacuo. Havia então no peito de Clara roedores implacaveis que se nutriam da sua vida ! Seria então chegada a penultima hora, a hora do saque pela legião parasitaria ! O inimigo perfido invadira silenciosamente os mais frageis baluartes da querida existencia !...

Engolfado nessas cogitações, Lauro não percebeu que alguém chegara á porta do gabinete, em trajos brancos, na simplicidade da mulher que se consagra a uma tarefa com abnegação.

— Primo, venha... são horas.

Só então elle se voltou e viu no olhar claro de Helena a mesma expressão daquella voz que acabava de lhe falar, antes como um rogo do que um

convite. Longe, porém, andava o seu espirito, perdido como um batel sobre ondas negras, desgarrado pela tempestade; tão longe, que elle ficou um instante sem entender bem o que ouvia. Por fim, entrou na realidade.

— Sim, sim... O jantar, não é?

Helena retirou-se oppressa. Amava-o sempre, mas agora juntando ao seu amor uma piedade secreta, sentindo o fermentar de uma paixão triste, a pena de o ver sempre alli, naquelle isolamento, a morrer no estudo.

À mesa sentaram-se todos, menos Helena.

— Porque não vem? interrogou o barão.

— Sirvam-se... acabem.

Insistiram. Ella resistiu e desapareceu da sala.

O jantar correu em silencio, como nos outros dias. Só a preceptora aventurava alguma palavra, que não tinha echo. À extensa mesa, cheia de crystaes e baixella, vinham e voltavam pratos quasi intactos. Excepto M^{me} Ronnier, passavam o mais do tempo da refeição a contemplar friamente as grandes paizagens enquadadas no fundo laca das paredes, os guarda-louças, os vasos de flores.

Ao terminar, ainda o barão falou para a governanta :

— É preciso que a menina Helena não abuse. É fraca, deve alimentar-se á hora certa.

— Sim, senhor... faz mal. M^{lle} pode cahir em debilidade.

— Levanta-se alta noite, perde horas de somno... Ao menos alimente-se...

Lourival aguentava já uma doente; D. Judith não podia comsigo. Como se havia de arranjar se a menina lhe entrasse em casa queixando-se? E isso era bem de recluir, pois Helena, tão dedicada á prima, não se poupava, nem de dia nem de noite.

— Não, não a queria para enfermeira. — É muito amiga da prima, sei disso; mas não se entregue a excessos.

Era noite. Após alguns conselhos affectuosos para que Helena se alimentasse e encurtasse as vigílias, Lauro adormeceu alli mesmo, no refeitório, em uma espreguiçadeira.

Villarim acabara de receber a *Gazeta do Povo*. Mandou accender as arandelas do escriptorio, consultou a pendula, arredou a poltrona junto á vasta secretaria e sentou-se a ler. Um titulo saltou á sua vista : *Raça cavallar*. A despeito da situação domestica, leu com interesse, esquecido alguns momentos da vida angustiada, dos dissabores que já duravam um mez.

Tudo, no artigo, lhe pareceu bom para agitar; aproveitadas todas as notas que fornecera de memoria. Vinha mencionada a sua cavallariça. Comprehendia. Era uma suggestão, um meio de mover a curiosidade publica para a sua pessoa, de o indicar como centro director de qualquer movimento... Havia um engano, afinal de pouca monta; a cou-

delaria Botelho não era no Rio, mas em S. Paulo. Conhecera, oh ! quantos annos já lá se iam ! aquelle magnifico estabelecimento. Bonitas peças obtidas por cruzamento de garanhões arabes e typos de meio sangue. Lembrava-se tão bem das disposições internas da coudelaria quanto da conformação, da côr e do porte de alguns animaes. Cousas que aqui se poderiam conseguir... Mas... onde estava a sua iniciativa ardente e batalhadora de outros tempos ? Como pensar em negocios, quando via sua filha num leito de agonias, sem melhoras, indo para traz, para traz ?...

Metteu o jornal em uma pasta, e entrou a passear, meditativo, até que o filho, despertando, procurou tambem a *Gazeta*.

Mais tarde foi á camara de Clara. Eram horas de transportal-a para o aposento do ultimo andar.

Nessa noite, horas mortas, ergueram-se todos assustados para acudir á enferma. Uma tosse, com vomitos, abalara-a extraordinariamente. Deram-lhe remedio. Seguiu-se uma abatimento geral, tão profundo, que a suppuzeram em termos de succumbir. Aqueceram leite, metteram colheradas na bocca de Clara. A prostração durou um quarto de hora. Emfim o corpinho exinanido pareceu readquirir algum vigor.

O barão não pôde mais dormir.

Á janella do seu quarto, lobrigando, no fundo sereno da noite, as manchas baças dos outros

edifícios, onde outras famílias pernoitavam tranquillamente ; vendo o céu estrellado, aquelle espaço mudo e infinito como o seu soffrimento, sentiu a dor de um desamparado, a quem a Providencia negava uma restea de consolação. — Que triste, a vida ! Elle alli se via quasi em abandono. Todas aquellas familias que enchiam o seu salão, em noites de festa, repousavam, talvez sem pensar um instante na desgraça que lhe estava imminente. Dos amigos, poucos se lembravam de vir saber o estado de Clarita. Bem poucos. O conselheiro Cardoso, o Ferraz, a senhora de Favilla... esta só, sem as filhas... Tambem Cypriano, uma vez, quasi indifferente, todo absorvido pelo seu projecto de viagem á França. Barcellos, d'esse, apenas dous ou tres cartões de visita. Porque ? Acaso era sua filha o leproso das Escripturas?... Infeliz, infeliz !...

Tornou a recordar o ultimo sarau, o seu salão colorido pelo tom vermelho das tapeçarias, pelo crystal dos espelhos e o ouro das molduras, a regorgitar de todas aquellas pessoas — donzellas, matronas, titulares, dandys, todos esses que lhe prodigalisavam considerações e gentilezas, a elle, aos filhos, e riam, dansavam, cantavam, erguiam brindes, em honra sua. E comparou aquelle quadro vivo e luminoso das seratas festivas com o abandono presente, — a camara da filha enferma, longos e longos dias frequentada apenas pelos seus,

pelo medico e pelo Carlos, — uma visita a grandes intervallos, esta mesma rapida, ora com ares de commiserção equivocada, ora conversando sobre negocios que nada lhe importavam, que eram até um desacato a seus males...

Recostado no leito, com as vestes, revia tudo aquillo que passara, num esbatimento crepuscular, como se já houvessem transcorrido annos. Os seus amigos, os seus commensaes, iam transitando como sombras fugidias, arrastando mulheres e filhas para bem longe do palacete, e elle só, quasi só, ficava alli, debaixo de um tecto que lhe pesava na alma como a abobada de um calabouço, assistindo á morte lenta de sua Clarita...

Villarim ouviu um gemido suave.

Deu um salto da cama, foi á beira da enferma, escutou, alisou-lhe a fronte, beijou-a de mansinho nos cabellos.

Ella dormia, enfim, e a seu lado, num pequeno divan de palhinha, Lauro toscanejava.

V

No dia seguinte veio Lourival.

D. Judith queria a filha, por um dia, junto a si. As saudades eram muitas.

O doutor Favilla tambem veio saber o effeito do creosoto.

— Tosse, muita tosse, e vomitos.

Lauro abanava com a cabeça. O doutor coçou o queixo, sem dizer palavra. Finalmente receitou.

Quando o medico sahio, Lauro encerrou-se no gabinete. Considerava o caso perdido, sem ter animo de prevenir o pae e a irman. Continuou, todavia, a ministrar os balsamicos. Se a tosse não cedesse, elle acceitaria a indicação do assistente : empregaria o opio. — Sim, que ao menos morresse sem soffrer mais a tortura infernal da noite passada.

Começava a capitular. Isolou-se a ler, a estudar, mas repellindo amiudadamente os livros para seguir alguma cousa funebre que desfilava lá fóra,

que sahia do fundo da sua imaginação e enchia todo o seu campo visual. Era um prestito, um caixão todo de alvo, coberto de flores, sobre um coche dourado; dentro, a imagem de uma santa, pallida como cêra, com uns tons violaceos no semblante immovel e frio.

Esta visão revestia-lhe a alma de crepe, mas elle familiarisava-se com ella.

Quando o rodar de uma carruagem chegou aos seus ouvidos, Lauro, acreditando que era o Dr. Favilla que retrocedera, perguntou a si mesmo :

— Para que mais?...

O carro que acabava de estacar á entrada da alameda era o de Barcellos. Lauro avistou pela janella do gabinete uma cauda de vestido verde-bronze roçando pelo estribo da caleça e desaparecendo.

Se algumas vezes, desde a noite do sarau, pôde evadir-se á sua preocupação dominante e pensar em Regina, longe estava, naquelle momento, de esperal-a em sua casa, a dous passos d'elle. Aquelle pedaço de estofo, brilhando e sumindo-se como o bater de uma aza, tornou-o agitado. Nervoso, entrou a arrumar os livros, a dispor os objectos esparsos na mesa, um tanto inconscientemente.

Pareceu-lhe, a principio, inoportuna, aquella visita. Regina vinha despertar sentimentos que deviam ficar amortecidos todo o tempo que durasse a molestia de Clara. Seria uma irreverencia,

uma falsidade, uma traição a seu proprio sangue, distrahir-se da enfermidade da irman para pensar em outra creatura com amor.

Promptificava-se, no entanto, a apparecer. Mas no acto de correr o reposteiro sentiu-se tolhido por um acanhamento inexplicavel. A esse tempo ouvia confusamente a voz arrastada e estertorosa da baroneza.

Quando se decidiu a sahir, pallido, perplexo, traspassado de emoção, encontrou á sua frente o rosto corado e fresco de Regina. Inclinou-se, apertou a mão que ella lhe estendeu, com um olhar fito, pesquisador. Abraçou o senhor de Barcellos, e cumprimentou a baroneza, que estava sentada no divan a olhar para a enferma.

O barão desculpava-se de não ter vindo antes.

— Os velhos, dizia, custam a mover-se. E bem sabem que, tirante a minha enteada, a nossa casa é um asylo. Além disso tive uma visita incommoda — a minha gotta.

— É o que apparece, disse Villarim. Doenças, doenças... E felizes os que podem lutar e triumphar.

— Ah! de certo.

Regina voltou ao leito da doente, com Esther. Fazia-lhe breves perguntas, compadecida de sua magrem, e aconselhava : que tomasse os seus remedios ; animava-a : tomasse e ficaria boa. Aproximou-se mais, accomodou-se á beira da cama

e tomou a mão de Clarita. O contraste era pungente para os irmãos, que assistiam ás caricias daquelle sangue salubre, daquelle saude florescente ao corpo exausto e á mão febril da enferma, cujos olhos morriam num fundo azul diaphano. Sensíveis, reconhecidos á delicadeza de Regina, os dous irmãos acceitavam os afagos quasi como uma acção caridosa a elles feita.

— Sinto não poder vir mais, tão cedo, disse Regina. Vamos para a fazenda.

— Se eu pudesse...

— Oh! é uma solidão, respondeu a baroneza.

A doente, num bafejo de voz, repelia : — Se pudesse ir... pois já lhe doiam os ossos, estava aborrecida, sempre a mesma cousa, nada via...

— Fique boa, fique boa primeiro. Ha de passear, ha de ver o Engenho. Vae com Esther.

Regina continuou, acenando-lhe com essas e outras promessas, tal se falasse a uma creança. Clara queria sentar-se e a amiga dispunha-se, pacientemente, a amparal-a. Mas a baroneza advertiu :

— Não convém. Está tão fraca... Melhor é ficar deitada, e não falar muito.

A doente obedeceu, mas não deixou de falar. — Muito desejo de andar, de mudar de casa, de ir para longe d'alli. O que mais a incommodava era a febre... Passando a febre, não ficava mais... Se

sahisse melhorava de tudo. A fazenda não era longe...

— Não, não; vae-se num dia.

— Pois sim... iremos todos... Helena? perguntou, lançando as vistas em redor.

Mas lembrou-se logo de que Helena tinha ido para casa aquella manhan. Calou-se. Perguntava ainda pelo adeantamento de Regina, pelos seus estudos de piano, pela *berceuse* de que esta lhe falara no ultimo sarau. Logo que ficasse boa havia de pedir-lh'a para mostrar a M^{me} Ronnier... Mas aquella febre... e a fraqueza... Era só o que a vexava.

A senhora de Barcellos caminhou para o corredor, e seguiu com a governanta que a encontrara ao descer dos andares superiores do palacete. Na sala de jantar os dous barões conversavam do artigo da *Gazeta*, Villarim lamentando que a doença da filha viesse lhe absorver toda a attenção e todo o tempo.

Do mar, que se via por entre folhagens massiças do pomar, soprava uma brisa tepida.

— Que refrigerio, disse a baroneza, fechando o leque.

Aquella hora, informou a governantá, era aquelle o lado mais fresco da casa. Em cima ainda melhor. Havia um mez, porém, que todas as cousas agradaveis do palacete e suas dependencias, jardim, pomar, alameda, eram como se não existissem.

Todo o tempo se empregava em cuidar da enferma.

Num dos trechos resplandecentes do mar, avistou um paquete fumegante approando á barra. Apontou-o á baroneza. — Ah! começava a ter saudades do seu bello paiz de França. Esperava carta de um filho que devia regressar de Tunis dentro em pouco. Talvez a esse tempo fosse obrigada a despedir-se da casa do senhor barão, o que faria com algum pesar. Havia doze annos que morava na casa, dando-se muito bem, ensinando as meninas, que eram intelligentes e boazinhas. Tinha muita pena de M^{lle} Clara.

A baroneza arregalou os olhos e indagou, mysteriosamente :

— A molestia da menina é má, não é?

— Qual é a boa, madame?...

E explicou-lhe que não era nenhum receio da molestia de Clara que a levava a repatriar-se. Iria, se o filho lhe escrevesse, como esperava, mas sómente depois do desenlace da enfermidade. — Oh! não... abandonar a familia, naquelle estado!...

Villarim mandara servir licor, um licor finissimo e aromatico, da predilecção dos Barcellos. A governanta foi chamar Regina.

— Sirva-se, baroneza.

A senhora de Barcellos hesitou. O mesmo fez o marido.

— Então não querem?

Ambos recusaram.

— Faz calor.

— Refresco, insistiu Villarim.

Ainda recusaram. — Tinham almoçado.

Vinha entrando Regina com Esther. Atraz d'ellas, Lauro, que vendo á cabeceira da mesa o licoreiro, adeantou-se e derramou licor em um calice minuscúlo, pegou da salva e offereceu. A baroneza pigarreou forte. Regina bebeu ; depois, sempre affavel, perguntou por Helena. E como Esther principiasse a elogiar com enternecimento a prima e a desenrolar a longa serie dos seus serviços e dedicações, desde os primeiros dias da molestia de Clara, empenharam-se ambas numa conversação prolixa, muito intima, pontuada de interrogativas e suspiros.

Conversavam de pé, afastadas do grupo que os titulares formaram no extremo opposto, e a que se fôra juntar a baroneza. Quando Regina voltou-se a procura de Lauro, este já não estava.

Tinha ido á camara da enferma ; dera-lhe a dose do remedio, entrara no gabinete, sempre agitado, como que em busca de uma solução. Afinal avistou nas sombras da aléa o preto jardineiro. Chamou-o, deu-lhe uma ordem.

A doente queixava-se de estar quasi só ; queria que a cercassem e conversassem tambem com ella. A governanta foi chamar as senhoras. Clara fez-lhes recriminações infantis, ralhando num queixume que fez sorrir de pena a Regina. — Porque a deixa-

vam só? A visita era d'ella... Viessem. E fez um convite a amiga. — Se ainda estivesse na fazenda, quando ella ficasse boa, havia de receber uma carta... A baroneza consentiria. Não?

— Sim, menina, mas fique boa.

— Peço a Deus, todos os dias...

— Elle ouvirá.

A doente tornou a queixar-se. — Aquella fraqueza... se não fosse a fraqueza... Mas Regina que se lembrasse... A musica para M^{me} estudar e executar. Escrevesse muitas vezes, não se esquecesse d'ella.

O pae afastou-se e foi para o escriptorio, ouvindo lamurias de Barcellos a proposito da falta de bracos e da emancipação dos negros sexagenarios. O velho barão ia tratar seriamente dos seus negocios, disposto a demorar-se no Engenho muito tempo. Aceitava o degredo, ia enterrar-se no matto. Que remedio, senão ser assim?

De repente, cravando os olhos em Villarim :

— Mas tens envelhecido muito, neste pouco tempo!

Villarim deixou cahir os hombros, vergou a fronte e permaneceu alguns minutos com a barba branca sobre o peito da camisa. Em seguida levantou-se, e a passear de um lado para outro, elle, que era avaro dos seus desgostos, entrou a lastimar-se francamente.

— Os dissabores que tenho curtido... Noites em

claro, somnos curtos, sobresaltados, fastio, apprehensões, mil apprehensões, que me perseguem a toda a hora... Ainda ha pouco, emquanto você me falava, eu tinha o espirito cercado d'esses fantasmas que são a minha companhia inseparavel, que me tornam até insociavel, aborrecido... Tem sido este o meu viver; ha trinta e dous dias que isto é assim.

— Trabalhos, trabalhos...

— Vendo esta filha padecer, gemer, acabar-se... sem remedio! Os irmãos, como eu, mal podem cerrar os olhos uma ou duas horas por noite. Aqui não ha mais distracção possivel, todos os pensamentos, todos os cuidados são para ella. Ah! se cuidados valessem... Nada. Não vejo melhoras. É um martyrio, meu amigo... Receio por ella, receio pelos outros. O Lauro faz-me medo, naquella reclusão, em cima dos livros, estudando, estudando... e soffrendo. É um soffrimento surdo. Não sei o que será...

— Resignação, murmurou Barcellos, vendo-o apertar a cabeça nas mãos. Sei o que isto é... O que padeci, lembra-se, durante a molestia d'aquella a quem Deus tem...

— Sim, sim... Hontem a vi perdida... quasi morta...

— Foram tres mezes de vigalias; duas operações dolorosas, medicos e mais medicos, para afinal...

— Teve um quarto de hora de colapso. Vi-a morta, morta...

— Que diz o assistente?

— Não desespera... Sei lá se elle mesmo se engana ou nos engana? Lauro nada me diz... Ai! de nós, meu amigo, quando chega o dia em que o nosso destino pende dos labios do medico. Interrogamol-o, queremos d'elle a sentença, a palavra decisiva... receamos que essa palavra seja um desengano... e se fala, emfim, para nos animar, ficamos a perscrutar-lhe no fundo dos olhos o segredo terrivel que elle nos occulta ou supomos que occulta. Nesta situação estou. Não sei o que seria de mim se o assistente proferisse uma sentença contra minha filha; ao mesmo tempo desconfio que elle a tem lavrado comsigo... Peço-lhe que me fale verdade e temo-lhe a franqueza...

— É não desesperar, não desesperar.

— Ora...

— Pode haver remedio... Ella soffre o mesmo que a baroneza?...

— Não sei, não sei, meu amigo. O que vejo é que soffre muito, muito, muito... e nos faz soffrer.

Soaram tres horas na pendula.

Barcellos não insistiu. A baroneza estava na capella, onde Esther lhe mostrava os grandes ramos de lirios dourados feitos na Providencia para o altar da Senhora de Lourdes. Barcellos levantou-se, quando a senhora já vinha a seu en-

contro, muito vermelha, abanando-se. Apanhou no cabide o seu fino chapéo do Chile; e começaram as despedidas.

A doente abriu os olhos, olhos tristes, parados, com uma scentelha de febre. A colcha de lan, muito alva, até á gorja, deixava apparecer uma pequenina mão de unhas côr de rosa desbotada. Ia accetando, impassivel, os adeuses, os votos, as phrases de conforto que lhe diziam.

Regina ainda lhe depoz um beijo na testa. O senhor e a senhora de Barcellos tomaram-lhe a mão, do mesmo modo por que fazia o medico.

Pela face de Esther correu uma lagrima, na occasião em que as senhoras entravam no carro pela mão de Lauro e este lhes offerecia bouquets de flores e em seguida rolava a caleça pelo portão fóra.

Quando Helena chegou, á tarde e soube que estiveram alli os Barcellos, ficou desassocegada, sob uma impressão cuja causa mal sabia definir.

Seu desejo era achar-se a sós com o primo e ouvir da sua bocca alguma palavra referente áquella visita. Como as circumstancias não lhe propiciassem o encontro, tomou a resolução de ir ao gabinete, onde Lauro estudava. Perguntou-lhe como havia passado a enferma durante o dia, deu-lhe noticias de D. Judith, que se sentia melhor com o tratamento seguido pelo seu novo medico. Ia retirar-se, e disse, em tom despreoccupado :

— Estiveram aqui os Barcellos...

— Sim, é verdade. Perguntaram por ti e tua mãe.

— Emfim, sempre se lembraram de ser delicados.

— Não digas assim. Elles justificaram-se.

— Ah! defende-os... Perdão, não os censuro mais, uma vez que...

Lauro interrompeu-a, quasi supplicante, quando ella sahia :

— Helena!... Helena!...

VI

Durante um mez decorrido, recebeu a casa, de semana a semana, algumas visitas momentaneas : o conselheiro Cardoso, Zalina com o avò, Ferraz, o banqueiro, Vanique.

Lauro, pensando ao mesmo tempo com tristeza e remorso naquella apparição de Regina, que tivera o poder de espancar, por momentos, as sombras de sua existencia, mergulhara de novo no desespero de suas cogitações. Ficara-lhe, por uns dias, o vago presentimento de que nunca mais veria a enteada do barão de Barcellos, de que havia trocado com ella a despedida extrema... Um perfume intenso que elle aspirou certo dia e de que não restavam mais que alguns atomos esparsos produzindo a intervallos, fracamente, a sensação olfactiva, — tal se lhe representava no espirito a imagem de Regina e a impressão dos seus fortes encantos.

Entrevia-a de tempos a tempos, cada vez menos

nitida, mais esvaida, como o vulto de um navio que se afasta ou como o vôo de uma ave que se perde no silencio azul. A principio estivera, de longe, acompanhando no espaço o vôo dessa visão; mas, depois, foi-se habituando á sua fuga. Os seus sentidos, a que ella falava com tamanhas suggestões, recahiram na atonia da continencia forçada, sob a obsessão dos pensamentos tristes, das vexações moraes, da fadiga mental, no estudo incessante da pathologia e da therapeutica dos tísicos. O que lhe enchia o cerebro, expellindo quantas idéas e imagens, quantos raciocínios tentavam empolgal-o, era a irman enferma.

Carlos continuava pontualmente a visital-o.

Com elle encerrou-se uma tarde e confessou-lhe os seus desalentos, as suas duvidas sobre a effi-
cacia da medicina. Isso, em seu espirito, coincidia com exaltações sentimentaes. Era uma grande piedade para todas as creaturas frageis, para todos os enfermos; uma compaixão que elle sentia nascer das raizes de sua sensibilidade e abranger os infelizes que gemiam atravez das paginas dos tratados de clinica, nos leitos dos hospitaes, á mercê das vacillações, das experiencias e dos insuccessos da medicina.

Deante de tantos males, de tantas dores irremediadas, sentia-se alquebrar, descrido, sem fé na sciencia. Toda ella era um dominio impenetravel, por onde resvalavam conjecturas, formulas, me-

thodos, doutrinas, sem conseguir exitos que não fossem fortuitos, devidos á reacção dos proprios organismos lezados.

— Quanto mais estudo, mais descreio. Ou não comprehendo nada... é bem possivel.

Quando a sciencia lograsse extirpar uma viscera degenerada e fazer cessar a causa dessa degeneração, então, sim, acreditaria na medicina... Mas impossivel! Aonde iria o engenho do homem encontrar a formula exacta de todos os compostos necessarios para reanimar um corpo que esfria? Como suppriria a inercia dosapparelhos que se recusavam a elaborar materiaes de nutrição?... Nunca, nunca... nunca.

Indulgente para as extravagancias dessa philosophia que requebrava a desolação de um collega inexperiente, Carlos ouvia-o, pensando : « É uma grande dor que se desafoga. »

Quando Lauro acabou de falar, elle disse, brandamente :

— Lauro, tu bem sabes quanto eu sinto e lastimo os teus vexames... Falas com o coração ferido... Mas queres ouvir o conselho, o pedido de teu amigo? — Fecha os livros, tira-te deste gabinete, vae lá para fóra, eu te acompanho aonde quizeres ir. Este ar te envenena. Cuida sómente do que mandar o assistente e distrahe o espirito longe desses livros, que te fazem febre...

— Talvez, talvez... Olha, Carlos, tu dizes que

eu falo com o coração; tu pensas e falas como um homem feliz... Que o sejas sempre. Na minha situação é possível que meu espirito desarrazôe. Que queres? Ha mezes testemunho o cheque da medicina... E tu, melhor do que eu, não estás vendo, dia a dia...

— Basta, eu te prohibo... Se não te aborreço...

— Tem paciencia com o louco...

— Não estás louco; o que estás é ferido. Um dia, quando recuperares a calma e tua irman viver...

— Ella! viver?...

Fizeram silencio.

Ouviu-se um ruido na camara visinha.

A enferma começava a tossir. Ambos ficaram prestando attenção. Era uma tosse cava e profunda, menos violenta que d'antes; parecia sahir de um peito completamente ôco.

Levantaram-se para acudir e correram o repositiro. Helena e Esther pousavam á cabeceira da doente como anjos da guarda. O barão vinha entrando. A sala cheirava a ether.

Approximaram-se.

Clara, apesar da afflicção, abriu para todos uns olhos que iam se tornando mais fundos; fitou-os em Carlos, com um brilho estranho, talvez um raio de esperanza. Parecia pedir-lhe soccorro. Elle chegou-se mais para o leito, consolou-a com um olhar de suprema benignidade, e pegou-lhe na

mão. Foi preciso esforçar-se para dissimular a emoção que o abalou nesse momento. A mão da enferma inchava.

— Vem cá para o jardim, Lauro.

Lentamente foi-se afastando.

Instantes depois sahiu, appellando ainda para as energias do amigo, mas levando, elle proprio, um espinho cravado no coração. « Pobre Clarita! »

Lauro, vendo-se só, desceu ao pomar e andou sem destino por entre as pequenas arvores de sombra. Tomou pelo declive que ia ter á cavallariça, parou um momento a olhar as pyramides sombrias de duas araucarias. O sol descahia num horizonte melancolico e tarjado a largas faixas plumbeas, azues, violaceas. O moço da estrebaria ferrejava para os cavallos.

Lauro esteve alguns minutos mirando a corpulencia dos urcos, negros, de pêlo setinoso e luzente. Ao lado da parelha, dous outros animaes elegantes, mais pequenos e ardorosos, de pelagem azeitonada, feriam a patadas rijas o soalho da estrebaria, com expirações ruidosas. Enxames de moscas adejavam de uma baia para outra, irritando o *Electrico* e o *Fidalgo*, pondo-lhes fremitos ao longo da espinha. *Electrico*, o mais fogoso, o que o barão adorava acima de todos, rugia e soprava, nervoso de colera.

Lauro aborreceu-se depressa, e continuou a vagar, até que se achou, inconscientemente, no

fundo da alameda. As sombras augmentavam na verdura dos flamboyants, agora despidos de flores. Ahi permaneceu, sentado em uma cadeira de ferro, de costas para a bocca da aléa, todo entregue ás amarguras do seu espirito.

Estava assim, com os olhos perdidos na folhagem sussurrante de insectos, quando lhe chegou aos ouvidos uma lufa estranha.

Voltou-se com rapidez, e a principio, tolhido de espanto, viu Helena que corria para elle. Esperou.

Com o cabello solto, os trajos brancos em desalinho, debulhada em lagrimas, ella lhe havia segurado o braço e repetia, louca de afflicção :

— Primo, acuda! acuda!...

Ambos deitaram a correr, allucinados; elle presentindo a crueza da realidade.

Na camara, enquanto a preceptora e Esther, attonitas, remexiam a banca cheia de frascos, o barão, de joelhos sobre a moquette amarella de um tapete, á borda do leito, acompanhava o delirio da enferma, um delirio manso, em que lhe apparecia a mãe morta que ella não conheceu, mas via, nessa hora, e apontava, á entrada do gabinete, onde cahia o damasco do reposteiro.

Vivia, mas como a flamma azul, crepitante, morrente, de um côto de cirio. A morte pairava sobre a alvura do leito, que já irradiava uma algidez de sudario.

A luz da lampada envolveu o rosto de Clara,

accentuando-lhe mais os traços moribundos.

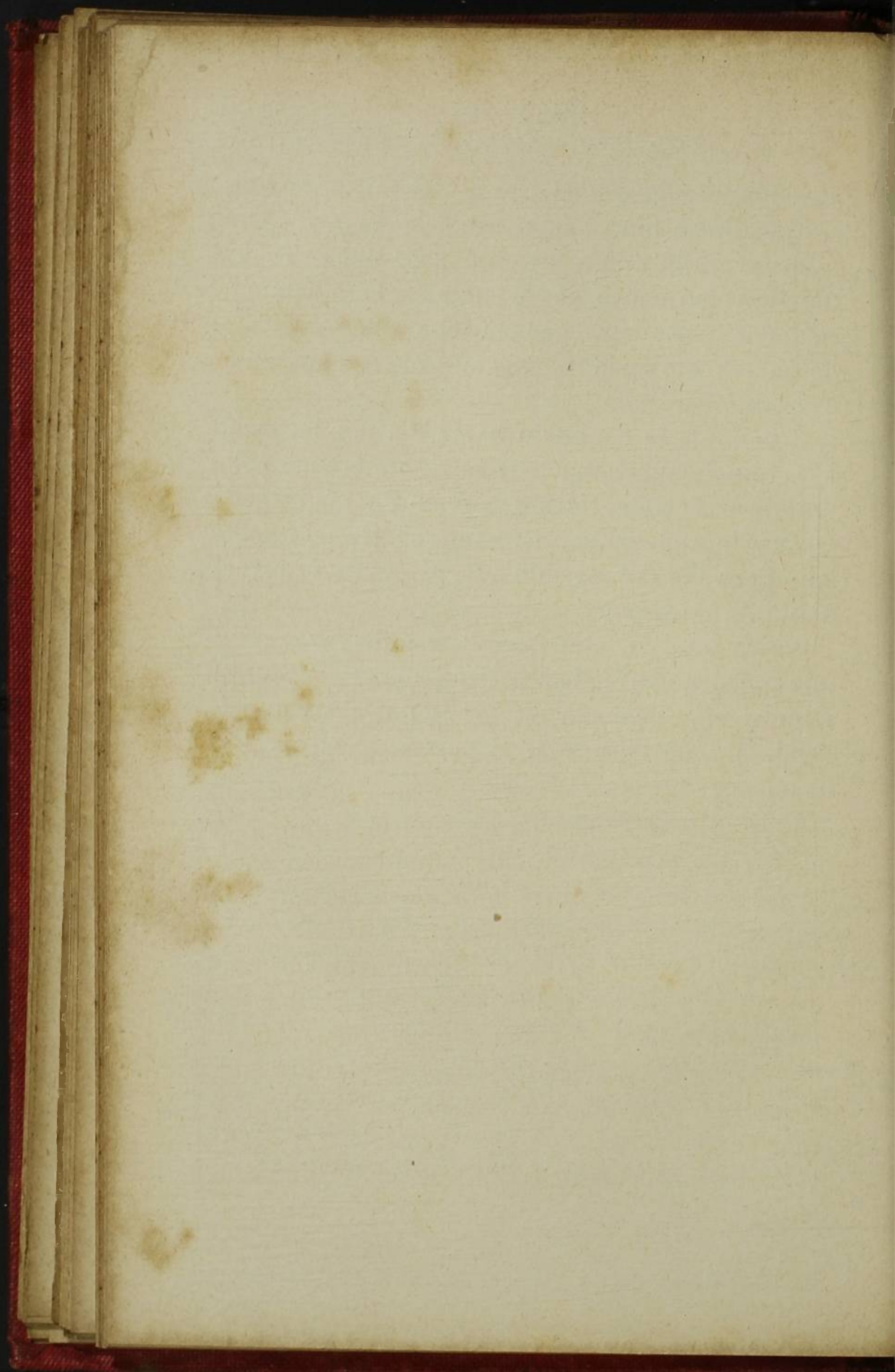
Expediu-se um creado para casa do medico.

Nessa noite não a levaram para cima. Toda a familia velou em torno da sua agonia, afastando-se apenas para desafogar em soluços que arfavam, de quando em quando, pelo silencio dos aposentos e corredores.

A pendula ia contando horas e a familia esperava que amanhecesse para ouvir ainda uma palavra do assistente. Mas em meio da madrugada viram Clara mover-se. Cercaram-na. O irmão pediu leite para lhe dar ás colheres. Helena e a governanta foram servir.

Nesse interim, ella mexeu-se outra vez, como que procurando melhor posição, olhou com indiferença em redor de si, fez um gesto confuso, vago, incomprehendido. Depois socegou, fechou os olhos e dormiu.

Dormiu para sempre.



VII

— E dizem que tudo passa... falava a sós o senhor de Villarim. — Quem pode dizel-o? Talvez os moços. Sim, mais ninguém. O coração d'elles não tem memoria.

O certo é que, cerca de um anno já, transferido para essa chacara, ahi procurava, mas vanmente, sarar do seu coração de pae, tão profundamente golpeado. Quasi um anno, e deixava-se ficar, sem coragem de voltar ao palacete, onde tudo lhe exacerbava recordações d'aquella noite, das scenas dilacerantes naquellas doze horas de horto que acabaram pela separação definitiva, a partida do coche coberto de capellas, — um luxo funebre de cortinas alvas, galões de ouro e festões de rosas, tudo aquillo que elle, amante do fausto, contemplava atravez do tempo como a ironia do destino que o fizera rico para ataviar a morte. « Mas nem este consolo podia ter. »

Passeando pela varanda, ao cahir da noite,

ouvindo rumores de arvores e ondas, vinha-lhe á memoria a phrase do barão de Barcellos, quando este perdeu a primeira mulher. Barcellos sentido, mas resignado, de uma resignação heroica, não havia perdido um triz do seu gosto para a vida, para o trabalho. Fôra encontral-o a pensar na safra, disposto a pôr em ordem os negocios, algum tempo descurados por motivo da molestia prolongadissima da esposa. Não tinha filhos, as dividas eram poucas, mas em todo o caso anciava pela terminação do nojo para entrar em actividade e compensar despesas feitas com medicos e funeraes. A proposito, disse-lhe então que o seu consolo era ter despendido sem reservas com a senhora e lhe ter feito enterramento e exequias pomposas, com a magnificencia possivel... « Este consolo não o experimentava. »

Houvesse gasto até o ultimo real, ornado Clara com as mais raras preciosidades, inundado de flores e coroas o jazigo onde ella dormia eternamente, nem por isso sentiria menos vivo, dentro em si, o protesto do seu lucto, da sua saudade, contra a morte que lhe arrebatou aquelle idolo.

— Se ella merecia viver...

Nem a desaparição prematura de tantos seres amados de que se recordava, nem a desolação de tantos outros paes como elle, nada o consolava. Porque? Lourival, o marido de sua cunhada, já lhe perguntara uma vez se elle queria nas leis do

mundo um privilegio para seus filhos... E não podia duvidar do sentimento de Lourival.

O chalet situado no cimo de uma collina suave, encrustado como uma concha numa immensidade de verdura, dominava largo horisonte de mar alto, céos azues e praias alvissimas. A um lado era a varanda, abrindo sobre a encosta, de onde subiam, torcidos, empenados pela ventania, estipes de coqueiros. Do outro lado e ao fundo, terras no mesmo nivel, formando uma especie de planalto assaltado pela vegetação crespa de arvores ramosas, murtas, massarandubas, cajueiros. Abaixo da collina, á distancia de um tiro, entre o mar e as dunas, cabanas de jangadeiros dispersas, como arapucas, com os beiraes na areia, davam a idéa de um acampamento.

Bellissimo panorama, agradavel refugio para doentes do corpo e da alma, dizia o Veiga sempre que apparecia na chacara.

— Acho-a triste, respondeu-lhe um dia Villarim.

— A sua tristeza, barão, irradia.

Ah! era o seu spleen, devia ser isso... Então estavam todos alli condemnados a soffrer dessa irradiação da sua velha alma cheia de lucto... E, verdade verdade, os filhos lhe davam razão, quando elle se queixava de não achar mais á sua chacara o mesmo attractivo de tempos passados, e dizia ser lugubre aquelle mugir continuado das

aguas, lá nas praias, e o ramalhar das murtas em horas mortas.

Assim elle, devéras, semelhava-se ao animal que tem uma chaga, e espolinha-se, deita a correr, foge para muito longe, levando a toda a parte o enxame de insectos que lhe mortificam a ferida.

No entanto havia reunido ahi um sem numero de cousas proprias a offerecer-lhe, e aos filhos, distracções. Espingardas de caça, livros amenos, « illustrações », dous cavallos de sella, oculos de alcance com que podiam seguir, horas esquecidas, a derrota dos paquetes e navios de longo curso, nada faltava. Como a governanta, M^{me} Ronnier, houvesse recebido carta do filho e regressado a seu paiz, o barão pensara em minorar a solidão em que iam achar-se, convidando a cunhada, o marido e a filha Helena a lhe fazerem companhia.

Era uma estação em ponto salubre, de bons ares sempre varridos pelos ventos marinhos, vista aprazivel, porto de jangadeiros com uma pacifica communitade de palhoças á beira-mar, muito abundante em pescado. Lourival combinou com a senhora, ouviu o medico e acceitou o convite. Não só a mulher aproveitaria com a mudança de ar, como a filha teria mais esse ensejo, prolongando a convivencia em casa do primo, de conhecer-lhe o genio e dar-se-lhe melhor a conhecer, de estudar enfim o homem a quem se devia ligar, conforme o desejo de todos os parentes.

E lá estavam todos, havia onze mezes, visitados a miude pelo mais intimo amigo de Lauro, aquelle Carlos Veiga, em quem o barão reconhecia agora um excellente rapaz, que não tinha culpa dos preconceitos do velho Veiga.

Vanique tambem apparecia a falar nos artigos da propaganda, nas suas polemicas, em saraus e theatros. Vanique, muito amavel para com as moças, vinha sempre acompanhado de Julio, este montando um formoso cavallo negro. Carlos, porém, era o mais constante, o que parecia mais sincero. Villarim estimava-o, agradecia-lhe as diligencias que empregara para arrancar o filho Lauro á inercia dos primeiros mezes de lucto. Era elle quem costumava trazer á chacara um pouco da vida que ella vivera outrora, certa agitação, certo desenfado, alguma cousa que o barão sentia ser necessario aos filhos e entretanto não lhes podia dar, porque sua alma triste « irradiava... »

Carlos attrahia o amigo para longas excursões a cavallo, e sahiam ambos a galopar pelas praias, bebendo a sorvos o ar puro d'aquelles sitios. Obri-gava as moças a passeios, de cabana em cabana, conversando com as familias dos pescadores, assistindo á volta das jangadas, interessando-se pelos miudos accidentes d'aquellas existencias humilimas.

Porventura esses exercicios iam fazendo bem.

As moças estavam com melhores côres, e o rapaz começava a gostar do bulicio, do sport. — A mocidade triumphava... Felizes os moços.

Uma noite em que o barão, com um ligeiro tremor de frio, se dirigia da varanda para o corpo principal da casa, estavam seus filhos e Helena sentados em volta de uma mesa redonda, á luz de um grande candieiro com abat-jour. Helena, vendo-o entrar, perguntou :

— Hein, tio... não é verdade que o barão de Barcellos vendeu a casa da cidade?

— Sim, vendeu. Porque perguntas?

Lauro que folheava uma volumosa *Geographia*, edição de luxo, illustrada, parou e disse, explicando a pergunta da prima :

— Eu duvidava. Passou-me despercebido isso. Demais, como era a unica propriedade do barão aqui na capital, pareceu-me que não se desfaria d'ella... Salvo renunciando os passeios de fim de anno, a não ser que...

— Pois é isto, affirmou o pae. Barcellos achou uma proposta vantajosa. A casa, antiga, um pouco estragada, sem gosto, porque elle nunca o teve, não valia trinta contos; o governo comprou-a por cincoenta para uma repartição publica. Tenho ali a carta do mez passado, communicando a venda... Diz-me ainda que não tencionava fazer a costumada estação na capital e que ia empregar o tempo na lavoura.

— Regina é quem ha de sentir muito, disse Esther. Ella aborrecia-se tanto na fazenda!

Embiocada e mettida numa poltrona, a um canto da sala, com os pés sobre um escabello acolchoado, D. Judith começou a pigarrear. Mais pequena que a filha, o cabello chato e escorrido pondo em evidencia o rosto comprido, onde se descobriam vestigios de belleza que o seu mal chronico ia devastando, a mãe de Helena vivia alli agrilhoadada, num resguardo meticoloso, não se atrevendo com a mais branda corrente de ar frio da noite. Durante o dia era ao fundo da chacara, no lado mais abrigado dos ventos, que ella fazia pouso. Se queria vir á sala mandava o marido verificar se as vidraças estavam descidas. Raras vezes, nas horas de calmaria, commettia a imprudencia de sahír pelo braço de Lourival e dar um breve giro em redor da vivenda, pisando com escrupulo a relva que enverdecia o outeiro, não obstante calçar grossas meias de lan e sapatos de castor forrados a estamenha. Apenas via correr a seus pés a sombra de uma nuvem, tinha pressa em voltar á poltrona, e ahi se afundia.

Logo que a percebeu incommodada, Lourival sahiu do quarto mais proximo com um frasco e uma colher, e apesar de tresnoitado, serviu-lhe com todo o carinho a dose do remedio. Ninguem mais parecia dar attenção áquella scena, de tão commum que era.

Lourival, alto, de barba a ingleza, olhos pequenos, peruca redonda e anelada, já cumpria essa obrigação com o automatismo de um habito inveterado. Casara quasi ao mesmo tempo que o Sr. de Villarim; a mulher deu-lhe só uma filha, depois do que enfraqueceu e explodiram os symptomas do seu mal. Rijamente combatida, a molestia fez pausa, continuando tempos depois naquella marcha torpida, destruindo a fogo lento a infeliz senhora, que debalde se acastellava num regimen de privações da mais rigorosa dieta. Não querendo sacrificar a mocidade da filha, Lourival tomou a enferma a seus cuidados e foi pouco a pouco se affazendo á sequestração da sua pessoa e do seu espirito. Havia, por fim, reduzido a existencia a essa missão de enfermeiro, com uma solitudine, uma paciencia, uma delicadeza que acabaram por lhe crear maneiras mulherengas e a docilidade servil de um famulo bem mandado.

Depois de ministrar o remedio, ainda perguntou, de mansinho:

— Quer mais alguma cousa, hein?

E como a senhora respondesse com o dedo que não, elle acocorou-se-lhe aos pés, poz-lhe o escabello mais a geito, esticou o panno da saia e tornou para o quarto, para a rêde, onde pernoitava guardando o leito da esposa.

Lauro retomou o livro, e examinava estampas, enquanto o barão explicava ás moças que a vida

na fazenda offerecia compensações. — Aquillo lá era tristonho á noite, mais ou menos como a chacara; capoeiras, mugidos de bois, cantigas de escravos, mas os ares puros, alimentação sadia, fructas e leite, leite em abundancia.

— Ah! filhas, estivessemos lá... e quem sabe?

E poz-se a dar com a cabeça.

As moças, comprehendendo-o, idearam novas perguntas.

Lauro, bem intencionado, lembrou que sua tia precisava d'aquelles ares e d'aquelle leite. Essa lembrança irritou-a, sem explicação para o marido.

— Vamos juntos. Tu és um fraco, meu companheiro.

— Oh! tia Judith...

— Mamãe!...

Helena foi quem desta vez se levantou para lhe dar o balsamico. Afagou-lhe o rosto, sorriu-lhe e tornou ao seu logar.

Vivia a esforçar-se por desannuiar aquella casa, onde as noites infallivelmente revocavam as mesmas maguas. A sua obra de consolação não havia findado junto ao leito de Clarita; na chacara continuou-a, empregando todas as forças da sua ternura e do seu espirito em desanojar as almas que soffriam, tambem como ella, porém menos resignaveis, da ausencia de Clara. Para o fim já os dous irmãos se mostravam lenidos. O unico re-

belde era o barão. Engelhado, com a barba quasi toda branca, a cabeça mais prona, como se uma garra invisivel lhe forçasse a nuca, resistia desesperadoramente ás deligencias da sobrinha affim.

Ella disse, sorrindo :

— O primo é quem havia de gostar muito de morar no Engenho.

— Eu, não. Porque ? Prefiro estar aqui.

Estas palavras foram pronunciadas rapidamente, com a vivacidade e a promptidão de um protesto. É que lhe parecera, a Lauro, um pouco malicioso o dito da prima. No Engenho elle estaria mais perto de Regina ; mas a verdade é que se sentia cada vez mais longe d'ella.

— E tu, Esther ?...

— Antes num convento.

Continuando a passear, o barão meditava essa preferencia manifestada por Esther. Aquillo tambem vinha de longe. Um pendor irresistivel... aquelle desprendimento mystico, sempre a denunciar-se, em palavras, em gostos, em obras, e até nas proprias apparencias da filha, pois olhando-a, ás vezes, a vulto, surprehendia-lhe nas formas adelgadas, na alvura da face, na macilencia e doçura do olhar alguma cousa da mulher que fez um voto de renunciar a vida e as affeições mundanas para se consagrar a objectos estranhos á terra. Durante a enfermidade de Clara, notara melhor o accendimento religioso d'essa boa alma de Esther.

Ella passava, todos os dias, meia hora na capella, deante da Virgem de Lourdes, em orações extaticas; zelava os paramentos do altar, accendia a lampada, renovava as flores dos vasos. Attribuiria com razão a alguma promessa uns ramos artificiaes vindos da Providencia. Havia, por força, um instincto de piedade muito imperioso naquelle coração de creança. Essa tendencia zombaria de todas as seducções do mundo? Elle não via, não podia vel-a accentuar-se, sem a desconfiança de um homem ameaçado de esbulho no que lhe restava de mais caro.

As moças deixaram seus logares e ladeando a cadeira em que Lauro permanecia, debruçaram-se sobre as paginas que elle ia perlustrando, a olhar desenhos, vistas de monumentos, quadros de costumes, typos de raças e povos desconhecidos, trechos de regiões montanhosas, montanhas coroadas de neve. Detiveram-se ante uma paizagem suissa, que lhes prendeu a attenção, porque o Veiga falara muitas vezes com o barão nas maravilhas alpestres, nos lagos, nos valles, nas geleiras da Suissa, que ambos conheciam, e porque Lauro fazia tenção de viajar para completar estudos, familiarizar-se com o velho mundo e fazer as vontades ao pae.

O senhor de Villarim ficou immovel defronte do grupo.

Aquellas duas cabeças tão semelhantes na con-

formação, a de Helena mais loura, a de Esther mais escura, ambas muito proximas e inclinadas para o foco luminoso, insistiam em crear-lhe uma illusão. Não se pôde soffrer; dirigiu-se para a cunhada, e discretamente :

— Olhe, D. Judith, não parecem irmans?

— Já notei.

Demorou-se a contemplal-as de longe, figurando-se estarem alli as duas filhas. Muita vez as viu assim unidas, lá na saleta azul do ultimo andar do palacete; occupavam a mimosa mobilia dourada, presente de annos que o 'conselheiro Cardoso fizera a Clara; em volta de um grande abat-jour côr de rosa e de uma mesinha coberta de albuns, liam romances, partituras, jornaes de modas, conversavam, riam, brincavam, eram felizes... Que semelhança! Que illusão!... Em todo o caso a menina Helena era bem digna de inteirar o par. Tão meiga, tão dedicada, que sempre fôra ás primas...

— Veja, D. Judith, se lhe parece, que lindo casal hão de formar.

A cunhada approvou e, o que era raro, pela sua physionomia cachetica passou uma luz de alegria. Por sua vez não se pôde conter que não dissesse para a filha, com a voz escabrosa, fatigada :

— Helena, ouve o que diz o tio...

— Que diz elle?

O barão repetiu, e todos sorriram, sem o menor constrangimento, certos de que assim seria.

Depois o medico levantou-se, foi ao seu aposento e voltou com um velho in-quarto que a irman desejara folhear. Era uma Biblia ornada com gravuras, copias de pinturas celebres inspiradas em passagens do Velho Testamento.

Esther gosava, como um dos mais finos prazeres intellectuaes, a poesia manante d'esses textos sagrados, onde encontrava o seu nome glorificado pela salvação de um povo, identificado com a formosa filha de Abihail, aquella a cujas graças se inclinava o sceptro de ouro de um rei poderosissimo. Tinham para ella o sabor de um nectar, o perfume da myrrha e do incenso, aquellas paginas em que se confundiam num misto de santidade e luxo, de grandeza e devoção, os heroismos ajudados pela crença divina e os triumphos obtidos pelo encanto da belleza humana; faziam-lhe fluctuar o espirito num estado de sonho as magnificencias d'aquelle Oriente visto a distancia de seculos, envolto em lendas, onde as cousas do céo, as virtudes mais raras, os prodigios da religião e da fé se alliavam com a riqueza e a pompa das côrtes, em festins e bôdas reaes, sob pavilhões de marfim, purpura e marmore, em que se bebia por vasos de ouro, se ouviam harpas e cytharas, e os convivas repousavam em leitos de prata, e o soalho que pisavam era feito com os

cedros do Libano, embutido de pedras preciosas.

Esther é quem lia nessa hora; a prima e o irmão escutavam.

Pela sua bocca sentenceava Jesus, filho de Sirac :

— « Não ha riquezas maiores que as da saude do corpo, nem contentamento que seja igual á alegria do coração... » — « O corpo robusto vale mais que immensos bens... »

O barão cessou de conversar com a cunhada.

— Repete, filha.

Esther repetiu e continuou, já noutras paginas da Biblia, *Livro da Sabedoria*. No silencio religioso da sala só se ouvia o murmurio da voz que dizia as sacras lições, articulando-as com a monotonia de um responso.

— « ... E os renovos bastardos não lançarão profundas raizes nem assentarão firmeza estavel » ... « Pelo que serão quebrados os seus ramos antes que cheguem á devida perfeição, e os fructos d'elles inuteis e asperos para comer e para nada bons... »

Esther não pôde ir adeante.

Lauro erguera-se de chofre; precisava de ar.

VIII

Fazia-se tarde, e o barão ouvindo o relógio bater na casa de jantar, impacientou-se e estranhou a demora do preto Joaquim, que devia chegar da cidade com a correspondência e os balsâmicos de D. Judith.

Joaquim era um crioulo captivo, o correio do senhor, o seu fiel mandadeiro que todos os dias montava num burro, ia á cidade buscar e levar cartas, comprar o necessário para a despesa, visitar o palacete, conhecer do estado de conservação da casa, do jardim, dos urcos, do pomar.

— Não costuma demorar tanto, disse o barão pela segunda vez.

Lourival passeava na sala com igual impaciência, porém mudo, como a filha e os sobrinhos que espreitavam juntos, pela vidraça, mais uma noite escura, muito ventosa e gemedora.

— Este mar... estes mugidos... queixou-se D. Judith.

— Incommoda-te, não é?

Attribulado marido, aonde buscar já não sabia o balsamo de que ella precisava!

— E o creado que não chega... Lauro, venha ver se este xarope lhe pode servir, até chegar o outro.

Examinaram-no. — Que sim, respondeu o sobrinho; não fazia mal. O proprio Lauro derramou a dose e levou a colherada á bocca da tia. Depois, ella disse-lhe, com o olhar e a fala adocicada :

— Podes ir. Tua noiva espera.

Lauro foi para a varanda a pensar no dicto da tia Judith. — Noiva... ainda não; mas porque? Porque não cogitar do seu casamento com a prima? Os votos da familia eram por essa união, e a lembrança do pae, na vespera, queria talvez significar que, sem embargo do lucto que lhe pesava na alma, elle auctorisava seu filho a cumprir os desejos dos parentes, casando com Helena. Provavelmente o pae achava nisso um consolo para si e para elle, ou tinha pressa de reconstruir, por esse consorcio, a familia mutilada cruelmente pela morte de Clara. Tambem, que mais esperar?...

O caminho da vida lhe estava aberto. Suas aspirações renasciam, pouco a pouco. Urgia recuperar o anno perdido. Casar, viajar, estudar, ir sem mais delongas ao seu destino, á conquista de um nome, sua maior ambição, a mais tenaz, a que

elle sentia viver e que se não resignava a entrar no sumidouro de tantas outras...

Na sala articularam dous nomes : « Barcellos... Regina... » Uma pura recordação, que de mais em mais se obliterava, essa Regina, obsessão da sua carne, dos seus sentidos, muito antes que do seu coração e da sua mais íntima impressionabilidade. Ella já lá se fôra, partira sem lhe deixar esperanças; e elle sabia que Barcellos tinha empenho em casar-a com o sobrinho que frequentava o Engenho. Que queria dizer aquella resolução de vender a casa e não vir mais á capital?... Depois, a morte de Clara, aquella catastrophe que esmagou no fundo do seu ser quasi todos os desejos, caprichos e necessidades que antes disso o impelliam... E durante mezes, uma lethargia tamanha da sua sensibilidade, que se acreditaria esgotado nas fontes do coração se lhe não restasse uma fibra susceptivel, a que vibrava, a cada instante, reproduzindo as impressões d'aquella desgraça enorme... A violencia, a profundidade do golpe como que lhe ferira de paralyisia o centro nervoso onde se verificava a imagem de Regina, outrora feitiço dos seus olhos, vinho da sua cabeça. Os prantos derramados embeberam, porventura, e acabaram destingindo a tela em que a representava, com tanto entusiasmo e allucinação, numa placa do seu cerebro. Talvez, se a visse, ainda accordassem nelle os alvoroços d'aquelle

tempo. Bem pouco provavel, isso. Agora, sondando-se, consultando-se, apenas reconhecia a paixão de Regina, aquella paixão quasi sensual, entre os desabes da sua alma, como a lava resfriada de um volcão extinto.

Helena, sim. Esta a unica imagem de mulher sobreviva após o destroço das suas fantasias amorosas. Bella, piedosa, ingenua, só ella triumphara, só ella se erguia sobre tantas ruinas como um anjo enviado para velar na salvação de um ente soffredor. Nunca mais se esqueceria do extremo devotamento de Helena á cabeceira da mallograda Clarita. Oh! devia ser muito bem formado esse coração, devia encerrar as mais preciosas joias da ternura e da bondade feminina para que assim fraternizasse com elle, com Esther, com o pae, junto ao leito da parenta enferma!

Quando Lauro voltou á sala, commovido, lançou os olhos sobre Helena. Adorava-a. Sentia brotar dentro de si um fluido de sympathia tão veheemente e irresistivel que foi obrigado a se approximar da prima. Descobria-lhe alguma cousa que até então se furtara a seus olhos. Tinha o ar de reconhecê-la depois de uma ausencia. Que é que havia estranho e novo em Helena! Ignorava. Mas não cessava de espiar-lhe as feições, de acompanhar-lhe os gestos, de admirar-a, percebendo na sua voz, além do timbre, do som a que estava habituado, accentos, inflexões até aquella hora

despercebidas e que lhe causavam surpresa.

Sentiu-se embaraçado para responder a uma pergunta de Helena. Sentou-se, e a pretexto de conversação, continuou a esquadriñar as linhas suaves d'esse rosto, alvo, com uns toques muito leves, um vislumbre do sangue tonificado pelo ar e o sol das praias. Ella estava um pouco refeita, em vestes claras, sob o halo dos cabellos alourados, com um bucre a estremecer-lhe na testa, a cada movimento que fazia o seu collo torneado e fino. Achou-a cem vezes mais linda, presentiu as caricias que lhe reservava aquelle olhar tepido e velludoso, e foi com um fremito subtil, um ligeiro trismus de emoção na alma que recebeu das mãos de Helena o album onde ella apontava o retrato de um parente que nenhum conhecera, dizendo-lhe :

- Veja, Lauro. Parece-se muito...
- Commigo?
- Sim.

Sem dar pela semelhança, elle olhou a photographia desbotada. Fingindo analysar os traços, dizia para si : « Sim, és tu, minha boa Helena, és tu a minha unica affeição; é a ti que eu devo amar, e amo. » E tinha desejos de tomar-lhe a cabeça loura entre as mãos e com um beijo muito casto repetir-lhe isto mesmo de viva voz.

Ia depondo o album, quando chegou uma rapa-

riga, annunciando ao barão que Joaquim havia chegado.

— Dize-lhe que mande os jornaes e as cartas.

A creada sahiu e voltou com um maço de folhas e a correspondencia. O barão entregou as gazetas aos filhos e á sobrinha, que começaram a ler. Abriu uma carta e poz-se a fazer o mesmo, de pé, afastando muito o papel.

Helena lia a *Gazeta do Povo*. Ahi vinha a descripção de um baile, com as notas mundanas das toilettes, das dansas, e do serviço. A meio da leitura, interrompeu-se e perguntou ao primo :

— Esta não é a gazeta do senhor Vanique?

— Sim, é a gazeta que elle redige.

— Ouça, Esther, como descreve bem... É um baile na Graça. Ricas toilettes!... « M^{lle} Fontes, vestido de tulle sobre fundo *en satin blanc*, applicações de bordados a prata; M^{me} Idalina Borges, toilette de seda Pompadour rosa malva, com apanhados de escumilha nas mangas, perolas no decote; M^{lle} Rosaura Mendes... »

Lauro interrompeu-a.

— É o genio do galanteio, esse rapaz.

— Mas, primo, descreve perfeitamente... Como é habil! Ouça, Esther...

O barão continuava a dar conta da correspondencia. Barcellos escrevia-lhe : « Todos sem novidade. O perseguido sou eu; tenho perdido até hoje seis escravos que, seduzidos pelos taes

agentes da « philanthropia », fugiram e se acoitaram ahi na capital. Appellei para a policia, sem resultado nenhum. O direito de propriedade não tem mais garantias! Parece que o governo recua deante dos malfeitores. Quem sabe mesmo se não transige ás occultas? Quem sabe, meu amigo, se não estamos sendo trahidos?... Se assim é, ai! da lavoura, ai! do Brasil... e de mais *alguem*, comprehende-me? »

— Se comprehendo... disse, alto, Villarim.

Desde quando Barcellos desconfiava e propheetisava!... O que parecia singular ao barão é que o amigo, ao passo que se considerava desgarrado em seus direitos de proprietario e augurava mal da lavoura, concluia a carta propondo-lhe a compra das terras de massapé, as melhores que possuia no Reconcavo e que couberam á sua fallecida mulher por morte do conselheiro Dormundo.

— Toma, Lauro, lê isto, que tem graça.

O filho pediu-lhe, com a mão aberta, um instante só. Lia a *Gazeta*. Quando acabou de ler :

— Vem aqui uma noticia triste.

— Qual?

— O conselheiro Cardoso... Perdeu a filha...

— A filha! Como? Morreu?!

— Sim, senhor; está aqui.

As moças olharam-se com espanto.

Lauro repetia fragmentos da noticia :

— « D. Maria Luiza Cardoso Pereira, esposa do D^r Helvecio Pereira... »

— De que falleceu ? perguntou D. Judith.

— « Todos os esforços e recursos foram baldados. Um accesso de impaludismo... »

— Ah ! as febres...

E D. Judith começou a tossir.

Lourival, tremendo, abria um frasco.

— A pobre Mariazinha ! lastimaram as moças.

Falaram durante meia hora sobre Cardoso, Helvecio e a esposa, imaginando o estado do conselheiro, que bebia os ares por aquella filha unica. A noticia acabou mergulhando a familia num d'esses silencios em que o espirito, degradado, vê de perto as contingencias e a miseria da vida. Por fim, disse o barão, num tom dolente :

— A morte... a morte... Sinto déveras. Senhora distincta, que coração ! que alma ! Cardoso ha de estar amargurado. — E depois de uma pausa : — Emsim, que remedio ha?... Console-se com-migo.

Tambem Lauro dizia assim dentro d'alma, e todavia sentiu não sabia que revolta quando o barão articulou taes palavras. É que, na realidade, não era o conselheiro Cardoso, ferido nos seus extremos de pae, quem desafiava a piedade do seu consolo ; tinha pejo de confessal-o, era elle, Lauro, quem, a despeito de toda a sua delicadeza

moral, experimentava a necessidade inilludível de consolar-se no infortunio alheio.

Foi sob essa impressão, essa vergonha de egoismo, vergonha para sua consciencia, que elle se encaminhou com as demais pessoas, menos D. Judith, para a mesa do chá.

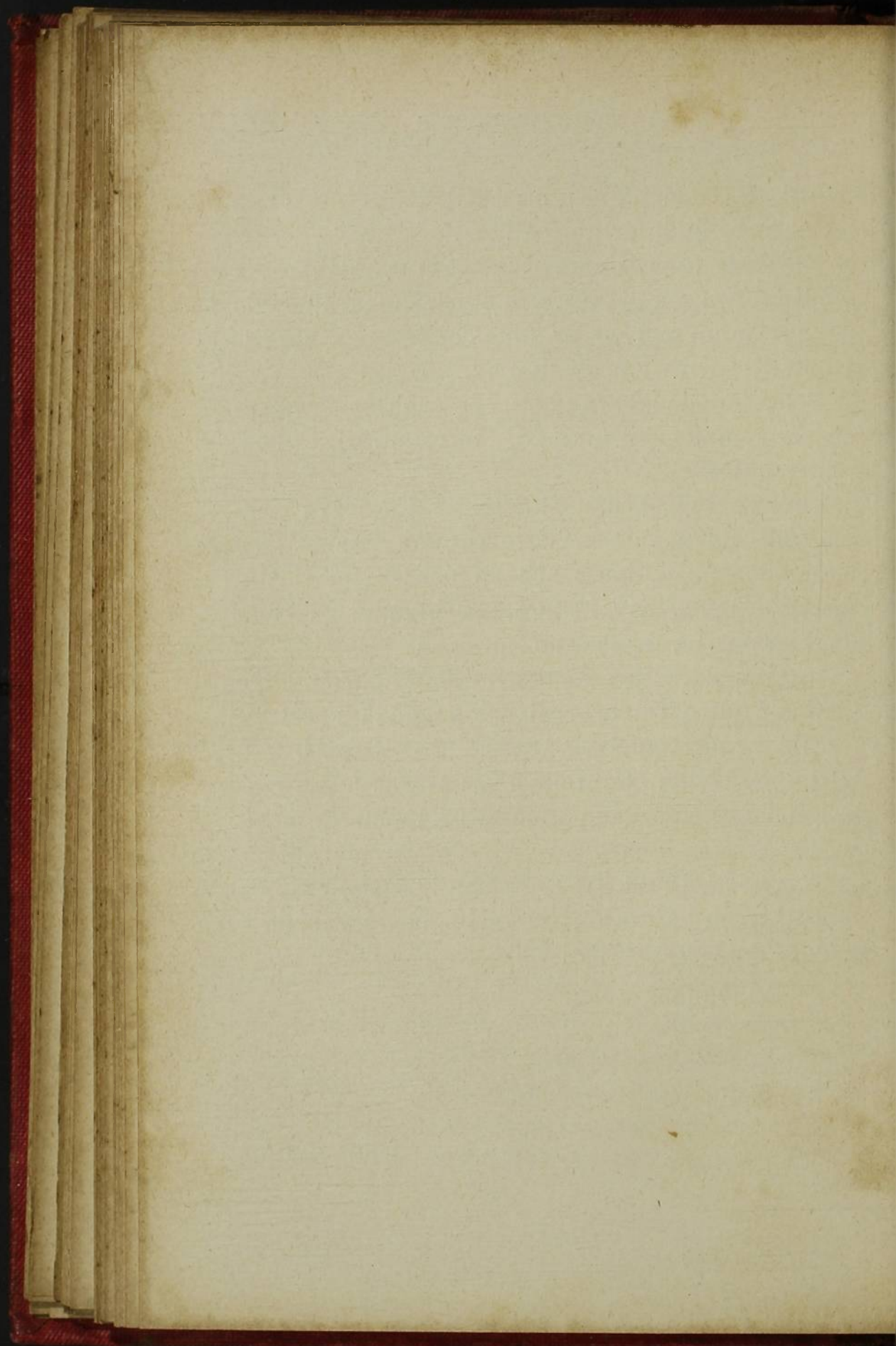
Pelas janellas do fundo, o céu espesso rasgava-se, de quando em quando, em relampêjos phosphorecentes.

Lauro procurou distrahir-se. — Esperava Carlos, no dia seguinte. Este grande amigo dos exercicios musculares achava prazer em verdadeiras estafas, cavalgando por beiras de praia, de barrancos e lagoas, ao sol.

— Guarda-te das febres, avisou o barão. Esse Carlos é outro Temerario... Olha o chá que esfria.

Elle já não pensava senão em Helena, que á mesa, defronte, continuava a exercer a sua magia inconsciente, com uma dose maior de prestigio.

Porque? De onde lhe vinha esse augmento subito de attracção? Se ella, de resto, havia gabado o talento de Vanique?...



IX

Carlos não veio cedo.

Em seu lugar chegaram pela manhã, subindo a encosta, em dous bonitos animaes, Vanique e seu amigo Julio. Andavam intimos, e pareciam combinados para essas visitas á chacara.

Lauro tinha descido ao porto, ás cabanas dos jangadeiros. Quando subiu, encontrou-os na varanda com o barão. Abraçaram-se, como de costume, o jornalista effusivamente, Lauro mais tibio do que em outras occasiões.

— Acho-o desfeito, disse o primeiro, encarando-o com interesse. Entretanto nesta vivenda, estes ares, banhos de mar...

— Passeios a cavallo... Não continúa? perguntou Julio.

— Quando está cá o Veiga.

— Vem muitas vezes, não é verdade?

— Aos domingos.

— Deve continuar aqui, doutor; precisa refazer-se.

Essa insistencia do jornalista ia constrangendo Lauro. Demais, era visivel a curiosidade dos dous excursionistas, cujos olhares forçavam as portas da sala. — Que queriam? Não havia alli saraus nem concertos, mas soffrimentos intimos, refugiados. Nunca lhe pareceram tão intempestivas essas visitas; a de Julio, todavia, tinha suas excusas. Com elle travou palestra.

Vanique trazia informações que suppunha agradaveis ao titular. Dous cavalheiros foram procural-o á redacção para saber da fundação do club. Respondera-lhes que se reunissem, que a idéa partira do barão de Villarim, cuja actividade estaria em campo, desde quando houvesse elementos sufficientes para a obra.

— Sim, sim, talvez respondesse com acerto.

— Pedi-lhes que me deixassem os nomes, e aqui os trago.

Tirou do bolso dous cartões e passou-os ao titular, que os leu, e depois de ler :

— Este conheci-o em Londres; esteve hospedado no mesmo hotel que eu, frequentava as corridas... Este, só de nome; sim, tenho lembrança...

E foi restituindo os cartões a Vanique, friamente, quasi indifferente. Distrahindo-se, mudou de assumpto e convidou os moços para a sala. Ahi encontraram as senhoras assestando um oculo de

alcance. Ellas sustaram por um momento os seus manejos para corresponder aos cumprimentos. Depois, recommencaram o trabalho; mas como se mostrassem pouco habéis em focalisar o vulto de uma vela que branqueava no mar, Vanique pediu-lhes licença, e abaixando-se, erguendo-se, estirando o pescoço, fazendo tregeitos, conseguiu pôr em fóco as vergas do navio.

— Tenha a bondade, Mademoiselle, disse, convidando.

Helena olhou e, com um sorriso, deu signal de haver alcançado o ponto. Succedeu-lhe Esther. O espectáculo prendeu-a; ella ia informando o irmão, a seu lado.

— Está virando... Parece que alguém sobe aos mastros... Vem agora para terra. Chegue, Lauro, veja...

Cada qual, por sua vez, gosou da scena maritima. E só se interromperam ao entrar D. Judith, pelo braço do esposo. A luz crua do dia, a tez da senhora parecia um pergaminho amarrotado, onde a molestia chronica estampava os seus caractéres deprimentes. D. Judith cumprimentou fastienta e seccamente, atravessou com lentidão a sala e desapareceu pela porta da alcova.

O barão ainda se distrahiu com o jornalista em volta de alguns factos de que a gazeta se occupava. A morte de D. Maria Cardoso, as eleições, a propaganda libertadora, as fugas de escravos, a

doença do imperador, fizeram os gastos de uma longa conversação, até que as moças manifestaram desejo de sahir ao campo.

Sobre a lombada verde e macia da collina projectavam-se claridades intensas. Corôas de coqueiros agitados pelo vento do largo, reflexos de areias, jangadas que sahiam, e á riba-mar as ondas rolando e se espraiaando com volupia espumante, tudo animava a paizagem.

— Vão. Porque não vão? disse Villarim, consentindo. Este sol é um tonico energico, segundo a opinião de meu filho. Em mim é que não faz mais effeito... Olhem, tenho a cabeça coberta de neves perpetuas.

Vanique sorriu, e parando no topo da escada:

— Mas é soberba, senhor barão, esta vista... Ha nada mais bello?

— Ha, respondeu o barão, com auctoridade. Ha os sitios alpestres da Suissa. Interlaken, d'onde se domina a Jungfrau, as geleiras de Mont-Rose, o lago Negro, Chamonix... Não tenho mais o que ver. Se não vi tudo, já vi o melhor. Vão os senhores passear.

Foram todos descendo a escada do chalet, depois a collina, as senhoras na frente com as sombrinhas abertas, Julio referindo a Lauro um incidente na Faculdade, entre dous doutores que faziam concurso. Embaixo, na planicie, mais proximo do mar, monticulos de areia lançavam reverbera-

ções offuscantes, que magoavam os olhos. Apesar d'isso, quizeram ver ao perto todo aquelle crystal pulverisado pelas aguas, accumulado pelos ventos.

Vanique punha Helena em um sitio de cortezias excessivas, ora lhe offerecendo a curva do braço para vingar os trechos mais escabrosos da rampa, ora lhe dizendo phrases de polidez rebuscada, e sempre expansivo, com um ar afidalgado sob o amplo sombreiro com que elle accrescentava á sua pessoa uma nota original.

Elle e as senhoras foram-se distanciando. Tinham chegado ao sopé do outeiro. Lauro e o companheiro ainda vinham pela vertente, muito absor-tos numa conversação sobre a familia Barcellos. De repente estacaram. O medico, encarando o interlocutor, perguntou surpreso, meio incre-dulo :

— Mas de véras, ella casa-se?

— Garanto. O meu collega Ribeiro mora num Engenho que limita com as terras do barão e costuma, quando está lá, caçar codornas com o sobrinho d'elle. Chegou ha dias; foi quem me deu a noticia. Regina está pedida e concedida.

Lauro continuou, scismando.

— Regina... Custa crer...

— O casamento é breve.

— Custa crer... Mas é mulher, como todas...

Julio tinha o ar de certificar-se. Então era verdade, Vanique tinha razão, quando lhe dizia,

aquella noite, no sarau : « O nosso doutor pende para alli... »

Lauro ainda scismava.

— Mulheres... mulheres...

Tudo o convencia de que agora estava rôto o ultimo laço de sympathia, o fio delgado que ainda communicava o seu espirito com aquelle ente caprichoso, de quem todavia se julgara mais afastado, a cujos destinos se crera mais indifferente. Agora, sim, é que ia esquecel-a de todo. Regina tomava por esposo o homem que ella dizia abominar. Teria cedido, contrariada, á teimosia do padraсто ? Ter-se-ia operado nella uma destas transformações inexplicaveis que invertem os sentimentos, que mudam o desprezo em affeição, o odio em amor ? Como quer que fosse, talvez se sentisse, elle, menos abalado, se soubesse que Regina havia sido apanhada pela moenda do Engenho, ou victima de qualquer outro desastre. Seria uma desgraça lamentavel, mas essa ao menos não o deixaria escarnecido, não lhe mostraria a mascara risonha e escarninha do caçador de codornas, que parecia espreital-o agora d'entre os tufos de murta bravas...

Passavam nesse momento borboletas, azues, amarellas, niveas, um punhado de flores volantes que a brisa do mar ia tangendo por sobre as verduras da varzea, em direcção aos fundos da cha-

cara. Lauro apontou-as, e sorrindo com um travo de ironia :

— Lá vae, lá vae um bando de Reginas...

Vanique e as moças tinham parado e os esperavam ao pé das dunas. A cavalleiro de um d'esses comoros, em terreno mais solido, vicejava entre arbustos hispidos um cactus erigido de farpas, defendendo o bello fructo purpureo.

Helena, seduzida, ensaiou uma investida, mas sem resultado, porque a areia, muito fôfa, incapaz de offerecer ponto de apoio, fugia debaixo dos seus botins, subvertendo-os. Então o jornalista, recuando alguns passos, assaltou valentemente a duna, cavando-lhe fundas pegadas, atacou os espinhos do cardo, arrancou o fructo e trouxe-o a Helena.

— Obrigada, ella murmurou amavelmente. Em risco de ferir-se...

Voltou-se para o primo, que chegava, e logo mudou, sentiu-se confusa, um rubor tenue lhe subiu ás faces. Na physionomia de Lauro, no seu olhar, fixo e grande, encontrara uma expressão terrivel, um fogo sombrio que parecia ir fulminal-a. — Que estranho gesto!

Helena entristeceu.

A rapidez com que se passou esta scena muda, a effusão de prazer physico a que os companheiros de Lauro se entregavam em plena luz, na

calheta arenosa, soprada pela viração marinha, fez que não percebessem o incidente.

Dahi seguiram, pelo caminho das borboletas, buscando no raso, por traz das dunas, a sombra das murtas agrestes e massarandubas. Lauro caminhava, sempre junto ao academico, mas um pouco taciturno, com uma necessidade intima e selvagem de hostilizar alguém, de extravasar o humor que repentinamente lhe azedara o sangue, quando uma circumstancia veio favorecer os seus impulsos.

Entrando a planicie, pararam debaixo da copa de uma arvore antiga, de cujos galhos pendiam feixes de cipós.

Esther levantou os olhos e descobriu, em cima, desabrochada ao longo dos filamentos, uma brilhante flor de ouro.

Soltou uma exclamação :

— Que linda!

Julio desejou colhel-a, mas experimentando a resistencia do feixe que balouçava no ar, depressa abandonou o intento. Vendo-o afastar-se, Vanique, por sua vez, deu um empuxão aos cipós e largou-os. Mas então Lauro, que testemunhava tão pouco interesse da parte d'esses cavalleiros em satisfazer o pequeno capricho da irman, investiu e agarrou nervosamente os fios escavavrados; puxou, forcejou, insistiu e foi obrigado

a soltal-os, com vincos arroxeados nas suas mãos mimosas.

Essa demora impacientou Helena, que se conservava arredia e silenciosa.

— Vamos, vamos; faz calor.

E iam seguir. Mas Vanique obedecendo agora ao capricho da sua força e agilidade, voltou á conquista da flor.

Poz-se a examinar as fibras, separando-as e escolhendo; logo que acertou com uma, prendeu-a no braço em diversas voltas, e de arrancada, saltou para traz com o longo cipó a descrever uma linha sinuosa. A flor, despegada, fina como a aza de uma borboleta, cahiu para outra banda com a petala toda ferida.

Uma raiva surda entumescceu o coração de Lauro, ao passo que os outros riam d'aquella proesa, sem suspeitar da humilhação e da affronta que elle tragava.

Depois di-so, atravessaram uma pradaria humida e ganharam a falda do outeiro e os fundos da chacara.

Ahi foram encontrar o barão, que assistia ao tratamento dos cavallos. Dous pretos se occupavam nesse mister, um a passar a almofaça pela garupa de *Pierrot*, enquanto lhe arrepiava com a brussa o pêlo das ilhargas; o outro desembaraçando as crinas de *Troyano*.

— Excellentes para minha perna! exclamou

Vanique. Vem ver, ó Julio... Doutor... doutor...

Oh! que sorriso e que singular expressão no olhar de Lauro!...

Este afastava-se, raivando.

Desejava possuir a força de um touro, para cahir sobre aquelle janota que o menoscabava. Entretanto sentia-se no dever de reprimir-se. Quanto lhe custava esse dever!

Na manjedoura os animaes dos excursionistas iam devorando forragem. Apesar de fortes e vistosos, faziam mediocre figura em confronto com os do barão. O jornalista confessou isto mesmo; e alli esteve todo o tempo que durou o serviço, ganhando o *Pierrot*, alisando-o, illudindo os impulsos da propria dignidade um tanto agastada.

Quando mais tarde veio á procura do companheiro, achou-o com o medico, sósinhos, na varanda. As moças tinham-se recolhido.

No correr da conversação, certificou-se da frieza de Lauro.

Approximava-se a hora do almoço. Os passeantes começaram a collocar as esporas.

— Então, não almoçam?

— Obrigado, sr. barão.

E d'alli a pouco trotavam os cavalleiros em direcção á estrada.

O almoço correu com grandes parenthesis de silencio. O barão é que se esforçava agora por de-

senfadar a companhia, pedindo relação do passeio ás dunas. Só Esther lhe respondia.

Servidos todos, levantou-se D. Judith e foi com o marido para a sala de frente do chalet. O barão e o filho procuraram as sombras das massaran-dubas ao fundo da chacara; a filha subiu ao seu aposento para repousar.

Eram tres horas e Carlos ainda não chegara.

Os cavallos promptos, a tarde ensombrando as praias, o céu translucido por cima do mar, não obstante uma cortina de nuvens que descia para o norte, levada pela viração.

Lauro estava inquieto; sentia-se mal naquelle ambiente de paz, naquella doçura enervante do arvoredor. Não podia, não queria desfructal-a; preferia cousas que o brutalisassem, que lhe provocassem iras, insultos, violencias.

Deixou o pae sósinho. Passou pela estrebaria. Se montasse nessa occasião rasgaria a esporas, sem compaixão, o ventre do manso e docil *Pierrot*.

Passou pelas dependencias da casa, sem prestar attenção ao trabucar da escravaria. Entrou, procurando nos aposentos silenciosos alguém que lhe obsidiava o espirito. — Helena teria subido? Estaria com Esther? Talvez dormisse. E elle soffria, entretanto...

Lembrou-se de olhar o porto e chegou á varanda. Ahi, sentada em uma cadeira, estava a prima.

Deu alguns passos para ella. Hesitou, conteve-se; por fim aventurou, com um mau sorriso amarello e a fala tremula :

— Prima...

Ella conservou-se calada. Elle animou-se, fazendo sentir, ironicamente, que as senhoras gostavam de quem se sacrificava por ellas ou apparentava sacrificar-se; que era muito justo, sim, que esses taes recebessem o premio de suas gentilezas.

— Não o entendo.

— Ora...

Pois dissesse, dissesse... Que queria dizer?

— Quero dizer que faz bem distinguindo o cavalheiro que lhe tem dado provas de attenção e se esforça tanto, tanto, por ser amavel. Não foi tão gentil?...

— Quem é esse cavalheiro, Lauro? Que distincções...

— Quem é? Sabe-o demais. Saiba tambem, Helena, que eu não a crimino. Oh! não é o caso. Longe de mim... Digo-lhe que faz muito bem.

Mas como ella insistisse na pergunta, elle respirou e forçando a voz, para que fosse calma :

— Helena, acabemos com esta comedia. Para que dissimulações? É livre, somos livres, temos o direito de escolher e seguir o caminho que melhor nos pareça. Ainda nos devemos considerar felizes, de certo, porque accordamos a tempo de um engano que nos poderia ser fatal...

— Ah! já é livre... Desde quando?

Esse tom zombeteiro encheu-lhe a bocca de fel e sarcasmos.

— Perdôe-me, prima, não lhe vim pedir contas; já disse e repito que não se trata mal a um cava-lheiro gentil. Perdão, perdão! Acha que estou sendo irreverente para com a sua pessoa? É verdade que estive a ponto de odial-o, de lançar-lhe injurias — petulante, intruso, fatuo... Profanador que eu ia sendo. Mas bem vê que me contengo, que me arrependo, poupei-lhe o dissabor... Oh! pensar tão mal! Não, não o odeio.

— Meu Deus!... Lauro!

Que fizera ella para merecer essa flagellação, esses golpes?

— Odial-o, porque? continuou elle, cada vez mais pallido, com os olhos loucos e o mau sorriso nos labios. — Odiado... que felicidade! Poder chamar-se victima, pobre martyr do seu amor... Ha coração de mulher que resista a isso?... Um coração tão bom, tão compassivo, tão sensível...

Uma onda de protestos fazia arfar o seio de Helena. Ella não pôde mais reprimir as lagrimas; deixou-as correr. O ferro da ironia continuou impiedosamente a martyrisar-lhe as feridas.

— Sei de tudo, oh! se sei. Afinal o mau, o grosseiro, o perverso é aquelle que ousa affligir os sentimentos de uma senhora. O mau serei eu, unicamente eu...

Helena soluçava, e elle, passeando, tremulo, para o extremo da varanda, ainda murmurava :
« Perdão ! Perdão ! »

Em casa reinava o mesmo silencio.

Lauro conservou-se afastado, vendo-a estremecer em soluços. — Que tormento ! Que agonia ! Aquellas lagrimas... Era certo que a fizera sofrer. Mas não tinha culpa. Então, quem era o culpado ? Elle, não...

Ainda arquejava. O sorriso cruel desaparecera. Foi-se approximando para sahir da varanda, porque sentia-se estrangular e ao mesmo tempo esmorecer. E aquellas lagrimas... aquelles soluços...

Helena conservava o lenço na bocca. De repente, levantou-se, e limpando os vestigios do pranto, com os olhos enxutos e vermelhos :

— Engana-se !

Tinha um ar aggressivo. Não era mais a victima fraca e soluçante. Lauro sentiu a reacção de fraqueza. Ella falava torrencialmente, apaixonada, vibrando-lhe as recriminações de sua innocencia offendida. — Enganava-se, elle. Não merecia as suas ironias. Tudo aquillo era uma supposição van, injustiça, falso, tudo falso. Ella é que lhe não dava o direito de a igualar a outras bem conhecidas... Queria ser livre ? Fosse. Nunca lhe pedira juramentos, compromissos, protestos...

— Basta, Helena... Olhe... tia Judith...

— Nunca, nunca... Então? Acabou-se... é livre. Pois sim, era excusado pretexto...

Essa palavra o deteve.

— Como pretexto?

— Não sei. Lembre-se...

Era Regina que se interpunha?

— Ah!... creancice...

Estava quasi supplantado por aquella imprevista energia de um ser que elle conhecera sempre indulgente, affectuoso, brando. E como Helena proseguisse, alludindo a offertas de bouquets e a pequenos incidentes nos antigos saraus, no palacete, ainda balbuciou :

— Não se póde ser delicado. Então?

— Pode-se. Mas porque estranha que os outros tambem sejam?... Ah! isto aqui o aborrece. Quer sahir, viajar, para a cidade, para algum Engenho... É livre, sempre o foi...

— Helena! De que Engenho fala?... Olhe que é uma inverdade. Se allude a Regina, fique sabendo que a minha dignidade não me consentiria ter pretensões para com uma senhora que é noiva...

— Quem! Ella?...

Espantada, Helena mudou incontinenti. Mas a sua situação de offendida não lhe permittia entrar em indagações. Calou-se; passou a mão pelos bucles louros que lhe cahiam para a testa. Chegou á porta que communicava com a sala,

escutou e, como se a tivessem chamado, esgueirou-se apressada e altivamente.

Lauro ainda esteve na varanda, medindo largos passos. Depois entrou, encerrou-se no quarto, ancioso pela vinda do amigo.

Uma hora depois, com o espirito mais calmo, livre do ciume obsessivo que o perseguia desde manhã, recapitulava as phrases que lhe sahiram, as insinuações ferinas arremessadas contra Helena, durante aquella violenta exaltação dos seus nervos.

Procurava o culpado dos seus excessos. — Helena?... Em consciencia já lhe não descobria faltas.

Como chegara a conceber tão graves suspeitas? Helena, cujos sentimentos elle conhecia desde a infancia, Helena tão amorosa, tão leal e tão altiva, seria capaz de acceitar a côrte que outro homem ousasse fazer-lhe?... Havia, por força, erro, desvio, illusão no seu modo de julgal-a. Injusto, certamente. Fôra desabrido, provocando aquelles soluços, aquellas lagrimas que devêra poupar.

Um pesar enternecido lhe quebrantava as forças, e a formosa cabeça loura, vergada ao flagello de suas exprobrações, vinha pintando-se-lhe aos olhos como o fantasma adoravel do seu remorso. — A verdade é que a fizera soffrer innocente. Enganou-se, pedindo-lhe contas da falta de outrem. Quem era esse outrem? — Elle, sim; Vanique, o

verdadeiro causador de tudo. Vanique, ninguém mais, era o inimigo da sua paz, da serenidade do seu espirito e do seu coração. Urgia de vez afastal-o. Odiava-o, pelo que lhe fizera soffrer e soffrer a Helena.

Veiu-lhe de novo o desejo extravagante, a ambição animal de possuir musculos, robustez de touro, força de athleta. Tia Judith dissera : « És um fraco, meu companheiro. » Quem sabia se ella não dissera verdade! Mas porque o incomodava isso? Força, para que?...

Elle que jamais experimentara tão grosseiras necessidades, e até fazia da sua delicadeza physica um signal de eleição, uma especie de privilegio exclusivo dos homens intellectuaes, das familias nobres, uma qualidade distincta que se cultivava nos confortos da existencia abastada; elle que olhava, desdenhoso, e via como seres inferiores, materiaes, degradados, aquelles filhos do povo, galés do trabalho, accumuladores de força bruta, julgando que viviam a parte menos invejavel da vida e seriam felizes se pudessem trocar os labores em que desenvolviam o musculo pela inactividade, pelos ocios do corpo, onde só o cerebro se agita, — elle começava, desde certo dia, no decurso da molestia da irman, a conceber uma vaga desconfiança de si, da integridade do seu ser, a sentir-se incompleto, falho, troncho, a appetecer um pouco d'aquella fibra e d'aquella tempera que

outrora lhe pareciam estigmas de bestialidade... E para que? Agora o sabia. — Para remover os obstaculos que se lhe atravessassem no caminho, para se fazer valer e respeitar em todas as circumstancias, para ser um forte e poder lutar com exito na vida, para não soffrer ou soffrer menos...

De certo que para tanto não lhe valia o ser rico e filho de um titular. Com toda a sua superioridade de fortuna, independencia, nome e saber, sentira-se humilhado aquella manhan por um simples acto physico do jornalista, como já se sentira envergonhado com as palavras de tia Judith. Então já não era Vanique o culpado; seria elle, por ser « um fraco », por não ter saude, por ser um desequilibrado...

Lauro agitou-se, lançou mão de um livro, quiz ler, mas depressa lhe veio a impaciencia. Como esse livro era a Biblia, occorreu-lhe a sentença de Jesus, filho de Sirac. Entrou a passear, falando.

— A saude... a força... o « corpo robusto », virtudes supremas...

Se as possuísse não teria que recear de ninguem, de nada, — não praticaria talvez acções covardes como aquella que acabara de commetter, vertendo sobre a pobre Helena o fel dos seus despeitos impotentes...

Um accesso de furor contra si proprio o dominou. Torceu os braços como se lh'os tentassem amarrar. Movimento, agitação, esforços, precisava

d'isso. Estava morrendo de ocio, suicidando-se, e desde quando! no repouso, na mollicia da sua existencia, nos confortos que o pae e a sua riqueza lhe prodigalisavam.

Desceu do quarto, punindo-se com exprobrações severas, sem saber como apparecesse a Helena, com ancia de excitar-se, de sahir de casa para o campo e as praias, ao galope furioso dos cavallos.

Em baixo encontrou um moço de estrebaria.

— Ainda não veio, o doutor?

— Não senhor, disse o creado.

Mas chegando á varanda ouviu o ronquido de um cavallo e o som dos passos que se approximavam pelo fundo da chacara. Debruçou-se ao gradil e avistando Carlos, falou-lhe, ainda com resaibo :

— Emfim...

— Cá estou.

— Espero-te ha muito. É um pouco tarde.

Nunca se mostrara tão empenhado na equitação.

— João, traze *Pierrot*. Está sellado?

— Já nesta hora, senhor moço.

— Dez minutos de repouso, disse Carlos, tirando pelo relógio, enquanto Lauro punha as perneiras.

Vermelho, suarento, alegre, no seu fato de cheviot azul, Carlos subiu e entrou na sala.

Ahi achou Lourival, D. Judith e o barão conversando pachorrentamente. Perguntou pelas moças. Helena tinha ido a cima e lá ficara com Esther. Villarim pediu novas informações sobre a

morte da filha do conselheiro Cardoso. E a proposito discorreram até que o relógio marcou cinco horas.

Dalli a pouco os dous cavalleiros começaram a descer a collina.

X

Ao trote de *Pierrot*, emparelhado com o alazão em que ia Carlos Veiga, Lauro falava, com a voz cançada, aos saltos, trepidante. Suas palavras tinham todas o accento e o sentido de uma longa queixa. Queixava-se de não ter passado bem, nos ultimos dias. Soffria... Um mal estar indefinivel... Indisposições, tedios, irritações inexplicaveis, por qualquer pretexto... Ia-se desgostando da chacara com o seu eterno socego, sua atmosphaera adormecida.

— Imagina um estado de espirito semelhante a essa dormencia que ás vezes nos ataca um pé ou uma perna... Sabes o que é o despertar do membro entorpecido. Doloroso, não é? Parece que mil pontas de agulhas nos cosem as carnes. Isso irrita, faz peso, enraiva, embora dure pouco...

-- Já não vemos a collina, disse Carlos, olhando para traz.

-- Afinal, supponho ter descoberto a causa des-

tes aborrecimentos... Sim, deve ser esta inactividade, Carlos, esta reclusão em que vivo... Que achas?

— De certo... occupa-te em alguma cousa...

— Entro para o hospital.

— Fazes bem. . Olha, Lauro, aquellas duas jangadas.

— Vão sahindo?

— Entram.

— E aquella escuridão, cá por cima do outeiro?

— Trovoada.

— Se cahir?...

Passavam por um rancho de cabanas plantadas no sopé do monte. O areal cheio de puas de cardos, obrigava-os a moderar o passo aos animaes. Um velho caboclo de calça de azulão, seu conhecido, estava parado á beirada lagôa verde enfolhada de nymphéas, onde algumas vezes deixaram beber os cavallos.

— Se perguntassemos áquelle homem?

Lauro não esperou pela resposta do amigo. Dirigiu-se ao jangadeiro.

— Aquellas nuvens... aquillo... vem abaixo?

— Conforme. Se comer o vento, respondeu o Caboclo.

— Nós vamos ao *Outeirinho*.

— Dá tempo a vosmecês.

Os cavalleiros proseguiram a trote, por uma paizagem deliciosa de alvas dunas e coqueiros

infinitos, os longes desenhando arcarias, lombas de outeiros illuminados aqui e alli por uma luz de ouro pallido.

Lauro tornou a romper o silencio.

— Tive hoje o Vanique e o Julio, pela manhan.

— Sim?

— A grande novidade!... Regina vae casar com o sobrinho de Barcellos. Emfim...

— Melhor para o barão. Fica tudo em casa... Quem te disse, o Vanique?

— Não; o outro... A proposito, que opinião formas d'aquelle sujeito?

— O jornalista? É um rapaz da moda.

Lauro sorriu.

— Pelo que vejo está em moda a casquilhice, a lisonja, o snobismo, tudo o que ha de mediocre e chato com pretensões a valer.

O sorriso apagou-se-lhe dos labios. Um tom de resentimento animava suas palavras. Carlos ponderou :

— Essa é a moda que não decahe nunca ; é de todos os tempos.

O desejo do amigo não era criticar ridiculos sociaes nem extrahir a philosophia dos costumes. Elle visava á pessoa de Vanique; desejaria ouvir da bocca de Carlos uma diatribe que reduzisse o jornalista ao mais reles dos homens.

Carlos guardou silencio, e elle fez o mesmo, por discreção. Mas um subito frenesi de corrida, um

desejo violentissimo de maltratar, fosse a quem fosse, lhe agitou as pernas, e as esporas cravaram-se no ventre de *Pierrot*, que partiu a galope.

Em poucos minutos o cavalleiro voou ao meio da planicie atravancada de coqueiros, em direcção ao rio que deviam passar.

Carlos teve de afrouxar a redea ao seu alazão. Ria-se de ver aquelle arranco do companheiro. Achara-o nervoso; o pobre do animal é que ia pagar... Ou elle ainda não sabia governar *Pierrot*... pensou, instantes depois, vendo recrudescer a febre do galope. O peor é que havia espiques derribados, covas de areia, gretas abertas pelas chuvas, e Lauro já barafustava por entre os coqueiros, ao acaso, fazendo esparrinhar punhados de areia, e podia ser cuspidado da sella.

Apressou-se, gritando :

— Lauro ! Lauro ! Encurta a redea !...

Lauro não ouvia. Era debalde... Mas continuava á tôa, numa nuvem de pó.

Tornou a gritar.

— Lauro ! Lauro !

Viu-o meio penso, com a mão no chapéo, em fuga desenfreada, arriscando as patas do animal fino sobre espinhos de cardos. Atirou-se a passo rapido, clamando, clamando.

O demonio de *Pierrot*, côr de azeitona, parecia ter criado azas, e corria como um dragão, emendando os saltos numa linha vertiginosa, suspenso

da terra, dentro de um novelão de poeira. Cavallo e cavalleiro fundiam-se numa só mancha escura, numa forma sem contornos, indeterminada, aerea, numa simples apparencia. E já se perdiam no extremo da planicie, nas boccas de matto, aquem do rio, onde havia precipicios e galhos de arvores estendidos para a estrada.

Então Carlos lançou-se tambem a galope, e em dez minutos de corrida, vendo os coqueiros desfilar, com o zunir do vento nas oigas, assaltou a capoeira, atravessou-a, foi direito ao barranco e achou Lauro parado, á margem do rio morto.

— Safa! que furia é essa! Estragas o pobre *Pierrot*.

Elle sorria, entontecido, lisonjeado.

— Estás hoje mais electrico do que aquellas nuvens...

Lauro olhou para o céu, e metteu-se n'agua.

— Mais ácima, disse o companheiro, apontando o vau do rio.

Quando se acharam distantes da margem opposta, o sol se punha, e fazia calor; o mar, escurecendo, rosnava muito embaixo, deixando a descoberto o limite das praias. Mas o cimo do Outeirinho, ao longe, ainda estava dourado e convidativo.

— Subamos.

— Sim, respondeu Lauro, incitando o animal.

Sentia-se animoso, com o espirito e o coração

mais leves, alliviado das suas obsessões, dos seus remorsos, dos seus rancores.

Assim fez o percurso da explanada e subiu a encosta.

Chegando a cima, os cavalleiros descortinaram uma banda do céu fechada pela muralha de nuvens e o mar arrepiado por um vento frio, tingindo-se de azul violaceo. Outras nuvens esfarrapadas iam se fundindo naquella massa livida, correndo pressurosas como um povo concitado a revolta.

Nos cimos das collinas extinguiu-se subitamente o ultimo clarão do sol. A muralha crescia, arqueava-se, estendendo amplas dobras cujo negrume escurentava a terra e as ondas.

A idéa de apanhar uma trovoadas no matto, a uma legua de casa, começou a inquietar os nervos de Lauro. Tinha passado o seu quarto d'hora de arrojo. Nunca pudera achar o sublime d'essas conflagrações da natureza.

— Carlos, que esperamos? Anoiteceu.

— Bem depressa. Fomos roubados. Isto vae ser uma noite de Walpurgis... Paciencia. Iremos por ahi fóra cavalgando como duas feiticeiras.

Apenas acabara de dizer, bateu as palpebras, deslumbrado. Uma faísca incendiou parte da abobada negra, o trovão estalou e foi rolando por cima dos outeiros, com echos fundos, cavernosos.

— Realmente, não está para graças... Cuidado com o teu *Pierrot*; parece sestroso.

Desciam a ladeira, lado a lado. Os topos dos coqueiros, na baixa, zoavam, revirando as palmas; a cortina espessa acabou de fechar em cerração. Echoaram novos e mais fortes estampidos com relampagos e rastilhos inflammados, larvas de fogo que saham rabeando no meio dos luma-reos de enxofre.

Do pé do outeiro em deante a volta se fazia em silencio.

Só os animaes sopravam, com fremitos amiudados.

A tempestade crescia com a noite, cercando os dous cavalleiros de um clamor pavoroso de acachoar d'aguas, farfalhos d'arvores e repetidos estouros, que repercutiam á luz das deflagrações electricas.

— Horrivél cousa! pensou Lauro, commovido.

Começou a cahir uma chuva grossa e lenta que doia como pedriscos. Os cavallos, excitados pelo fogo e o ribombo, tinham assomos, calafrios, movimentos clónicos que dificultavam o governo. Apenas cessou a chuva, enfureceu-se o vento, com uma loucura de devastação. Ao longo da praia os coqueiros retorciam-se, urrando. A noite era completa.

Á redea frouxa os animaes correram velozmente um quarto de hora. De repente empacaram.

Ao clarão fugaz do relampago Lauro avistou o borbotão do rio engrossado pelo jorro dos outei-

ros, e Carlos, que se afastara, procurando o sitio vadeavel. Afigurou-se-lhe perigoso aquelle passo; ainda mais, quando elle viu de perto uma luz fantastica espelhar no collo do rio empolado com reflexo livido e sulfureo.

O vulto de Carlos apparecia e escondia-se, tornava a apparecer e a sumir-se, em eclipses instantaneos, até que pareceu a Lauro ouvir a voz do companheiro chamar, abafada immediatamente por um estralejar horrisono e desabamentos para alem da correnteza, onde cahiam coriscos.

— Aqui!... Aqui!... repetiu a voz, anciosa, e crespada de impaciencia.

Lauro, entretanto, não se decidia a fustigar *Pierrot*; sentia-se como petrificado em cima da sella, frio, tiritando. E foi preciso que o outro se approximasse d'elle, pegasse na brida do animal e com esforço, brutalmente, o atirasse n'agua, onde elle sentiu gelarem-se-lhe os pés até ás perneiras encharcadas.

Transposto o rio e a furna da capoeira, correram por entre os espiques da planicie, alumiados por sinistros fachos.

A ventania afrouxou, mas pelas alturas recrudescia o canhoneio. E Lauro, transido, acovardado, guiado pelo companheiro como se fôra uma creança, rompendo a noite sob a ameaça das combustões atmosphericas, pensou em Helena, no pae, em Esther. Espantavam-no sempre aquelles fogos

fulminantes; estremecia áquellas descargas sobre sua cabeça. Tinha consciencia de estar affrontando um grande perigo, sentia-se apavorado, envergonhado, confuso. Tinha medo, sobretudo, muito medo... E atravessou assim o resto da explanada.

Quando entraram no arraial, debaixo de nova granizada, ouviram gritos surdos nas visinhanças das cabanas, que pareciam prestes a voar.

Deixaram moderar a chuva. Os trovões iam espaçando e o vento recrescendo.

O mar avançava, ralhando mais alto, engolindo cobras de fogo que se lhe cruzavam pela superficie, e na praia, de vez em quando, espatifavam-se ondas em chuveiros brancos, realçados pela flamma intermittente dos relampagos.

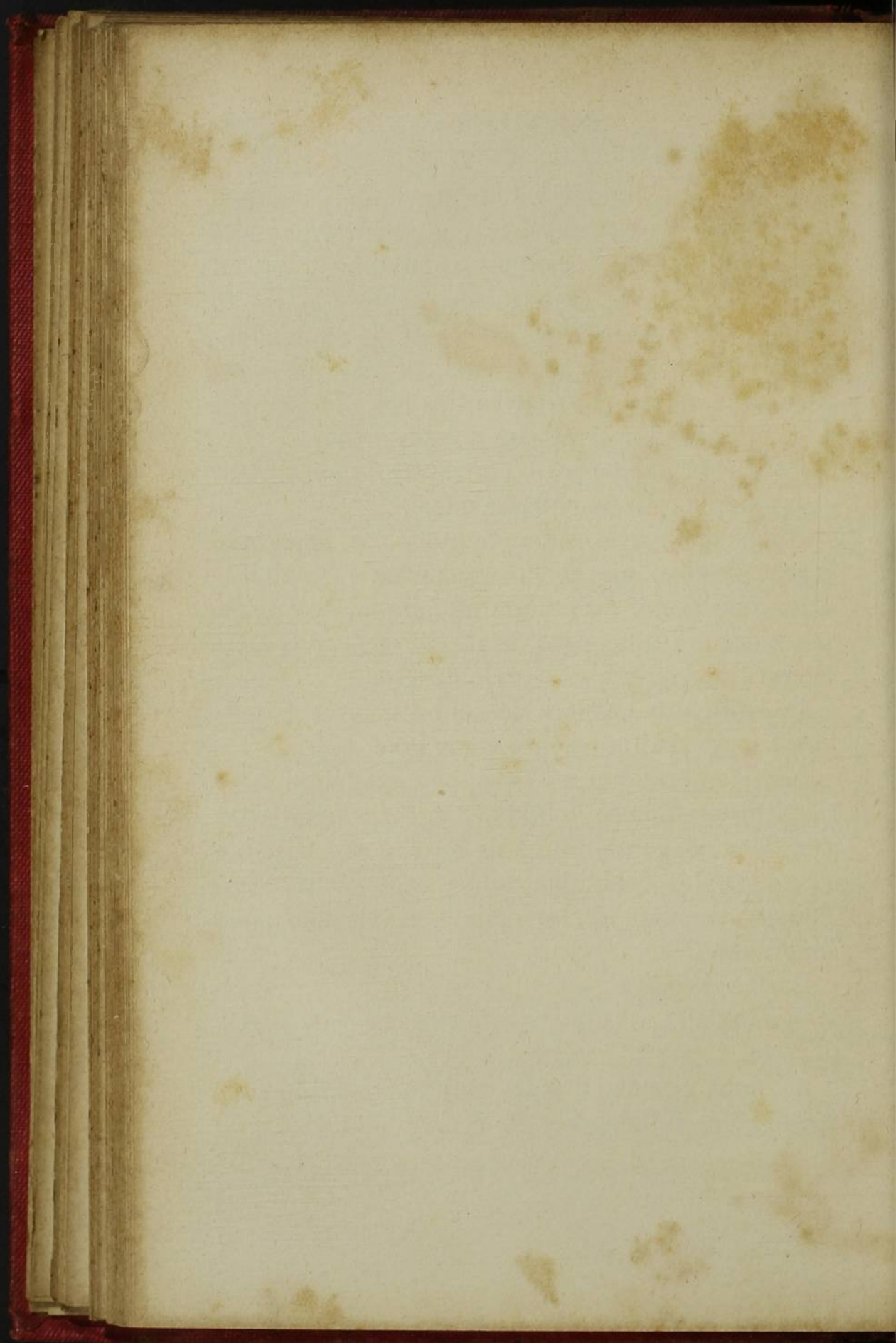
Da collina da chacara despenhava-se o enxurro; lá em cima era tudo negro como pixe.

Apenas abrandou a chuva, os cavalleiros sahiram a passo. Lauro, tolhido, não dizia uma palavra. Mas chegando ao pé do outeiro viu coriscar á sua frente; e alguma cousa baqueou no alto. *Pierrot* empinou-se, arrepiado, e elle não pôde conter um grito.

Carlos dirigia-o.

— Cuidado... Olha o coqueiro lascado... Segura-te.

Às suas costas, o mar continuava ullulando, ferido pelas fulminações do céu.



XI

Não era possível, dizia o barão a Lourival, que o palacete ficasse mais tempo fechado e elle ausente, embora presentisse que iria aggravar-se o seu estado naquelles aposentos impregnados de tantas recordações...

Joaquim tinha vindo da cidade com a correspondencia e com uma noticia que alarmara o barão. — Seus urcos, seus possantes urcos, já estavam desnalgados, á falta de tratamento!... O que era serviço de negros longe das vistas dos senhores!... Depois, o filho, tendo entrado para a clinica do hospital da Misericordia, obrigado a comparecer lá todos os dias, impunha-se uma fadiga de jornadas a cavallo, canceiras que lhe poderiam fazer mal...

— A Judith tambem está pelos cabellos.

De facto aborrecia-se, instava para pôr termo á estação nas praias. Acabara por desconfiar do sitio, que era muito ventilado; não podia sahir,

não se sentia melhor. E aquella tempestade, o susto que soffrera, com toda a familia, por causa de Lauro, a lembrança de um jangadeiro engolido pelas ondas, o coqueiro partido pelo raio tão proximo á casa, a sua casa tambem abandonada ás escravas, tudo a impellia para fóra d'alli.

— Cá estão as cartas de Barcellos, disse Villarim, abrindo a primeira.

Participava o casamento da enteada com o sobrinho, na capella do Engenho. O barão dobrou-a, sem dizer mais nada. Na outra carta insistia Barcellos pela solução da proposta sobre as terras de massapé. Comprava-as, com o fim de dar emprego ao sobrinho.

Villarim estava quasi resolvido a ceder-lh'as. — Que ia fazer de tantas tarefas, de tanto solo, fertil, porém ocioso, cujo cultivo se tornava cada vez mais difficil, por escassez de braços e falta de disciplina entre os captivos, todos assanhados com as idéas de libertação? Nem elle se sentia com disposição de ir internar-se no Engenho, nem seu filho tampouco. Formado, havia mais de anno, tolhido em sua carreira pelo grande infortunio, só agora dava os primeiros passos na vida pratica, ensaiando-se na clinica. Depois disso viria o casamento com Helena e a viagem de instrucção á Europa. Nada, nada...

Separou-se de Lourival.

Quanto á fazenda de criação, cruzamento e me-

lhoramento de raças, esse sonho da sua mocidade, era um castello a ruir desde a morte de Clarita. Aquelle golpe adormentou-lhe o espirito de iniciativa, atrophiou-lhe o musculo da vontade. Se algumas vezes ainda pensava naquillo era por suggestões do jornalista, a quem não vira mais, depois do passeio ás dunas. Tinha necessidade, emfim, de ser egoista, de restringir-se aos cuidados do lar, de viver mais para os dous unicos entes que lhe restavam no mundo. E Esther não cessava de inspirar-lhe vagos temores com as suas sentimentalidades de character mystico, o seu alheamento das cousas que deviam seduzil-a. Acompanhava, espreitava os modos, as palavras, os actos dessa filha, que elle sabia desejada por um moço. Nunca lograra, porém, descobrir o segredo desse coração, tão esquiva, tão caprichosa se mostrava ella, tão ambigua nas suas timidas demonstrações, que nem o sorriso lhe demorava nos labios. Via-a sempre deslocada, constrangida em sociedade, naquellas conversações que eram para as mulheres uma occasião de expandir a sua graça, de entretecer as delicadas filigranas do seu espirito. Que causa desconhecida fazia nascer e entretinha nessa alma tão moça semelhante aversão a tudo quanto as outras, na sua idade e em seu estado, estimavam, e de que se aproveitavam para pôr em evidencia os seus dotes?... Ella queixava-se de palpitações e tinha nojos, accessos melanco-

licos. Talvez a presença de D. Judith, o contagio moral d'aquelle soffrimento sem treguas, o espectáculo quotidiano d'essa existencia precaria e tristonha, talvez influisse na imaginação de Esther, envenenando-lhe a mocidade com impressões e idéas amesquinhadoras. Sim, sim, era preciso, era urgente cural-a, afastal-a d'aquelle ambiente, evitar-lhe todas as causas de tristeza...

Lauro tinha sahido a cavallo.

Quando voltou, carregando uma braçada de parasitas, o barão expoz-lhe o que havia resolvido, e elle annuiu promptamente aos desejos do pae, additando mais uma razão para a mudança. — É que lá, na cidade, estavam todos os seus livros de sciencia, e a clinica do hospital punha-o na obrigação de lêl-os, de estudar nos tratados os differentes casos que se lhe offereciam diariamente.

Decidiram mudar-se no fim da semana.

Então assentou Villarim fazer no dia seguinte a sua primeira visita ao palacete, ordenando ao preto Joaquim que mandasse a carruagem até ao ponto terminal da estrada.

Nesse dia o barão sahiu, esforçando-se por vencer uns apertos de coração, um confrangimento que se apoderara d'elle desde a vespera. Mas procurou reagir, e alacaiado por um escravo tomou o caminho deserto, pela manhan.

Mais tarde Lauro fez arreiar um cavallo para ir á sua clinica.

Estava bem disposto, com um toque de garri-dice, abotoado num *sac* escuro, o espirito sereno, alliviado, livre dos pesadelos que tanto o opprimiam.

Ia despedir-se de Helena. Depois d'aquella scena de ciume que se passou na varanda, quando elle voltou do passeio ao Outeirinho, pela noite tempestuosa, com o coração quebrado, sacudido por emoções, encontrara na physionomia de Helena signaes tão vivos de angustia, vestigios tão profundos da grande afflicção em que ella estivera, com o temor de sinistros, raios e tantos perigos imaginarios, que d'ahi em diante não pôde recordar sem remorsos tudo quanto lhe exprobrara naquelle assomo de desconfiança brutal. Enternecido, abraçara-a, significando-lhe que ainda vivia para merecer o seu perdão e o seu amor.

Assim desapareceu todo o resaibo que devia estar amargurando aquella alma boa e candida, enquanto elle esparecia no Outeiro, antes que a tormenta cahisse. Amava-a sempre mais, não como um perdido que fizesse do amor uma embriaguez, uma loucura, um delirio do coração; amava-a com enternecimento e delicadeza, com a caricia de animal batido para as mãos que o alisam, com a lembrança de todas as penas e alegrias em que a tivera por companheira, sorrindo ou soffrendo tanto quanto elle.

— São horas, disse Lauro, entrando na sala e estendendo-lhe a mão.

Ella adeantou-se, e tomando-lhe o chicote :

— Fique hoje, Lauro; iremos passear ás cabanas.

— Não, não. Tenho doentes... Deixa para a tarde.

— Por um dia?... Eu peço.

— Tem paciencia. Dá-me, dá-me o chicote. São quasi nove horas. Ás onze, em ponto, devo estar na enfermaria.

E para convencel-a, poz-se a dizer apressadamente o que era o serviço no hospital, quantos enfermos tinha a enfermaria, que molestias soffriam. Havia lá uma creança, que mettia dó, um pobre menino abandonado, com uma fractura de ambas as pernas, de um carro que lhe passou por cima... Um inutil, se escapasse da cova...

— Deixa-o ir, Helena, rogou a irman.

— Fique, fique...

O capricho da prima não cedia da sua teima, nem se importava de parecer cruel.

— Não ha lá outros medicos? Hão de tratál-o, por hoje. Não é verdade, que ha muitos lá? Fique, fique... Oh! Lauro...

— Exiges?

— Por hoje.

— Bem, já não saio. Quero que vejas que tambem sou capaz de sacrificios...

Helena poz-lhe o dedo nos labios, reprehendendo-o. Lauro sorriu, e foi ter com o creado para lhe safar as botas.

Lourival começara desde logo a fazer arrumações. Precisava ir á sua casa e dar umas tantas providencias, para que a senhora encontrasse lá todas as condições de asseio e hygiene recommendadas pelo medico. — Mas como havia de ser? Como se afastar um dia da mulher e interromper aquelle contacto, aquella vigilancia a que ella tanto se habituara? Não queria incumbir a pensão á filha, por mais que esta lhe disputasse, por algumas horas, sequer, as responsabilidades do serviço...

— Deixa, Heleninha; tudo se arranjará da melhor maneira. Ella fica entregue ao barão. É por poucas horas. Teu tio não sahe amanha; eu aproveito e vou.

Desleixado de si, com olheiras e o cabello crescido, esse martyr da amizade conjugal pousou a mão no hombro da filha, empurrando-a suavemente para junto de Esther, afastando-a do quarto, onde D. Judith ainda repousava, depois de ter passado uma noite sem dormir, affligida por um catarrho preso...

— Vae, vae passear. Deixa-a commigo.

Raras vezes dispensava a Helena tantas palavras e attensões. A doente absorvia-o todo, e elle entregava-se com abnegação, de corpo e alma, á

usura d'aquelle ser inutil e mais exigente á proporção que definhava. Quando lhe succedia despertar mais cedo que D. Judith, como nessa manhã, só então repartia com Helena um pouco da sua ternura, ordinariamente usurpada pela esposa.

— Mas olha, minha filhinha, accrescentou Lourival, toma sentido, não te exponhas muito ao rigor do sol, por essas praias e baixadas, que são chegadas a febres.

Lauro e Esther acabaram de pendurar ás paredes da sala as viçosas orchideas, tratando-as com zelo, porque desejavam leval-as para o jardim do palacete.

As moças vestiram irmanmente singelos trajos de musselina.

Desceram a collina, parando aqui e alli, revendo com vagar os sitios, a perspectiva dos arredores, como se antes de deixal-os quizessem gravar na retina toda aquella belleza, todo o pittoresco da paizagem. Um rebanho de nuvens desfilava do mar para a terra, interceptando ás vezes os raios do sol e pondo na relva, nos cimos das arvores, na brancura scintillante dos comoros e praias, no espelho do oceano a turvação ligeira de uma penumbra... Á beira do mar, jangadeiros, mulheres e pequenos tripudiavam na lida quotidiana. Viam-se as velas de algumas jangadas que demandavam o porto. Esther parou á meia encosta, acenando com o lenço.

— Desçamos. Tenho que falar ao Caboclo e faço logo as despedidas.

Reinava alegria em todas as palhoças. Havia abundante pescado, que os homens acondicionavam para ser vendido na cidade. As pobres famílias iam tirar o ventre de miseria. Ninguém mais falava na trovoadas e no jangadeiro afogado. Só um homem, um velho tisonado, hirsuto, com a cabeça ao vento e as mãos para traz, andava na praia, arredio, de um lado para outro, com cara de zanga, enquanto os outros, contentes e reunidos em lotes, continuavam a carregar peixes, utensílios de pesca e o velame das jangadas.

Lauro reconheceu-o, e deixando as moças á sombra de um palheiro, aproximou-se.

— Bom dia. Sabe dizer-me se o Caboclo já veio do mar?

— Não sei, não, senhor.

Lauro ia separar-se. Mas como o impressionasse a rudeza do velho taciturno, voltou, interrogando :

— Soffre alguma cousa?

— Nada, não, senhor. Estou á espera que se acabe aquella folia p'ra me ajudarem a botar isto em secco.

Mostrou uma jangada, grande e bichosa, com os paus apodrecidos, quasi soltos das cavilhas, meio enterrada na areia.

— Vae mudar os paus...

— Com que? disse o pescador, apumando-se e fitando-lhe um olhar sinistro.

Lauro comprehendeu então o motivo do mau humor do velho; e enfiando a mão no bolso, ficou algum tempo sem saber como se dirigisse áquella miseria altiva, que não se lastimava e que, ao contrario, parecia lhe fazer severa increpação.

Resolveu-se a falar, e carinhosamente :

— Venha cá, meu velho. Saiba que depois de amanha vou-me embora de muda. Estou procurando o Caboclo para dizer-lhe adeus. Não me queria ir sem deixar a você uma lembrança. Aceita? Pois aqui está, para comprar os paus.

O jangadeiro estendeu a mão tremula, com a physionomia transformada, e respondeu, dignamente :

— Deus lhe pague.

Nesse interim avistou o Caboclo que vinha em direcção á praia e gritou por elle para que viesse dar-lhe a mão.

Ambos igualmente avançados em idade, mas rijos e afoitos, metteram os braços ao madeiro, pegando-o á vante, e suspenderam-no. Haviam, porém, commettido um esquecimento; esqueceram-se de approximar o rôlo, que estava uma braça distante, ligado por um pedaço de amarra. Como remediar tamanho descuido, sem inutilisar o esforço empregado? Os dous homens ficaram um minuto a entreolhar-se, sopesando os lenhos jun-

gidos com as mãos callosas e feias como quatro garras, os biceps estiracados, as veias da garganta entumecidas e grossas.

Lauro, testemunhando isto, fez um movimento, e os pescadores, cheios de pasmo, viram-no abaixar-se, tomar a ponta da amarra e dignar-se offerecer-lhes auxilio... Agradeceram com um gesto, e esperaram. Mas toda a boa vontade do moço, toda a violencia feita por elle a seus musculos era insufficiente para mover e deslocar o rôlo. Então o dono da embarcação falou para o companheiro, em tom decidido :

— Aguenta?

— Póde largar, rosnou o Caboclo.

Ficou este sósinho, com os joelhos cravados no chão e o peso do ajoujo descarregado sobre os largos hombros, na postura violenta de uma cariatide, enquanto o outro empurrava o carritel para debaixo da jangada. Feito isto, voltaram á primeira posição e deixaram cair o lenho sobre o rôlo.

Lauro fez as suas despedidas e foi ao encontro das moças.

Pela sua frente caminhavam, das praias para as cabanas, d'aqui para alli, outros jangadeiros, velhos e rapazes, morenos, de rosto nitrado, creoulos tesos, grandalhões, delgados e fortes como troncos de beriba, todos arregaçados e lesto, carregando mastros e pannos, com uma resignação

contente no trabalho, ostentando nas pernas e antebraços a fortaleza dos seus musculos de ferro.

Um sentimento penoso, em que a admiração e o despeito se misturavam a uma especie de colera surda contra elle mesmo, infiltrou-se no animo do medico. Sempre humilhado!... Como aquella gente resistia á fadiga! Brutos, pareciam desafiar as proprias furias e os proprios venenos da natureza. As rajadas, o trovão, os maroiços, o incendio, as cataractas do céu encontravam em taes homens uma passividade granitica... E nada os amollecia, nada os amedrontava, nem o espectaculo da morte mais tragica!... Só elle adoeceu, depois de uma hora de perigo, numa noite tempestuosa... Quizera ser tambem uma d'aquellas cepas vivas por onde corria seiva heroica. Rebellava-se contra a sua fraqueza physica, porque em face d'aquelles velhos, cujos braços faziam imaginar dous pares de alavancas sustendo o peso da jangada, deante d'esses pobres diabos erectos, verticaes, flexiveis, em cujos membros diria vegetar a fibra dos coqueiros, tinha cada vez mais clara a consciencia da propria inferioridade.

Vinham-lhe ganas de empolgar os tóros de madeira que atravancavam o caminho, afim de maltratar, de violentar os seus musculos, de infligir-lhes disciplina tão cruel, tão dura que os fôrçasse a obedecer-lhe. Houve um momento em que elle parou, com esse impeto de reagir, sentindo correr

pelos nervos um fremito de forças e a necessidade vaidosa de exteriorisal-as. Mas arrependeu-se logo, percebendo a sua impotencia; doia-lhe ainda o braço, do esforço que fizera para mover o carritel. A sua physionomia denunciava tédio.

— Que tem? perguntou-lhe a prima, quando se acharam juntos.

— Nada. Voltemos, que o mormaço está queimando.

Deixaram as barracas de pindoba com o seu murmurio de satisfação, e foram subindo o outeiro.

Lá no alto se perfilava o estipe do coqueiro, decepado pelo raio, mas ainda altivo, inabalavel, como uma columna que zombou de um terremoto.

Lauro estugou os passos, compellido pelo desejo de encerrar-se em casa, de abandonar a chacara, o bosque, as praias, como se tudo isso lhe fizesse mal, muito mal.

Depois do almoço, Esther subiu ao quarto e dormiu.

Lauro procurou tudo esquecer. Reconciliado com a sua fraqueza, durante essa tarde prodigalisou á prima toda a meiguice e ternura de sua alma. A idéa de que era um ente fragil, melindroso, doentio, impellia-o a buscar um regaço amigo, onde achasse consolação e paz. E que melhor do que essa companheira dos seus infortúnios, Helena, sua prima e noiva?... Fôra ingrato,

apaixonando-se um dia por outra mulher; fôra perverso, atirando á face de Helena aquellas increpações e ironias, filhas de um estúpido ciúme, em que ella verdadeiramente não tivera culpa. Boa Helena... qual outra creatura lhe offerecia penhores mais firmes de felicidade?...

Sentados, na sala, á vista do mar sereno e chão, das palhoças, das velas de outras jangadas que vinham da pesca, ella volveu a cabeça loura e perguntou, apontando o alto oceano :

— Ha terras nessa direcção, Lauro?

— Ha, sim; as costas d'Africa.

Lauro, dizendo isto, levantou-se, apanhou na mesa redonda um atlas geographico, e no mappa colorido começaram ambos a seguir com os dedos as linhas imaginarias riscadas sobre mares e continentes, indicando e decifrando nomes, rios, montanhas, costas. D'ahi passaram a outras regiões do planispherio. Traçaram a rota dos paquetes entre o Brasil e a Europa, viajaram de pólo a pólo, internaram-se por mediterraneos, tocaram em todos os archipelagos e ilhas solitarias; e nessa rapida circumnavegação de fantasia seus dedos se embaraçavam e confundiam, anciosos de devassar paizes e cidades não conhecidas.

Lauro accommodou o atlas em cima dos joelhos e deixou que ella sósinha continuasse a curiosa viagem. De instante a instante volvia os olhos para esse perfil tão puro e suave conchegado alli

á sua ilharga, perto do seu coração cheio de amor. A fronte inclinada sobre o mappa descrevia uma linha flexuosa em perfeita harmonia com os seus mais miudos traços e contornos, — com a doce arqueadura da sobrancelha, com o desenho correcto do nariz, com o mento arredondado, com o angulo da bocca, o mimoso canto côr de rosa, por onde lhe parecia reçumar, como a polpa de um fructo aromatico, a sensualidade latente naquella carne virgem. E pensou: alli estava a sua futura companheira de thalamo, aquella cuja nudez sagrada se lhe desvendaria um dia e cujos labios lhe dariam a beber o succo da volupia inebriante. Nesse formoso marmore vivo teriam seus olhos deslumbrados a visão da belleza palpitante, que elle excitaria com os seus beijos e faria vibrar intensamente no supremo goso da posse, para que outro ser brotasse e elles continuassem a viver, indefinidamente, além da morte, numa vida inesgotavel... Todas as perfeições, todos os encantos honestamente occultos nesse corpo que respirava a seu lado, lhe appareciam sem véos, na imagem carnal do enlace. E com que embriaguez dos sentidos era attrahido por essas formas adoraveis e castas!... Mas de subito, arrancou-se a todas essas imagens, achando-as indignas d'ella e de si.

A mão alva e fina, espalmada sobre a folha do atlas, ostentando os seus tons de opala, parecia, comtudo, insistir: « Olha-me, beija-me e adivinha

o esplendor e a opulencia do thesouro que me possúe. »

Os dedos moveram-se, traçaram novo rumo pela superficie dos hemispherios. Por fim, detiveram-se num ponto. Era Paris. Helena lembrou-se de M^{me} Ronnier.

— Ah! que desejo, Lauro .. disse, afagando sonhos deliciosos.

— Hás de viajar, Helena.

— Quando?

— Um dia. Talvez breve, muito breve...

Dizendo, o primo levantou-se e foi debruçar-se á janella.

Seu proposito era ficar até o fim do anno a clinicar na enfermaria; no anno seguinte casar-se e tomar passagem, com Helena, para a Europa; lá frequentar a clinica dos mais celebres especialistas em molestias pulmonares, conhecer directamente os processos e methodos novos, todo o progresso realisado na sciencia a que se consagrara. Talvez o ambiente de Paris, a cidade-luz, da qual o barão, seu pae, guardava reminiscencias que eram o melhor consolo da sua velhice; talvez, envolvido nos clarões d'aquelle Paris pensante, que elle imaginava, de longe, como uma forja cyclopica onde se caldeava, batia e feitiava incessantemente o ferro das idéas, talvez alli conseguisse retemperar, suster a sua combalida fé no poder, na efficacia e no futuro da medicina.

Mas havia agora outro motivo, que elle não confessava, e que entretanto prevalecia em seu espirito, determinando essa viagem á Europa. Questão de principios e conveniencia pessoal.

Attribuindo em grande parte aos defeitos da educação, aos methodos irrationaes adoptados na familia e na escola, a penuria physica dos individuos como elle, a fraqueza constitucional dos homens aggravada pelos erros e absurdos da hygiene domestica, mantida pela herança, cujas leis admittia quasi sem exame, Lauro pensava que a influencia de um clima differente seria o unico remedio para certas organizações frustas, victimas dos preconceitos e da ignorancia dos educadores. Contra as cumplicidades da pedagogia e da herança não havia therapeutica possivel; restava sómente appellar para aquell'outra lei — a adaptação — em que a natureza codificara todas as suas forças modificadoras e de que os homens tão mal sabiam aproveitar-se... Acreditava, pois, que a mudança de clima, não podendo mais refazer a sua constituição, seria capaz, entretanto, de modificar-lhe o temperamento, dar-lhe um pouco de vigor ao corpo, de tonicidade ao espirito, de fortalecer, emfim, os cordões da sua rêde nervosa, que elle desejava bastante resistente para envolver-se nella como numa cotta de malha e defender-se contra as occasiões de soffrimento.

Estava convencido de que os seus tedios, os

seus desanimos, as suas irritações e tristezas procediam menos de causas exteriores que da sua propria susceptibilidade, da sua innervação doentia, da depravação do seu sangue, da frouxidão dos seus musculos, de um desequilibrio geral que o desfavorecia constantemente na lucta com os estímulos externos... Ah! que felicidade... ser forte e sadio, poder arrostar os perigos, o trabalho, as intemperies, a aggressão dos semelhantes, as vicissitudes da vida e dos tempos, sem recolher aquelles extremos de fadiga e dissabor que já experimentara!... Emfim, tinha esperanças...

Helena chamou-o, e pondo nelle os olhos suaves, disse-lhe :

— Carlos já viajou... Já viu o que não vimos.

— Já. E voltou muito mais alentado, mais bem disposto do que era.

Ella sonhava com os prazeres de *touriste*, sonhava gosar, ver o luxo, a magnificencia das mulheres, dos monumentos, das grandes capitaes; elle calculava outros proveitos, o bem que a viagem lhe faria ao corpo e ao espirito.

De repente, Helena desolou-se.

Havia um laço que lhe seria penoso desatar. Seu coração de filha antecipou-lhe a tristeza e a saudade em que ficaria immersa a mãe Judith, a pobre mãe valetudinaria de quem nunca se havia separado. Temia que sua ausencia fizesse soffrer ainda mais aquella que já padecia tantos annos...

— Não te apoquentes, disse o primo. Ella não fica peor nem melhor, quer vás, quer não vás. Ora... É mal sem cura.

Arrependeu-se logo de o ter dito.

Helena fechou o atlas, consternada.

— Porque, Lauro? Não se cura mais!... Desenganada, ella!...

— Não, não é isto o que eu quero dizer...

— É o que acaba de dizer... Mas porque é, hein? Será...

— Dize...

— Será porque minha tia e Clara morreram do mesmo?

Esta pergunta ainda mais o perturbou.

Uma idéa que o assaltara durante a enfermidade da irman, tambem acudia a Helena. Em que livros, em que tratados fôra ella aprender essa explicação, encontrar esse fio mysterioso da herança morbida? Em nenhuns. Então? Simples intuição; era o senso, a sciencia do vulgo que falava pela sua bocca.

Havia tempos elle pensara na possibilidade de uma diathese hereditaria na familia. Este receio, esta idéa, porém, se não o abandonou de todo, ao menos se afastara, com o dobar dos dias, para o vago das hypotheses não verificadas e, talvez, inverificaveis. E até esse momento lhe deixara o espirito em socego. Mas agora...

— Diga, Lauro. Porque, heim?

— Socega, Helena. Estás supersticiosa... uma

palavra impensada... Não ha razão para desenganar tia Judith... Ella pode curar-se, pode ficar boa; é o que eu desejo, tanto como tu e todos os nossos parentes.

— Então porque disse...

Elle passeava, estalejando com os dedos, as faces subitamente veladas por uma preocupação.

-- Disse como se dizem muitas cousas, no ar, a tóa...

E tu não sabes, Helena .. apesar de medico, sinto esmorecer, oh! isto já vem de longe, sinto que cada vez creio menos nessa medicina que eu não devia ter estudado... Acredita. Depois da morte de Clara tornei-me assim, pessimista, descrente. Quando vejo um enfermo penso logo no desfecho da enfermidade... num desfecho fatal... No hospital emprego todos os esforços para restituir a saude aos meus doentes; por muito que faça, custa-me acreditar que se salvem. A morte, sempre a morte parece-me espreital-os... Estudo, lucto, forcejo, não consigo dominar este estado, esta prevenção do meu espirito. Eu mesmo, desde aquella epoca, tenho sentido em mim os symptomas de varias molestias... É como que uma sombra que me envolve o pensamento e não me deixa ver nem julgar as cousas em calma, claramente, com a justeza precisa... Não leves em conta o que eu disse. Creio que o medico de tua mãe vencerá sua enfermidade... Elle não parti-

cipa do meu scepticismo, elle tem a fé e o sangue-frio que me faltam...

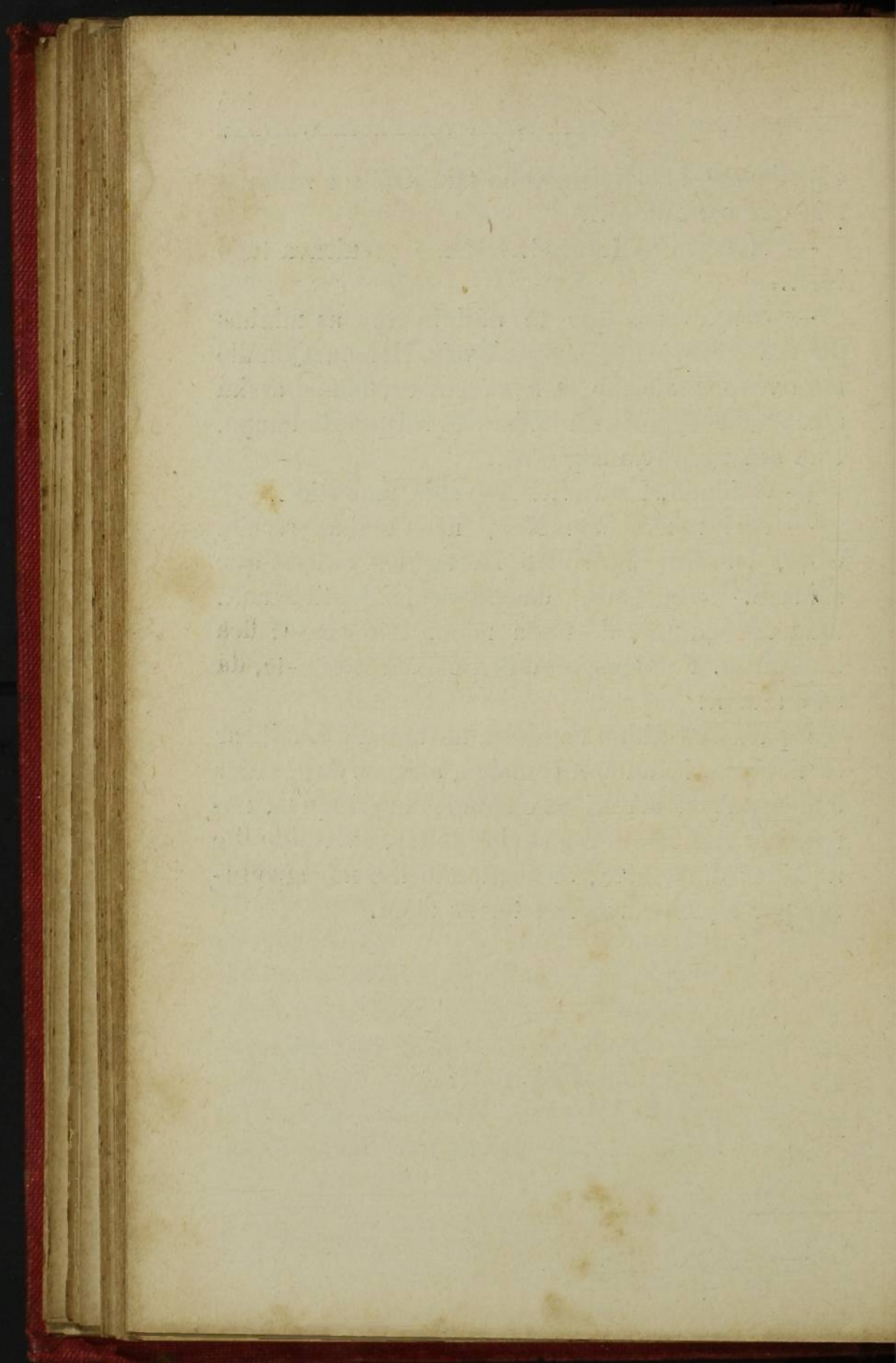
— Meu pobre Lauro!..., E me occultava tudo isso...

— Ora... para que te affligir com as minhas duvidas! São males inconsolaveis, Helena. Quando uma vez nos atacam, a nós medicos, fica-se assim como me vês, como ando, ha não sei quanto tempo, com um vacuo no espirito...

— Cuidado, Lauro!... Não seja molestia...

— Ah! recomêças. Não, não tenhas receio. Olha, isto que eu soffro ha muitos outros que soffrem. Decepções, desillusões, scepticismo... uma doença moral, nada mais. Isto passa; fica tranquillã. Falemos de outra cousa. Senta-te, dá cá o atlas...

E para distrahir-a começou novamente a folhear os mappas, levando-a comsigo, atravez de oceanos e montanhas, a regiões e cidades longinquas, nomeando monumentos e curiosidades, avivando-lhe a paixão digressiva, promettendo-lhe mil surpresas por aquelles mares e terras além.



XII

Na cidade a vida do medico tornou-se mais activa. Suas horas eram repartidas entre a enfermaria, o gabinete de estudo e a casa de Lourival... Os velhos conhecidos do barão, amigas de Esther, collegas, foram de novo recebidos; mas o antigo fasto, aquelle brillantismo dos saraus ruidosos que fizeram a tradição mundana do palacete, illuminações, concertos, bailes, tudo desappareceu na revolução por que passaram os habitos de Villarim, após a morte da filha mais velha.

Vivia-se mais modestamente, e á proporção que os dias corriam sem alvoroço de festa iam as visitas abreviando-se e rareando.

Agora os filhos do titular preferiam sahir e buscar no theatro, nos passeios, nos salões de outras familias a distracção e o prazer que dantes offereciam a seus amigos. Os mais constantes no palacete continuavam a ser Helena e Carlos, aquella, principalmente, porque Esther, desde que

voltou da chacara, fôra empolgada por assustadora hypocondria e ultimamente era affligida por uma tosse secca, nervosa, que dava cuidados a Lauro.

Na enfermaria elle tinha dous casos graves de tísica. Era uma rapariga costureira, cujo pae succumbira á mesma enfermidade, e um pobre rapaz, muito novo, imberbe, de expressão infantil, que dizia ter apanhado a molestia da propria mãe, fallecida de poucos mezes.

Esses casos lhe deram ensejo de aprofundar mais o estudo da herança morbida.

Lia, relia, reflectia, e pondo em jogo tudo quanto lhe restava de energia profissional, dava encarniçado combate á molestia.

O desenbace desta lucla seria para elle o renascimento ou a bancarrota completa da sua fé na medicina.

A tosse de Esther inquietava-o, lembrava-lhe a ingenua pergunta de Helena; era uma advertencia, era um supplicio.

Ainda concedia, entre as causas do depauperamento physico da raça, larga parte aos erros e deficiencias da educação.

Conversando uma vez com o Veiga, culpara os homens, os paes e os preceptores da mocidade, de violarem as leis da natureza.

Se não fosse medico, se não tivesse a sua missão determinada pelos compromissos do grão e do

juramento, e pela vontade do pae, quizera ser educador, para deixar um exemplo do quanto se podia conseguir pela cultura methodica, racional, harmonica da planta humana. Que obra mais bella, de entre as que sahem das mãos dos homens, poderia comparar-se a esse ideal em que elle desejára ver empenhada a sciencia: gerações vigorosas, sadias, rehabilitadas para a funcção da vida plena e feliz? Porque a felicidade, conforme a comprehendia, era um goso todo relativo, cujas condições ninguem devia procurar fóra do seu proprio « eu ». Esse sonho eterno da humanidade dependia, para elle, do modo de ver e sentir em relação com o mundo exterior.

— Nós, disse um dia a Carlos, conhecemos o mundo atravez de um prisma, — das nossas sensações. Dislate commetteria aquelle que dissesse a tal individuo: « toma este thesouro, este palacio, esta formosa mulher, todas estas cousas que delicias os homens; eu t'as dou para que sejas feliz. » Erro!... Podemos ser felizes, Carlos, sem possuir nenhum desses objectos; só não o podemos ser com um corpo fraco e enfermigo, com sangue dyscrasico, musculos atrophiados, nervos pervertidos. O mundo é aquillo que o nosso organismo permite que o seja. Seus aspectos variam com as constituições, os temperamentos, os estados organicos, os estados nervosos. Estes é que dão o colorido ás nossas imagens, a vibração aos nossos sentimentos,

o modo ás nossas idéas, o tom á nossa vontade. O corpo são faz ver, sentir, querer, pensar sadia-mente.

Toda a felicidade, pois, depende essencialmente, não d'aquillo que nos cerca, mas do que está em nós mesmos, desta trama de tecidos, destes órgãos, atravez dos quaes se canalisam as nossas impressões até a alma, até o cerebro, até a consciencia, dando lugar a que nos conheçamos felizes ou desgraçados. Viste, meu amigo, como são felizes aquelles pobres pescadores, tendo por unicos bens uma jangada e uma choça... Porque? Pela simples razão de que são animaes fornidos, solidos, em pé de guerra. É assim que eu comprehendo a plenitude da vida e a possibilidade de ser feliz. Aquelles não se abatem facilmente, não exageram as suas dores, arrostando com intrepidez todas as tormentas, têm em si proprios os elementos de felicidade que outros buscam na posse de riquezas vans, de mil confortos e requintes de bem-estar. Cultivar o cerebro sem defraudar o musculo, partir destes principios, — tudo quanto se passa nesse pequeno mundo organizado que se chama o ser humano é puramente função de cada uma de suas partes, — o mal que se faz ao corpo faz-se ao espirito, — não ha fronteiras entre um e outro — eis a regra absoluta a que deviam obedecer os systemas de educação para regenerar a especie. Ah! quanta infelicidade evitaríamos se estendes-

semos até á arte de educar — o campo das nossas applicações scientificas!...

Afim de estar bem apparelhado e armado contra qualquer perfidia do mal a que dava combate na enfermaria, o mesmo que lhe matara a irman, Lauro estudava nos livros com afincos todos os segredos da estrategia medica. Sua attenção demorava-se especialmente num ponto : a transmissão do mal, a influencia do factor paterno e do materno nessa transmissão da molestia á progenitura, o modo, as condições, as leis da herança.

Ahi muitas vezes afrouxara redeas á imaginação, para supprir a marcha tardia da sciencia. Achava muita cousa vaga, obscura, inextricavel nesse reino do capricho. Individuos que herdaram dos avós a sua diathese, porque os paes haviam logrado illudir a lei de transmissão; outros preservados da herança fatal pela appareição de uma molestia differente que vinha assim substituir em tempo o legado profecticio... Mas, apesar das controversias e obscuridades, não esmorecia, e quando se afastava de casa em caminho do hospital, ia num frenesi de hostilidade, excitado, quasi raivoso, offerecer ataque ao inimigo, sitial-o por todos os lados, com ancia de roubar-lhe as duas presas, os dous miseros tísicos em cujos corpos elle via tripudiar e fazer devastações os mesmos cabouqueiros terriveis que solaparam a existencia de Clarita e ameaçavam Esther. Queria a ultima prova.

Nessa irman observava os symptomas, fazendo sempre por manter a serenidade, o sangue frio necessario para reunir o maior numero de observações e provas decisivas, sobretudo cohibindo-se de alarmar o espirito do barão. A molestia, aliás, parecia desenvolver-se e marchar segundo um typo mui diverso da de Clara.

Combinaram, elle e o pae, não chamar o Dr. Favilla. O barão queria que o proprio filho com seu amigo Carlos Veiga se incumbissem do tratamento, uma vez que o caso não tinha gravidade. Lauro discordou. — Nem elle, nem Carlos. Eram muito affeigoados á doente. Essa circumstancia devia prejudicar a calma indispensavel ao medico em um primeiro reconhecimento. Além de que, um singular escrupulo aconselhava-lhe não falar ao Veiga na molestia da irman.

Chamaram um velho medico desabusado, com reputação de philosopho, muito simples e muito sobrio no uso das formulas e drogas.

Entretanto, pae e filho, sem nada confessar um ao outro, prevendo com mais ou menos justeza o approximar de nova desgraça domestica, faziam por tranquillisar-se e apaziguar os seus presentimentos.

O espectro de Lauro, quando elle repousava dos labores do dia, era a mãe morta, ceifada pela doença pulmonar; era a tia Judith, ferida nos mesmos orgãos da respiração, condemnada, arras-

tando a sua enfermidade chronica, á semelhança de um calceta os ferros; era ainda a tradição que encontrara no seio da familia, a memoria de alguns antepassados victimas da mesma consumpção; era, por ultimo, o desastre de um anno e mezes antes. Todavia excogitava argumentos a que ia se agarrando como por instincto; a propria sciencia lh'os fornecia. Era possivel, talvez, abrir uma brecha na lei formidavel e por ahi se evadir com Esther e com Helena, ao destino da outra...

Seu pae não soffria do peito, bem que fosse um homem fragil, e sujeito á gotta. Em todo o caso, devia ou não consideral-o um factor, convergindo para o resultado que parecia verificar-se? Penosas questões para seu espirito já torturado pela consciencia de uma fraqueza irremediavel.

Um dia entrou no hospital, no momento em que dous outros medicos em serviço se abeiravam do leito de certo doente. Era um dos seus dous tísicos, a costureira, a despedir-se do mundo.

Reuniu-se aos collegas. Viram-na expirar. Conferenciaram. Falaram largamente de uma theoria em voga e de um descobrimento que vinha confirmal-a.

Lauro manifestou-se um tanto sceptico. — Que isso afinal pouco adeantava, uma vez que o germen não vingaria onde não encontrasse predisposição num estado favoravel á sua cultura. Os collegas acharam-no ousado e extravagante. Como

desdenhar do que affirmavam sabios europeus!... — Nada. A seu ver, o essencial era levantar uma barreira á invasão do mal, microbio ou não, e conjurar as influencias, as causas predisponentes de um estado, por assim dizer, imbelles; e entre essas influencias nenhuma lhe parecia mais temivel e preponderante que a do sangue, do vicio organico dos progenitores. Tinha as provas alli no leite onde acabava de agonizar a costureira e em outro, onde um pobre rapaz caminhava para igual desfecho. Esses dous infelizes cresceram e viveram na maior penuria physica; filhos de tísicos, criados á revelia dos correctivos da hygiene, tinham no proprio organismo larga porta escancarada á enfermidade; seus orgãos não lhes serviam de arma de defesa; a compleição fraquissima, em ambos, preenchia as condições de um viveiro para a incubação e proliferação do mal. O essencial era fechar aquella porta, era modificar as condições, combater as causas de depauperamento que, no seu entender, não diversificavam das causas do mal.

Um dos medicos convidou-o então a ir á sua enfermaria, e mostrou-lhe o doente que tinha a seu cargo, havia trez semanas. Era um crioulo alto e corpulento, formas athleticas, peito largo, semelhante áquelles membrudos jangadeiros, cuja solidez Lauro invejava.

— Nada soffria, falou o collega, até bem pouco

tempo. Nutrição admiravel, musculatura de aço, bom humor e melhor appetite, perfeito equilibrio de todas as funcções. Apanhou um resfriamento e de repente começou a sentir-se mal...

— Era o grão que fermentava lá dentro, disse o outro medico.

— ... Queixou-se de lassidão, tossiu e escarrou sangue. Está com os pulmões marchetados... Teve dous tísicos na familia : o avô e um tio.

Quando Lauro, acabado o exame do seu doente, sahiu do hospital e seguiu para casa, foi com uma nova obsessão no espirito : a imagem do crioulo possante e musculoso, derribado inesperadamente pela explosão da diathese herdada. Todas as suas idéas sobre a educação saltavam pelos ares como estilhaços de um vidro arremessado ás pedras. Esse caso vinha desarranjar fundamentalmente a ordem dos seus raciocínios. — Não valia a couraça resistente, o corpo encorreado, construido, por assim dizer, fibra a fibra, segundo as normas de uma cultura physica em accordo com a hygiene... não valia nada contra aquella força attractiva, occulta, registada na trama da cellula, contra o germen latente depositado, talvez, nas entranhas do homem, desde a primeira phase da sua vida no utero?...

Seu objectivo consistia num regimen hygienico vigorisante, que restituindo aos individuos as forças dissipadas por um sem numero de erros

accumulados e transmittidos de geração em geração, os habilitasse para uma vida planturosa, os protegesse melhor contra as causas de dor e de morte, e em relação aos diathesicos, especialmente aos descendentes de tísicos, conseguisse evitar a deflagração do mal, levantando o rastilho inflam-mavel que era a funesta herança dos seus órgãos. Mas se organismos como o d'aquelle gigante ruíam, minados pela traça invisível que tinha nelles pré-finido o seu logar, se esses castellos viventes deviam ceder, aluidos pelo habitante silencioso que lá dentro, num dado momento, se multiplicava em polypeiros vastos, que probabilidades de resistencia ficavam a creaturas desmedradas como elle, e a irman, e Helena, que vinham desde o berço com o estigma da miseria, assignalados com o sello da degeneração, da diathese?...

Tão funda impressão suscitou immediatamente e gravou-lhe no cerebro uma idéa que o fez estremecer de horror.

Era como a luz do relampago, que aclara, mas despede o raio, que fulmina. Violentava um dos mais extremados sentimentos da sua vida.

Procurou repellir essa idéa, porque ella envolvia um sacrificio tamanho, que se lhe figurava acima de suas forças. Equivalia á morte do melhor dos seus sonhos, ao anniquilamento da parte mais cara da sua existencia, á immolação do seu proprio ser. E de onde lhe acudiria a coragem, o valor,

o heroismo necessario para luctar com a unica potencia inquebrantavel que reconhecia em si? Em nome de que interesses, de que direitos ou deveres suffocar o seu amor, o seu grande e sagrado amor, esse amor que jurara a Helena?... Não, elle não era nenhum heroe de romance. Certamente, a especie, como a sociedade, tinha os seus direitos. No interesse da ultima, em consideração a ella, os homens cohibiam-se de certos actos que, aliás, lhes conviria praticar. Elle mesmo, Lauro, muitas vezes sentia o pranto na alma deante dessa humanidade padecente que gemia nos leitos do hospital; e se condemnava os defeitos, os absurdos da educação, se desejava o triumpho positivo da sciencia medica, não era por egoismo, no seu unico interesse e de seus parentes, mas por amor de todos os fracos, da restauração da raça, da felicidade geral dos homens. Os seus sentimentos altruistas e a sua consciencia de humano solidario com os semelhantes, deviam contentar-se com impulsos tão sinceros. Deixassem-lhe, pois, já que não podia gosar um só prazer completo, porque no fundo de todos ia encontrar a lia amarga, o reflexo da sua mesquinha organização, — deixassem-lhe aquella unica esperanza de pazes com a vida, o raio de luz que os olhos daquelle anjo, os olhos de Helena, projectavam nos abysmos de sua tristeza.

Medico, bem comprehendia as responsabilidades

da sua missão, que não devia limitar-se a lenir as dores do individuo, senão também visar ao resgate da humanidade... Sim, resgatal-a do soffrimento, afastar-lhe da cabeça, quanto possível, esse açoite que transformava a existencia numa columna de flagellação, pôr um balsamo efficaz ao alcance de todas as feridas, abranger no mesmo manto de misericordia o maior numero de condemnados, tal era a missão sublime do medico, tal seria o seu idéal, obra do amor e da sciencia, sobretudo de amor, de uma grande e santa sympathia presente a toda a parte, onde quer que houvesse, não só uma chaga a cicatrizar, mas uma lezão a prevenir, uma fonte de dores e um rio de lagrimas a estancar.

Como medico, para servir á nobreza do idéal, para não fraudar a sua missão, cumpria-lhe proceder de modo que nem um acto só da sua vida compromettesse a felicidade dos seus semelhantes, malbaratasse a saude e o bem estar delles, sacrificasse a obra de regeneração physica, e por tanto moral e mental, da especie. Mas... aonde iria chegar pelo fio dessa logica implacavel!... Que assombrosas consequencias viriam desentranhar-se de taes premissas!... Teria forças e animo para encarar de frente o corollario tremendo que ante-via no termo desse caminho por onde a razão queria conduzi-lo? Elle, fragil, doentio, naturalmente contaminado pela eiva de uma herança fati-

dica, vendo soffrer em torno de si outras victimas do mesmo peccado original, considerando-se, sentindo-se desgraçado, porque trazia no corpo e no espirito o ferrete de uma miseria irreparavel, fructo dos erros da educação, dos preconceitos sociaes e das fatalidades naturaes, devia renegar, esquecer todos os principios em que assentava a honra e a grandeza da profissão medica, e unir-se a Helena, a sua prima, herdeira provavel, como elle, daquelle patrimonio de dores?... Unir-se a ella, tomal-a por cumplice, e conspirar, talvez, contra a geração futura, que continuaria a accender na terra, numa noite perpetua de enfermidades, afflicções e agonias, o fogo fatuo da sua existencia precaria, inutil, infeliz... Que serie de desastres! Quanta maldade, quanto crime commettido no mundo pelo egoismo dos que amavam sem ter um só pensamento para aquelles que haviam de vir!...

Havia defrontado, não obstante o seu primeiro movimento repulsivo, a formidavel consequencia que tanto lhe horrorisava o espirito.

Achou-se perto de casa, sem dar por isso; empurrou automaticamente o portão de ferro e descortinou ao fundo as duas araucarias finas e sombrias, contrastando a exuberancia dos flamboyants, outra vez desabrochados em flores de sangue. Queria repousar da lucta interior, mas o pensamento, como por uma seducção do abysmo,

andava-lhe sempre ao redor d'aquella idéa. O palacete respirava silencio e solidão.

Entrou. Havia dous dias que Carlos não o procurava. Entretanto necessitava desse coração amigo, onde nunca faltou indulgencia e sinceridade; precisava delle, nessa hora de verdadeiro perigo. Mas podia e devia confessar-lhe tudo? Hesitava. Receiava enlouquecer.

O barão tinha sahido. Lauro foi ter com a dama de companhia. Era uma senhora de meia idade, rosto intelligente e fresco, apesar da branquidão geral dos cabellos. Chamava-se Eduarda, estivera ao serviço de D. Maria, a mallograda filha do conselheiro Cardoso, e ultimamente fôra contratada pelo titular para supprir a falta de M^{me} Ronnier.

A dama informou que Esther ficara no ultimo andar folheando albuns e se queixava de ardor na garganta; o medico estivera pouco depois das dez horas; quanto ao senhor barão, sahira, sem dizer aonde ia.

Lauro enfiou pelos corredores e foi visitando os aposentos, muito asseados e tranquilllos no seu luxo de cortinados, alcatifas, quadros e moveis que pareciam pedir que os gosassem. Na sala de jantar, como visse á ponta da mesa uma salva de prata, sentiu perpassar a imagem de Regina. Mas deixou-a fugir, e voltou ao gabinete. Ouviu então soar o piano, discretamente, no salão nobre. Esther distrahia-se...

Que é que ella tocava? Procurou lembrar-se, e afinal acertou. Era o madrigal, o mesmo que Clarita, já sem forças, no intervallo da febre, fizera M^{me} Ronnier executar, num dos mais tormentosos dias d'aquella enfermidade.

Lauro sentou-se á sua mesa de estudo, com os olhos cravados no dorso vermelho de um tratado. A idéa espantosa, a idéa do sacrificio do seu amor, terebrava-lhe o cerebro, em quanto pelo ouvido elle tinha a sensação da musica suggestiva, que falava de outro amor, mais poetico, talvez, porém não mais verdadeiro que o delle. « De mon premier amour — Qui ne finira pas... » Ah! quantas recordações nesse doce fluxo sonoro! Como isso feria e repercutia! Como essa simples phrase, acordando os echos da alegria e da felicidade passada, vinha accentuar o tédio e a tristeza dos dias que iam correndo, lentos, sinistros, como um desdobrar de cumulus!... Que sentimentos, que associações de idéas, que evocações pungitivas não se faziam naquella alma delicada e amante, lá em cima a repovoar o salão de tantas cousas mortas! Que doloroso appello vibrava nessas vozes...

De repente o piano cessou de cantar e deixou truncada a melodia.

Dir-se-ia uma voz embargada por uma irrupção de soluços.

Lauro imaginou a scena muda que lá no andar nobre se passava. E quando Esther desceu, achou-

a tão pallida e desfeita, que recebeu uma subita alteração na marcha dos seus sorrateiros padecimentos. Effectivamente, ella accusava falta de respiração, e aborrecia-se, aborrecia-se muito. Os traços, mais carregados, reproduziam alguma cousa da physionomia de Clara, quando enferma. O palacete opprimia-a, disse ao irmão. « Nunca vira a cidade mais erma... Antes a chacara. »

A dama de companhia appareceu nessa occasião, trazendo um pequeno cabaz de vime e convidou-a:

— Vamos, D. Esther.

Iam ao jardim, colher flores para o throno da Virgem de Lourdes. O irmão recommendou, em voz baixa, a D. Eduarda:

— Faça por distrahil-a.

Quazi ao mesmo tempo um carro parava lá fóra e o portão gemia nos gonzos, franqueando-lhe passagem.

O barão entrou, com ar preocupado, e chamou o filho ao escriptorio. Sentaram-se, e o titular falou lentamente, fatigado:

— Fui sempre ao Dr. Favilla... Fui chamal-o para uma conferencia, a conselho do assistente.

— Ah ! pediu conferencia ?

— Pediu... Entretanto, não sei bem o que pensa esse doutor do estado de Esther. Fala-me numa linguagem figurada, não diz as cousas positivamente. Escutou-a hoje, examinou-lhe a garganta

e os escarros, nada mais receitou. Quando acabou, perguntei-lhe de parte o que havia. Respondeu-me que a poria bôa, comtanto que a natureza o auxiliasse...

Lauro abanou com a cabeça.

— Por fim, como eu instasse por uma palavra precisa, me aconselhou que chamasse para uma conferencia outro especialista de minha confiança, a pretexto de que dous ouvidos percebem melhor que um. Afinal lá fui convidar o Favilla... Não sei, meu filho, não sei, não, o que ainda nos está reservado...

Ficaram ambos com as fronte abatidas, silenciosos, na penumbra do aposento. Pela primeira vez entendiam-se a respeito da enfermidade de Esther, sem ser preciso mais do que aquellas poucas palavras e esse silencio cheio de confissões.

O filho ergueu-se, afinal.

— Então vem amanha...

— Os medicos? Sim, ás duas da tarde.

Lauro deixou-o e subiu ao ultimo andar. Lá em cima procurou os objectos por onde andaram as mãos da irman e viu um album com os fechos de prata cahidos sobre o xarão do velador, no meio de outras capas de velludo e percalina de côres vivas e titulos dourados, entre as quaes dormiam, havia mais de anno, collecções de finas gravuras, panoramas, vistas de monumentos, chromos, partituras, textos de luxuosos *magazines*. Abriu esse

album, que era o santuario das venerandas imagens dos ascendentes; poz-se a esquadriinhar, feição por feição, physionomias chloroticas, atacadas pela esponja do tempo. Sentia a curiosidade um pouco extravagante e dolorosa de surprehender em cada uma dellas o facies especial do mal de familia. Sabia que poucos desses antecessores chegaram á velhice. Do lado materno ainda mais que do paterno, raros foram os exemplos de longevidade. Com effeito, quasi todos aquelles rostos eram moços; bem cedo a morte os immobilisara.

Deparou-se-lhe o retrato do mesmo parente que uma noite, na chacara, vira em outro album, nas mãos de Helena. — Ella descobrira-lhe alguns traços nesse retrato. Podia ser... Mas de que morrera o parente? Ignorava... nem queria mais saber.

Folheou para deante, e deleteve-se, commovido, defronte da effigie materna. Ouvindo, porém, leves passadas no corredor, fechou o album e levantou-se. Esther demorou-se alguns instantes no seu quarto e desceu logo, tossicando nervosamente. Lauro volveu á mesa.

— Que tocante semelhança com ella!... Pobre mãe, que eu não conheci!

Pobre mãe, victima innocente... e, em que pesasse á sua piedade filial, sacrificadora sem culpa, cumplice involuntaria de um enorme delicto phy-

sico, testadora do mais funesto patrimonio que se podia transmittir a uma geração.

— Perdôa-me, ó martyr e santa! Eu venero a tua memoria... Mas antes não houvesse concebido, nem criado no teu ventre, nem dado á luz esta prole desditosa, frustrada, incapaz de fazer a felicidade propria e alheia... Baldadas foram as tuas dores! O teu sacrificio, cruento, o maior que a natureza impoz á mulher, vae-se mallogrando nas mais atrozes decepções. Teus filhos são fructos mangrados, são uns miseros Jobs, que devem maldizer do dia em que nasceram... Faltaste ao fim providencial do matrimonio. Somos os verdadeiros « renovos bastardos », somos a descendencia iniqua, e como a « linhagem do thalamo iniquo » ella será exterminada...

Fechou de vez o album, e invadido por um pavor estranho, medo da solidão, medo do espaço, medo da blasphemia que acabava de proferir em face daquella effigie sagrada, desceu apressado e tremulo as escadas, cuja tapeçaria lhe abafava os passos.

Queria mergulhar num esquecimento, num somno tão profundo da consciencia, que o seu espirito não dêsse absolutamente por esses estímulos que o aguilhoavam desde a visita á enfermaria. Entretanto, via-se de novo presa da mesma idéa terrifica, a idéa terebrante, que lhe ferira o cerebro nessa manhan. Tinha certesa

de que a irman estava perdida, tinha razões para se considerar igualmente condemnado, tinha suspeitas bem fundadas de que Helena, sua prima e noiva, pagaria o mesmo tributo á fatalidade. Perseguia-o a imagem visual do crioulo tisico, tisico apesar daquella conformação, daquella robustez athletica que fazia suppol-o uma peça inteiriça, fundida no molde da mais intensa vida ! Engano. Lá dentro havia a bolha de ar, a eiva irremediavel que annullava de momento a resistencia do crystal rigido e do aço mais bem temperado... O principio desaggregante lá estava implantado, insito, porventura, desde o acto inicial da fecundação. Contra essa insuperavel tendencia conservadora, que poderia a educação, por si só, a hygiene, a reacção da intelligencia e da vontade humana, se estas não se remontassem ás fontes da vida, se não presidissem, apoiadas num regimen preventivo, ao acto decisivo, o que importaria vedar o matrimonio aos individuos physiologicamente imprestaveis, admittir os vicios organicos, as doenças chronicas, hereditarias, incuraveis, na categoria de legitimos impedimentos da união conjugal? Ah! mas tudo isso era um sonho, e sonho que não devia transpor a cabeça do sonhador... A sociedade seria sempre rebelde á reforma que visasse aos seus preconceitos, e em regra o casamento, consultando todas as conveniencias, postergava unicamente o seu verdadeiro fim. Quem jamais cogitaria de inter-

dizer os depravadores da raça? Mais sábia era a natureza, que fazia por eliminá-los, em quanto os homens se obstinavam em reproduzi-los. E tal era o facto ordinario: a natureza, intelligente e provida, trabalhando pela grandeza, a medrança e a maior vitalidade da especie; os homens, fatuos, ignaros, recidivos, contrariando o plano da natureza e preparando o amesquinhamento, a degeneração e a miseria das gerações vindouras... Seu proprio pae não dava um exemplo dessa contumacia no erro, patrocinando a união de Clarita com Cypriano?... E qual a origem dos seus males, da morte d'aquella infeliz irman, dos soffrimentos de Esther?...

Quando Lauro, moderando um pouco os estos dessa paixão que já vinha de longe conquistando, dia por dia, as suas faculdades, cahiu num daquelles abatimentos que se alternavam com as suas horas de exaltação, — reconheceu e sentiu o peso da sentença que acabava de lavrar contra si e contra Helena. Estava esmagado debaixo daquella moral superior que elle mesmo erigira em defesa da familia futura, empenhando nesta obra os seus sentimentos mais elevados, a experiencia cruel da sua genealogia, a honra e a nobreza professional do medico. — Terrivel destino !

Ainda assim escutava, como um longo gemido lancinante, o protesto do seu amor. — Helena... que seria de Helena! Amava-a, tudo embora. Uma

immensa compaixão emanava do fundo de sua alma, com esse amor vedado. Ella esperava; seria desgraçada se suspeitasse, apenas, destes escrúpulos que o dissuadiam de esposar-a; e nunca chegaria a comprehendel-os. Para ella não havia salvação nem felicidade fóra do seu amor. Sacrificall-o era o mesmo que sacrificall-a. Helena obedecia, como todas, á lei commum do sexo. Quem seria capaz de convencel-a de que a vida fugitiva, o instante de goso de dous entes ephemeross valia menos que o vigor da progenitura e da especie? Como dizer-lhe que a seiva desse tronco a que ella e elle pertenciam era um liquido impuro e venenoso, que não merecia transfundido em outras veias, legado a outras gerações, porque a natureza, implacavel, continuaria a vingar-se, conduzindo-as bem depressa para a morte, agrilhoadas pelo soffrimento e a dor!...

Nessas alternativas de raciocinio e ternura, de excitações e fraquezas, Lauro viu approximar-se a noite.

Durante a tarde observara muitas vezes a irman, e condoeu-se da paciencia com que ella arranjava os bouquets de flores para o altar da Senhora de Lourdes. Carlos não viéra ainda esse dia.

Logo que anoiteceu, foi ao quarto vestir-se; deante do espelho, compondo o laço da gravata, achou-se pallido, com as feições alteradas. Sahiu.

A casa de Lourival pouco distava da sua.

Por entre as grossas arvores do parque publico luziam fócios de lampeões; dos pequenos jardins da vizinhança evolavam-se aromas, e em algumas casas illuminadas reinava o prazer tranquillo dos serões feitos de palestras, risos de moças e accordes musicos.

Lauro atravessou o campo e metteu-se pela estreita rua por onde costumava seguir, sósinho, havia dous mezes, em direcção á casa da prima. Num terreno alto, a que offerecia accesso uma escada de pedra, erguia-se, longo e esguio, entre massiços de plantas ornamentaes, o chalet de Lourival. Em baixo havia luz e o piano soava.

Quando elle entrou, Helena acabava de tocar. D. Judith, estendida em uma cadeira de recreio, com o collo resguardado, sorvia aos goles uma chavena de chá; o marido, a seu lado, segurava um pratinho e com um cracknel nas pontas dos dedos insistia para que ella o acceitasse.

Helena chamou o creado e mandou accender todos os queimadores do lustre.

— Como vae Esther? perguntou tia Judith.

— Sem novidade.

— Oh! Então para que a conferencia? disse Helena, admirada.

— Ah! já sabem...

— Sim, soubemos, e ficamos inquietas.

— Escrupulos do assistente... Creio que era

bem dispensavel essa conferencia. Emfim...

— Sempre é bom, opinou Lourival; sempre é melhor da que ficar o doente a mercê de uma unica opinião, que pode errar. Não acha?

— É possivel.

Fizeram silencio. D. Judith approvou a conferencia. « Quanto mais cuidado melhor. Havia medicos que acertavam mais depressa que outros. Ella podia dizer ». Depois tossiu asperamente. Em quanto Lourival lhe servia a dose de balsamico, a filha afastou-se e foi novamente ao piano. Lauro pediu-lhe que repetisse o que estava tocando. Era uma obra-classica, alleman. A prima começou, e elle sentado á curta distancia, foi pouco a pouco descambando a frente, num movimento concentrico da attenção, deixando-se penetrar, até o imo da alma, daquellas harmonias varias e alternas como as idéas que lhe transitavam pelo cerebro.

Entretanto um mesmo sentimento persistia, crescendo em intensidade e, como o gaz de um balão rôto, se dilatando por todas as partes do seu ser. Não era mais o horror que o transira no momento em que percebeu a necessidade do sacrificio; era uma pena oppressiva, uma dor surda, irradiante, aggravada pelos vagos remorsos de uma traição... Era a dor de repudiar Helena, e com ella as esperanças, os sonhos que ambos tantas vezes sonharam, em commum, pondo olhos cubicosos num infinito muito azul e muito lumi-

noso, onde haviam combinado amar-se e prometido reciprocamente ser felizes.

Com a cabeça immersa na resonancia da caixa harmonica, á semelhança do homem attribulado que pede aos vapores do vinho o esquecimento ou o somno, elle cerrou as palpebras, e absorto, alheando-se de si mesmo, deixou que as vibrações do instrumento fossem repercutindo em cheio nos seus ouvidos.

Mal o piano exhalou as ultimas notas, fez-se annunciar uma visita.

Lourival chegou á porta, que abria para um lado, em frente ao jardim, introduziu Ranulpho e a senhora. Todos se conheciam. Esse casal, moço, resplandecente, alegre, tinha um anno de vida conjugal e ainda se achava disposto a prolongar a lua de mel. Quando namorados, appareceram mais de uma vez nos salões de Villarim, nunca fartos de se conquistar, unidos sempre, na valsa, ou no *tête à tête*.

Ranulpho era um rapaz ruivo, desempenado e elegante sem affectação, filho de um allemão com uma brasileira; gostava dos fatos brancos que lhe realçavam as côres roseas da saude. A mulher, expansiva, do typo de Regina, cabellos pretos, olhos vivos e risonhos como a bocca, sentou-se com Helena defronte de um espelho e começou a dizer das suas occupações, dos seus passeios, dos seus divertimentos favoritos. De vez em quando

olhava para o marido, e ambos sorriam, numa permuta incessante de caricias mudas. Eram muito felizes, adoravam-se, viviam no melhor dos mundos, tudo isso transparecia de suas conversas e de sua jovialidade incoercível.

Lourival pôde apenas summariar os ultimos incommodos da senhora; e encerrou logo esse capitulo triste e longo de sua existencia, para acompanhar a fantasia de Ranulpho que se comprazia em outros aspectos da vida.

Falava este de uma festa que se realisaria no « Club Germania », um grande concerto vocal e instrumental, em que se fariam ouvir os melhores violinistas, pianistas e cantores. — Até sua mulher ia cantar.

— Continúa a gorgear, disse Helena para ella.

— Oh! isto sempre, emquanto não me faltar a voz.

A seu lado, Helena, superior em delicadeza e perfeição de traços, resalhia pela brancura marmorea do rosto e das mãos, tinha a belleza fria das *gretchens* nimbadas de cabellos louros, a frigidez e o tom niveo de certas flores dos lagos, ao passo que a outra parecia verter pelas faces a tinta brilhante e ardente das rosas.

A conversação, variada, leve, com incidentes frivolos, mas sempre de bôa veia, mudou em pouco tempo a temperatura modorral da sala. Com algum interesse, Lauro tambem entrou a falar, e a pro-

pria D. Judith, remettida ao silencio que fazia parte de sua dieta, ia esquecendo-se de soffrer.

A pedido de Helena, sentou-se ao piano a joven M^{me} Ranulpho. E o mesmo teclado que, momentos antes, levava as imaginações pela escada do sonho, poz-se a trinar como um canario ao romper do dia, numa linguagem saltitante e arpejada.

Depois daquella palestra, essa musica esturdia, esses rithmos quasi loucos, confundiam as almas mofinas que alli se extorciam nas garras do tedio e da doença.

Ainda recordaram as soirées do barão, os nomes de alguns conhecidos que as frequentavam, os seus ultimos encontros, o baile da Graça, o casamento de Regina...

— E quando será o *nosso*?... perguntou M^{me} Ranulpho, olhando para os primos.

Lauro sorriu e nada respondeu.

O casal continuou a tagarellar até nove horas.

Despediu-se, com pesar de Helena. — Eram tão raras alli as visitas... Uma hora rapida, de bom humor contagioso, tinha decorrido, pensou Lauro, volvendo á consciencia de sua situação.

De novo sopesou as cadeias dos seus pensamentos. Mas absteve-se, com toda a cautela, de revelar por palavras o mal interior; e depois de beijar a mão da prima, sahiu apressado e pálido.

Pela rua foi pensando naquelle bello casal, naquella conformidade de indoles e temperamentos. —

Ah! tambem elle seria feliz, saberia descortinar e gosar os lados risonhos da vida, se possuisse a saude e o vigor do corpo, se não fosse um desherdado, um enfermo, um bocejo da natureza...

As ruas estavam desertas.

A noite, escura e estrellada, logo que elle se achou no largo, esboçou ao longe a frontaria opaca do palacete. — Era alli o monumento das suas dores, das dores de uma geração...

XIII

Lauro vestia-se na manhã seguinte para ir ao hospital, quando Carlos chegou. Sahiram juntos.

Um somno reparador o havia fortalecido para a lucta.

Na rua Carlos convidou-o :

— Has de ir lá em casa agora. O velho accordou de humor azedo, queixando-se do figado. É dos taes... Como nunca soffreu revolta-se, pragueja, por uma dor de cabeça...

— E queres que eu o trate?

— Não sou eu, é elle. Qualquer medico lhe serve, menos o filho. Não acredita... é uma birra.

— É como tia Judith... Apressemos-nos.

Passava um bond. Tomaram-no

Carlos falou de uma operação que ia fazer, ás dez horas, em doente da sua clinica. Elle e o doutor Mesquita. Séria operação! Tratava-se de uma senhora casada, martyrisada horivelmente por soffrimentos attribuidos ao utero.

— Vamos extrahil-o. Acompanha-me.

Lauro fez um esgar de repugnancia e recusou-se promptamente. O amigo insistiu.

— Porque? Olha que aqui nunca se praticou igual operação... Vou tirar a prova do methodo que aprendi em Paris. Vamos.

— Não. Dispensa-me. Que sejas feliz.

Depois, reflectindo, accrescentou :

— Em verdade, uma operação importante...

— Sem duvida. Vou commetter esse horrendo sacrilegio... Barbara cirurgia! E tu, naturalmente, não queres ser meu cumplice, não é isso?

— Desculpa-me. Estou na brecha, atacando outro inimigo. Inimigo terrivel, invencivel, já o creio.

— Como vão os teus tísicos?

— Um é morto, a costureira. Resta-me o rapaz. Esse está por um fio... Não imaginas, Carlos, como se dilúe aquillo... Que corrida precipitada para a morte!...

— A galope, hein? Pelo que me disseste era uma cidade aberta. Fraquissimo, enfezado...

— Sim, sim, mas que importa? Vi hontem um negro, um urco. Se o encontrasse fóra d'alli, semanas antes, era capaz de julgal-o uma trincheira inexpugnavel... Um dia resfriou, sentiu cansaço, amolleceu, e os tuberculos pullularam Então?... É que o ponto vulneravel lá estava.

— Herança?

— Sim, herança. Sempre herança, a fatal herança.

— Tremenda fatalidade!

— Tremenda, sim...

— Todavia, creio que ainda teremos os meios de neutralisá-la e vencê-la. A natureza, aliás, é nossa cooperadora.

— Em que sentido?

— Ella nos auxilia, de certo, eliminando, escolhendo, depurando...

— Ah! também creio. — Conservar, melhorando — parece que é a sua divisa. Ella ama os fortes e tem horror á fraqueza... É pena que use processos tão lentos, e nos não seja permittido ir directamente em seu auxilio...

Carlos sorriu, e batendo-lhe no hombro :

— Entranhas de assassino ! Compreendo-te...

— Ora essa... Não. Mas quem sabe se...

Calou-se. Estavam á porta de casa, ás Mercês.

O bond parou; ambos saltaram e subiram.

Na sala mobiliada no gosto antigo, com simplicidade, um velho barbudo e sanguineo, sentado, arrimado aos braços da poltrona, com a cabeça pensa, rufava com os pés, impacientemente, num grande tapete esgarçado. Sobre o marmore de uma mesa redonda numeros do *Jornal da Tarde*, o retrato de Rio Branco, emmoldurado, por cima de um consólo.

Lauro approximou-se pisando leve, e estendeu a

mão. O velho Veiga fitou nelle uns olhos vitreos, accesos de zanga e falou, querendo fazer uma re-criminação amavel :

— Só a malvada molestia me daria a honra de o ver nesta casa pobre.

— Trabalhos, muitos affazeres... respondeu o medico, desculpando-se.

— Mais de um anno já lá vae... Paciencia... Diga-me, doutor, a sua sciencia e alli do seu amigo já é capaz de extirpar um figado?

— Que eu saiba, não. Mas vejamos, o que sente? É preciso calma. Seguramente não é caso para extirpação...

Lauro começou a palpal-o.

— Excusa dar-me dieta.

— Oh !...

— Não estranhe... Ó Carlos, não é assim? Tu bem sabes.

A mão do medico fez-lhe uma pressão mais forte no estomago. Veiga recuou, de salto, maldizendo da viscera, do clima, da medicina que não dava um passo para a frente. E elle soffria... soffria... Uma impertinencia. Já dous dias em casa, a bocca sabendo a fel, a cabeça numa prensa...

— Ha quem soffra mais.

— Consóla, isto consóla... mas não cura.

— Talvez aqui esteja a cura, disse Lauro, levantando-se com um papel.

— Talvez... talvez... Obrigado, meu amigo. Tam-

bem não me parece vender saúde, accrescentou, demorando a vista nas feições pallidas de Lauro.

— Se elle a dá... meu pae.

— Cala-te. Não sei de que me serve a tua medicina. Para curar os outros... e eu padecendo.

Os moços desceram a escada, achando graça ao mau humor e ás excentricidades do velho Veiga.

Na rua estreitaram as mãos.

— Então não vens?

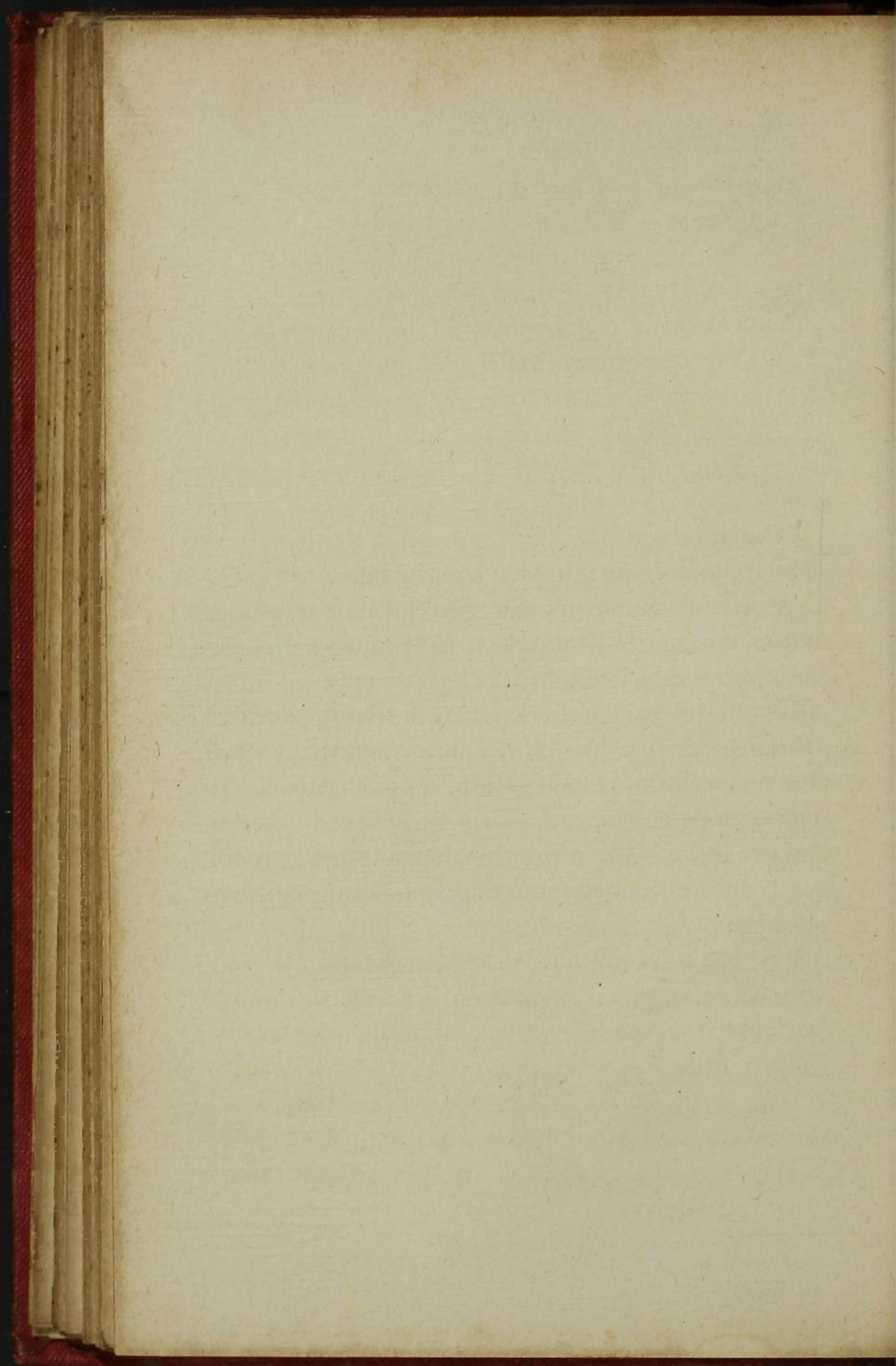
— Não. Felicidade! Até logo.

Chegando ao hospital, Lauro soube que o seu tísico havia expirado pela madrugada.

Foi á enfermaria onde se tratava o creoulo, e viu-o, entre os dous medicos, sangrando pela bocca, tremulo, covarde, a face esbatida, de uma côr de fuligem que ia degenerando num tom branqueado. Depois disso, o negro deixou-se cahir, como um touro cutilado, resfolegando, febricitante, sobre a enxerga do catre.

Não tinha mais o que alli fazer, por emquanto.

Os tres clinicos reuniram-se e desceram, todos ao mesmo tempo, as escadas do edificio, discutindo a theoria microbiana.



XIV

Inverno rigoroso.

Ventaneiras do sul urravam sobre a cidade e suas aguas, desgarrando embarcações, arrancando velhas arvores pela raiz, alanceando os corpos com um sopro gélido, afiado.

Depois de uma noite sinistra de chuva e tufões, Lauro ergueu-se do leito, com os membros entorpecidos, friorento; agasalhou-se num fato de flannella e mirou-se ao espelho. No seu rosto emmagrecido e amarelento a friura da estação punha uma sombra violacea; as temporas eram cavadas, o pescoço mais fino.

Procurou em volta de si alguma cousa que recebera na vespera, e encontrou, na estante de uma cantoneira, o pedaço de papel azul, o bilhete de Helena. Releu-o.

« *Lauro.* — Não teimes em viajar, peço-te... Que noites medonhas, que tempo, meu Deus! Faz-me tanto medo... Bem sei que partes em procura

de saude ; é um sacrificio necessario, sou a primeira a reconhecer e consentir, embora me custe. Mas tenho presentimentos horriveis, tenho tido maus sonhos... Não fico tranquillá um só momento se te embarcares com este tempo cruel, e para uma viagem tão longa, tão arriscada ! O teu estado não é grave assim, graças a Deus. Pensa em mim. Vem á tarde. Faze a vontade á tua. — *Helena.* »

Lauro dobrou o bilhete e metteu-o na algibeira, murmurando : « Que será de Helena... » Foi á sala e abriu o batente de uma janella. D'esse ultimo andar do palacete, onde era o dormitorio, divisava-se largo trecho de verdura sarapintado por frontarias e empenas de casas, solitarias ou em pequenos quarteirões, pintadas de alvo, amarello, azul e lama de Paris. Tudo apresentava um aspecto escorrido, lavado, emergindo de uma longa embebição, debaixo da nevoa triste como um sudario, que amortalhava o sol nascente. As arvores do parque tinham tufos de folhagem revêssa e alguns ramos lascados, vestigios das convulsões nocturnas em que as sacudiram as violencias do temporal. Em volta do parque, lá em baixo, trotava lerdamente a parelha de um *char-à-bancs*, e raros transeuntes, enfiados em impermeaveis, iam ligeiros, saltando, em direcção ao centro da cidade. A chuva e o vento haviam serenado.

Lauro cerrou o batente e dirigiu-se aos aposentos do fundo.

O pae, mettido num sobretudo cinzento, que lhe descia até abaixo dos joelhos, tambem consultava o tempo, olhando para o mar. As aguas da bahia soluçavam, aqui e alli vomitando golfadas de espuma, como se os furores da tormenta estivessem lavrando surdamente nas suas entranhas. Terras longinquas, encapotadas em um nevoeiro roxo, listravam o poente.

— Dormi mal, disse elle ao filho; muito mal, sobresaltado, apprehensivo. Por vezes acreditei que o tecto ia pelos ares. Suppuz que esta manhan não veria aquellas arvores de pé. Horrivel tempo!

— Creio que até o fim da semana estará melhor. Isto passa. Alli já vae clareando; parece que hoje teremos um raio de sol.

— Deus o queira.

O barão olhou para os lados da cavallariça, abraçando-a numa vista prolongada, como que a examinando. Depois, voltou-se para o filho.

— Se não chover, convém que chegues até a agencia dos vapores. Pode acontecer que, em consequencia desses temporaes, seja retardada a viagem do paquete. Elle deve sahir do Rio...

— Depois de amanha.

— Bem, Lauro, não temos tempo a perder. Disponemos de seis dias. Hoje mesmo, sem falta, responde-me á carta de Barcellos, dizendo-lhe que venha dentro de tres dias para passarmos a escriptura da fazenda. Eu tenho que dar ainda algumas

providencias, preciso de falar ao Vanique, a Lou-rival, de ir ao tabellião...

E como o filho o interrogasse com os olhos, continuou, depois de levar a mão ao joelho e soltar um gemido surdo :

— Sim, ha viver e morrer. Se os moços vão, que hão de esperar os velhos e doentes como eu? É bom prevenir. Avia-te, meu filho. Eu desço já; talvez a boa Eduarda já nos espere.

Villarim estava acabado. Magrissimo, esqualido, cabeça e barba brancas, meio vergado para a frente, foi se arrastando até ao quarto de dormir, com o seu passo incerto de arthritico, as mãos abafadas nos bolsos do sobretudo. O filho é quem o levava a essa viagem, que lhe custava muito, não obstante seu enthusiasmo pela Europa. Mas não se queixava. Pela saude de um filho iria ao fim do mundo.

Lauro viu-o desaparecer e desceu, ao gabinete, bem disposto a partir, em busca do clima europeu.

— Do clima! ainda murmurou, com um sorriso doloroso.

Era esse o pretexto; — o desejo de fortalecer-se, de illustrar-se... Mas a ninguem devia revelar o seu segredo, a necessidade implacavel de separar-se de Helena, de ser leal aos seus principios e convicções, — áquella idéa que elle, misero, concebera um dia no fundo da sua encarceração moral.

Isso importava o grande sacrificio que o fizera estremecer de horror, certa manhan, ao sahir da

enfermaria : o sacrificio do seu amor. Mas estava resignado, como se cumprisse um alto decreto da natureza. Impossivel esse amor, impossivel absoluto, agora que o cancro hereditario que vinha conspurcando o sangue e roendo as entranhas de seus avós, de sua mãe, de sua tia, de suas irmans, explodia, com violencia, dentro do seu proprio peito.

Não lhe fôra facil apaziguar os protestos do sentimento que o ligava á prima. Batalhas desesperadas teve que ferir comsigo mesmo, a partir da noite em que, imprimindo um osculo na mão de sua noiva, sahira apavorado, como se houvesse repetido o beijo de Judas. Quantas vezes, depois disso, sentiu fraquear-lhe o animo ! quantas vezes lhe foi necessario invocar a coherencia inquebrantavel da honra profissional e extrahir da propria inercia da sua vontade periclitante a força da resolução que diz : « Eu quero, cumpra-se ! » Tambem estava certo de que nessa lucha intima, desconhecida do mundo, sustentada sob juramento perante a consciencia, perdera as ultimas e poucas energias organicas que talvez pudessem espacar o lethargo do seu mal de familia... Por fim, o tremendo golpe, a nova catastrophe, prevista, porém consummada mais depressa do que suppunha... A morte de Esther ! Aquella destruição rapida, vertiginosa da infeliz irman sepultada, tres mezes havia, reunida á outra pelo mesmo destino que o disputava... de-

pois de uma curta existencia de flor estiolada, um crepusculo de vida que nunca chegou a definir-se, a romper as brumas daquella especie de nostalgia do céu ou nostalgia do tumulto...

— Vae-te, pesadelo... Acabou-se. Não ha mais remedio.

Já lhe bastava uma agonia de dous longos mezes que passara á beira d'aquelle leito, o calvario de Esther, sentindo a toda hora o espedaçamento interior dos laços fraternaes, vendo escorrer o pranto silencioso pela face de Helena, ouvindo os ais e soluços estrangulados de seu pae, quasi louco, passeando a sua desesperação pelos aposentos desse palacete, onde só elles dous agora erravam como espectros.

Vira a fatalidade, frente a frente. A garra da morte ahi vinha tambem sobre elle, favorecendo-lhe a esperança de uma fraternidade subterranea... Tanto melhor se lá, naquelle velho mundo que ia ser o refugio dos seus sonhos irrealisaveis, o exilio da sua alma e do seu corpo interdicto para o amor, elle encontrasse na morte o fim do supremo sacrificio, a excusa que sua bocca nunca poderia articular deante de Helena...

— Basta...

Fez um gesto sacudido para repellir todas essas recordações, e caminhou para a sala de jantar.

D. Eduarda já entregava á mucama uma salva de prata com duas chavenas de café. Tomou a

delle, esvaziou-a em tres goles, e tornou a olhar o tempo pela vidraçaria do lado da ribanceira e do mar. Uma claridade frouxa e diffusa impregnava o nevoeiro, as arvores, pingando, borrifavam a terra, agitadas de vez em quando por um sopro mais violento. Das bandas da estrebaria vinha, a intervallos, o ruido habitual de ferraduras a golpear o soalho.

D. Eduarda perguntou-lhe :

— O Sr. barão já acordou?

— Ahi vem elle.

— Quando quizeres escrever, disse-lhe o barão, vae á minha secretaria. Acharás lá a carta de Barcellos e umas notas a lapis... Não posso mover a penna, tenho os dedos inteiriçados.

Lauro afastou-se. Um raio de sol dourava as vidraças do gabinete e da saleta de espera. Essa surpresa reanimou-o.

Sentou-se para escrever. Em cima da secretaria havia pilhas de cartões tarjados de lucto e maços de jornaes. Começou, tirando ao acaso aquelles laconicos portadores de pesames, nomes que lhe suggeriam outros tantos factos e imagens... O da velha viscondessa, mãe de Cypriano, que andava pela Europa em uso de aguas sulfurosas; o do cons. Cardoso, do Dr. Favilla, do barão de Barcellos, de Vanique... Entre os jornaes havia exemplares tracejados a lapis azul. Outro pacote de jornaes, atado por uma fita amarella, jazia ao lado

da escrivadinha de prata, com um cubo de crystal em cima. Lauro pegou nesse pacote, abriu-o por um dos cantos e viu em lettras gordas um titulo: *Raça cavallar...* No acto de depol-o desmontou nova rima de cartões que estavam debaixo de outro muito fino e timbrado com as armas de barão, e surprehendido leu, entre esses, duas participações de data recente: uma de Regina e do marido communicando o nascimento de um filho; a segunda de Julio, Julio e Marietta, casados na capella do Engenho Mont'Alvo, em março do anno corrente...

Era tempo de responder a Barcellos.

Poz-se a escrever, com frequentes interrupções e abstracções. Em seu espirito crepitava, a seu pesar, um fogo surdo de inveja, do unico bem que elle invejava — o amor possivel, fecundo, creador da vida, mas da vida plena, pullulante, que desabrochava, não em fructos goros como elle, mas em outras vidas igualmente aptas á felicidade propria, da familia, da sociedade... Era isto o que vinham lembrar-lhe o casamento de Julio e o cartão de Regina.

Conseguiu enfim dez minutos de calma para redigir o resto da carta. Apenas traçara as ultimas linhas, apresentou-se o barão, todo de preto, embracando o seu *pardessus*, ao mesmo tempo que os urcos negros paravam á bocca da alameda atrelados á caleça.

Tendo lido a correspondencia, o titular seguiu acompanhado pelo filho até á porta, desceu as escadas com vagar, meio tropego, e entrou no carro.

Fazia sol, um sol temperado, ouro pallido, encoberto ás vezes por grossas nuvens plumbeas.

Lauro dirigiu-se outra vez para o gabinete de estudo, escolheu e safou livros da estante, e foi a uma camara contigua á sala de jantar. Alli abriu uma das malas de viagem que iam recebendo pouco a pouco a bagagem precisa, e accommodou os volumes. Depois subiu ao ultimo andar para vestir-se.

Desde a morte de Esther adoptara definitivamente os fatos pretos, bem disposto a perpetuar esse lucto apenas attenuado pelo chapéo alva-dio, um castor com larga cinta de fumo. Chegando á pequena sala azul, onde outrora suas irmans brincavam como duas pombas a mexer em *bibelots*, partituras e magazines, achou-se deante da mesa redonda e do vasto *abat-jour* côr de rosa, que nunca mais se accendeu. Lembrou-se de alguma cousa que tencionara fazer. De repente puxou uma das cadeirinhas douradas que circulavam a mesa, sentou-se e deitou a manusear o grande album de familia, á cata dos retratos das irmans e da prima. Ficou, porém, admirado, não encontrando os primeiros. Alguem se lhe adeantara... Olhou de perto o branco das paginas vasias

e viu duas minúsculas manchas húmidas. — Ah! comprehendia... Era justo que elle as levasse consigo, de preferencia elle... Tirou então o retrato de Helena, guardou-o no bolso do frac e levantou-se para sahir.

Um pensamento, um plano, um dos muitos artifícios com que, havia mezes, procurava illudir os seus soffrimentos e a situação da noiva, a quem ia deixar para sempre, o impellia á casa de Carlos.

Este bom amigo, foragido pela invernada, já passara uma semana sem vir ao palacete. Neste interim, estando em casa da tia, D. Judith, e ouvindo-a queixar-se de que o seu medico a deixava em abandono, e em vista disto resolvera, ella, chamar outro assistente, Lauro inculcara seu amigo Veiga, recommendando-o calorosamente como medico e cavalheiro. Tratava-se de um moço intelligente, distinguido pela estima do barão e da familia, e com alguma nomeada. Lourival e Helena approvaram a indicação. D. Judith ficou meio decidida, embora o seu preconceito a respeito de medicos moços, de pouca experiencia. Lauro queria encontral-o e falar-lhe. Tinha certeza de que a pobre senhora, com os seus tuberculos chronicos, continuaria a encher dias, sem possibilidade de melhora. Se o outro a abandonava é que não tinha o que fazer alli... Com que desígnio, então, se empenhava em dar á tia essa nova

testemunha impotente d'aquelle morrer quotidiano? Elle o sabia por alto, vagamente, sim, porque era uma idéa esboçada, fluctuante como uma hypothese, idéa que tinha certo escrupulo em definir-se, talvez receio de acordar alguma cousa que ainda vivia no coração d'elle, convencido mas não vencido.

Ia partir, dentro em pouco, para muito longe, para morrer, tarde ou cedo, porque devia cumprir-se fatalmente a palavra terrivel do livro da *Sabedoria*, que nunca mais lhe esqueceu... Pondo entre si e a noiva o abysmo dos mares e talvez breve, outro abysmo maior, não era, não podia ser indifferente áquella que ficava. E a interrogação dolorosa, irrespondivel, subia-lhe frequentemente aos labios — « Que será de Helena?... » Desta preocupação continuada nascera o esboço de um plano de salvação, que o tempo realisaria, se ella lhe sobrevivesse...

— Lauro! gritaram de fóra.

Antes de reconhecer essa voz, Lauro extremeceu, notando então que se achava alli muito só, no palacete vasio, sumptuoso e triste como um mausoléo. Estava no gabinete do pae, com o retrato de Helena e um envelope nas mãos. Guardou-os no bolso e sahiu, de chapéo na cabeça, ao encontro do amigo. Carlos pediu-lhe que não se interrompesse.

— Mas se eu ia procurar-te?... Entra, entra...

Foram para o gabinete de estudo, dizendo palavras ociosas sobre o mau tempo.

Sentaram-se, falando na proxima partida.

— Está, pois, decidida, não é assim?

— E aprazada.

— Para quando?

— De hoje a seis dias.

— Vae, vae, e volta-nos com essas côres mais bem temperadas e mais alguma nutrição.

Lauro sorriu, com um toque de amargura.

— Aquelle clima faz milagres? perguntou.

— Não precisas de milagres; bastam-te bons ares, distracção, exercicio.

— Só?

— Depois, repatriação e... casamento.

— Ah! fez Lauro, com ligeiro sobresalto, que procurou disfarçar, sorrindo.

O collega insistiu :

— Conheci um enfermo gravissimo, que se curou por um simples milagre do amor. Deste sim, admitto os milagres. E quando se agasalha uma paixão antiga, Lauro, uma paixão que não se farta de carinhos, que absorve pensamentos, imaginações, fantasia, sonhos, tudo o que se pode e tudo o que se não pode dar-lhe, isso deve consumir tanto como, por exemplo, a aleitação dos bebés gulosos pelas mães franzinas.

— Dá-me o exemplo, disse o amigo, para não ficar calado.

— Eu? Eu não estou no teu caso, quero dizer... não alimento esse bebé.

Riu-se. E como notasse a reserva de Lauro, continuou a conversação, de bom humor, ao passo que o amigo lhe contemplava o todo energico e pujante, recordando-se, a proposito de viagens, da trovoadra que ambos apanharam no matto, a cavallo, e da serenidade com que se portara o Veiga naquellas conjuncturas. Da sua molestia não falava senão de fugida. Apesar de medico, isento de preconceitos, uma especie de pudor, uma vergonha de expor a mancha original da familia, acabara impondo-lhe maxima discreção a tal respeito. Mas precisava, e já era tempo de referir-se á molestia de D. Judith.

— Ia procurar-te para te dar uma doente... É minha tia. Desgostou-se do seu medico, porque falta ás visitas e não a põe melhor... Lembrei o teu nome, foste acceito com toda a confiança. Has de ir.

— Talvez, porque o ordenas. Mas...

— Peço-te.

O Veiga hesitava. Devia pronunciar uma verdade cruel deante do sobrinho de D. Judith? Embora este fosse medico e conhecesse o estado d'aquella senhora, como elle conhecia o de Lauro, tinha escrupulos.

— Não te negues, Carlos; é um favor que me fazes. Se ella ha de ficar em mãos de outro, fica

entregue a ti. Supporta-lhe com paciencia os queixumes. Partirei mais tranquillo, e Helena, por seu lado, ficará menos desconsolada. Ella estima-te, considera-te quasi um parente... E depois de curto silencio: — Ah! Carlos, só tu poderás salvar-nos...

— Salvando-a, á D. Judith? Desculpa-me a franqueza, um pouco brutal: bem vês que é impossivel. E sendo assim, desgostar-se-á tambem do novo assistente.

— Descansa; isso não ha de succeder.

Lauro fazia grande esforço para sobrepujar suas necessidades de confissão; e ainda exigiu que o Veiga se compromettesse a tomar a doente.

— Seja, concluiu Carlos, pondo-se de pé.

Tornaram a falar da viagem. Lauro iria direito a Paris, porque o barão, fazendo o sacrificio de viajar, naquella idade, e tão machucado pelos dissabores e tolhido pela gotta, se consolava com a idéa de rever a « primeira cidade do mundo ». O filho sabia disto, sem que o pae lh'o dissesse. De Paris escreveria, antes de tomar outro destino, de procurar algum dos sanatorios mais re-commendados pelos medicos francezes. Quanto tempo se demoraria lá? Não calculava ao certo, ainda que houvesse promettido a Helena regressar no começo do verão. Quanto mais depressa pudesse aviar-se melhor... melhor...

— Este desejo tenho eu, asseguro-te com sinceridade.

— É natural, murmurou o Veiga, certificando-se da paixão do amigo.

Encaminhando-se para a porta, sahiram e despediram-se. Em vez de ir á agencia dos paquetes, Lauro foi sem demora á casa da tia. Felizmente a chuva estancara e o tempo parecia arribar. Nuvens cinereas, outras brancas e espessas como algodão em rama, desaggregavam-se, esburacavam-se, deixando ver um azul forte e limpido. Cahia do céu, como promessa de bonança, uma claridade loura que as folhagens do parque e a vidraçaria das casas reflectiam.

O filho de Villarim respirou com algum allivio, pensando em que os terrores de Helena se apaziguariam, se elle lograsse embarcar por um tempo escampo.

Com effeito, ao penetrar na sala de Lourival, não lhe foi difficil descobrir certa serenidade no olhar da prima.

— Felizmente, disse ella, se for assim até lá creio que soffrerá menos na viagem. Mas é tão longa... hein, Lauro?

— Não ha perigo, fica descansada.

Dizendo isto, agradecia-lhe do fundo da alma aquella resignação que o ajudava a realisar os seus intentos.

Sentou-se junto d'ella, na mesma ottomana,

fingindo-se forte e confiante, a infundir-lhe animo, luctando, porém, com um quebrantamento de ternura que lhe debilitava a palavra.

Teve que responder a uma serie de perguntas sobre a duração da travessia e o passadio a bordo dos *steamers*.

Teve que a consolar de antecipados soffrimentos, e prometter activa correspondencia, e protestar nem um só dia esquecel-a. Que a sua ausencia seria curta, assegurou novamente.

Um pouco mais descarnada e nervosa, com o rosto muito branco, debaixo dos seus cabellos alourados, ella abandonou as mãos no regaço do vestido, murmurando num queixume, docemente:

— Comtudo, vou ficar triste, triste como não sei dizer... Imagine, Lauro, qual será o meu isolamento, nesta casa, onde raras visitas apparecem, porque receiam, parece-me, do mal de mãe... Bem viu como nos achamos sós durante a molestia de Clara e de Esther. As minhas amigas fazem-me festas fóra daqui; não me procuram, não me visitam, senão de longe em longe. Em quanto as primas eram vivas, pouco se me dava, mas agora que não as tenho mais e que o primo vae-se embora, hei-de aborrecer-me neste ermo, dia e noite. Muito, muito... Vou cumprir uma sentença. E até quando?...

— Não será longa, não. Eu espero que readquirirás tua liberdade, breve, breve...

— Meu pae, continuou a prima, não se afasta d'aqui, não sae, não passeia, é sempre ao lado de mamãe. Toda a noite passada não pregou olhos; só de manhan teve descanso. E ella no mesmo...

— Ah! vou dar-te uma bôa noticia, disse Lauro, interrompendo-a. Carlos, o meu querido Carlos, encarrega-se do tratamento de tua mãe. É digno de toda a confiança. Nenhum outro lhe dispensaria mais solicitude, mais interesse. Tu sabes que eu o estimo como se fosse meu irmão. E elle merece, como amigo, tudo quanto por ventura eu mereço, e como medico mais do que eu.

— Sim. Ao menos poderei ver um rosto amigo.

E sorrindo com magua, Helena accrescentou:

— Elle terá duas enfermas para tratar. Peça-lhe que me console, que me fale muitas vezes em seu nome, que me anime.

Lauro commoveu-se. Pegou-lhe uma das mãos, aquella mão que uma dia traçara no atlas, de frente do mar, o rumo que ambos deviam seguir, conchegados e felizes, em demanda dos paizes longinquos.

— Podes confiar-lhe tuas saudades, minha Helena. Mas espero que não adoecerás de cousa mais grave. Para isso é preciso, e exijo, que distraias o espirito, que não faças da minha viagem e da minha pessoa uma idéa fixa, uma preocupação de todos os dias, de todas as horas. Se não, acredita que amargurarás o meu pensamento.

— Exige, então, que eu me esqueça de... oh!...

— Que abstraias de mim quanto puderes. Só isto; não é esquecer.

Helena fitou os olhos, grandes e azulados, nos olhos d'elle, e apertando-lhe nervosamente o pulso com a outra mão, falou de um jacto, com arroubo:

— Lauro, eu não posso esquecer-me um instante... eu não sei como pensar e sonhar em mais alguém. Não me fale em distrair. Eu mesma, até o dia em que se resolveu essa viagem, não sabia, não sabia... Deixe-me ao menos o consolo de imaginar que o primo está sempre ao meu lado, já que não posso acompanhá-lo. Não me peça o impossível, Lauro... não me repilla...

Ergueu-se de subito e correu á janella, com os olhos brilhantes de lagrimas.

Vinha chegando Lourival, de manso, no seu andar automatico, sempre receioso de incommodar a esposa. Esgalgado, a physionomia estremunhada, o cabello crescido, o pae de Helena parecia ainda mais alto dentro de um longo casaco de abafar.

O sobrinho poz-se de pé, adeantando-se para elle.

— Quando vae? perguntou Lourival, pondo a mão na espadua do medico, afagando-o.

— Quinta-feira... Como passou a tia Judith?

— Um pouco peor. Tossiu muito esta madrugada, sentiu suffocações. Só de manhan passou

por um somno leve. Diga-me, o seu amigo Veiga, quando começa as visitas?

— Amanhan, sem falta. Já o tinha dito a Helena. Hão-de se dar bem... É optima pessoa, e já tem boa clinica.

— Bastavam-me as suas recommendações, se eu não o conhecesse um tanto. Bem. Que é de Helena... Minha filha!

Lourival, o eterno prisioneiro, tinha apenas por menagem o jardimzito, onde o sol esplendia essa manhan. Viera-lhe um appetite de ar livre, de luz, depois da longa noite invernosa passada em vigilia na penumbra do quarto da esposa.

Sahiram os tres ao jardim. Os primos falavam com ar pensativo, enquanto Lourival, cheio de extremos para suas plantas e flores, andava de canteiro em canteiro, examinando as rosas e dahlias, os vasos de madeira pintados a vermelhão, collocados sobre as pilastras baixas da gradaria e ostentando begonias, caladiuns, e os leques polidos das latanias. De repente Lourival olhou para cima, para o ponto do chalet, onde era o aposento de D. Judith, advertiu aos moços que o chão estava humido, e apressou-se em recolher.

Mais tarde, punha-se o almoço, de que Lauro participou, a instancias da tia e da prima.

Na sala do refeitório, sala estreita mas muito espelhenta de crystaes e pratas, a cabeça grisalha e o semblante amarfanhado de D. Judith

eram como a sobrevivencia de todos os soffrimentos da geração. Um unico pensamento, a viagem de Lauro, pairou sobre a mesa e manifestou-se, por intervallos, durante essa refeição de enfiados. A tia renunciou, antes de levantar-se, em tom elegiaco :

— Helena vae sentir bem...

— É por poucos mezes, attenuou o sobrinho.

Passaram á sala das visitas, onde o piano, mudo, relembra a ao noivo a noite da suprema resolução. O nome de Carlos veio á balha; D. Judith esmiuçou os seus incommodos da vespera. A conversação arrastou-se em volta d'este assumpto, até que o medico pediu licença para ir á agencia dos paquetes.

Quando se achou na rua, longe d'aquelles braços amigos que se estendiam para elle e em cada aperto de mãos lhe travavam o elo de uma cadeia, longe d'aquelles cabellos louros de Helena que se lhe prendiam ao coração, enleando-o, retendo-o e prostrando-o quasi acovardado pela ternura, Lauro experimentou momentos de allivio e julgou-se mais uma vez triumphante.

Seguia diligentemente ao seu destino, sem deter o olhar e a attenção em cousa alguma, sem dar pelos ruidos que a cidade, reanimada pelo sol, fazia em torno d'elle. Apenas, na occasião em que subia para um wagon, lobrigou no mesmo carro o sombrero pedantesco de Vanique. O jornalista lhe deu a frente, pompeando na lapela do casaco uma

grande rosa amarella. Cumprimentou-o risonho. Lauro respondeu com altivez, e deixou-se conduzir, como adormecido, ao barulho da rodagem.

.

Dias depois estava de partida.

O barão havia constituido um procurador para certos negocios ; confiara ao seu creado Joaquim a guarda e conservação do palacete, especialmente dos cavallos. A fazenda do Reconcavo fôra vendida a Barcellos.

As malas tinham ido para bordo.

Sabia que o esperavam na ponte de embarque alguns amigos, o cons. Cardoso, o banqueiro Ferraz, Vanique, Ranulpho e collegas de Lauro.

À embocadura da aléa os urcos atrelados ao carro escarvavam o chão impacientes.

Chovia.

Desde manhan, Helena acompanhada pela Eduarda, que se contractara para seu serviço, estava no palacete aguardando a hora da separação.

Novas apprehensões lhe assombreavam o espirito.

Emquanto o Snr. de Villarim e Carlos, na antecamara do pavimento terreo, viam cahir as bategas, Helena e o primo sentados, muito unidos, no gabinete do barão, diziam tristemente palavras de conforto, promessas, recommendações.

Por fim, cessou de chover.

O barão afastou-se para dentro e fez signal ao filho. Este levantou-se, com o olhar febril e as mãos tremulas.

Era o momento...

Um minuto de despedida, abraços, phrases curtas, estranguladas. Lauro tornou-se mais pallido e começou a descer a escada, acompanhando o pae, ao lado do amigo.

Recolhidos os tres, a caleça rodou vagarosa até o portão, e d'ahi disparou com estrepito.

Helena ainda correu ao gradil, num choro convulsivo, agitando o lenço, sem querer saber se o primo correspondia ao seu adeus.

XV

Cinco mezes passados.

O Dr. Carlos Veiga recolhia-se a casa, tendo feito pontualmente o seu itinerario de todos os dias.

Era o clinico de meia cidade; activo, solícito, calmo, dizia-se que sua presença, por si só, desassombrava o animo aos enfermos, tinha poder curativo sobre as almas.

D. Judith estava menos descontente com o seu medico.

Na sala, sentado no sofá, com o cotovello cravado na coxa, o velho Veiga lia o *Jornal da Tarde*. Vendo entrar o doutor, ergueu-se e mostrando-lhe a gazeta, com gesticulação indignada :

— Já lêste, Carlos, a façanha de um dos nossos barões feudaes?

— Não, senhor. Que façanha? Que barão?

— Toma, lê. O tal senhor de Barcellos... Um casal escravo, do engenho que elle comprou ao

Villarim, acaba de ser encontrado na Matta Escura, em miseravel estado, fugindo assim mesmo da féra... Que honra para os braços dos taes fidalgos! Lê, lê, e deixa estar... Havemos de ver-lhes o fim, havemos de ver, eu te prometto...

Carlos tomou o *Jornal*, meio constrangido com esse praguejar do pae. Mas, no mesmo instante, o tympano vibrou no topo da escada.

Foi abrir, e recebeu uma carta. Era tarjada de preto. Procurou o sinete. Procedia de Paris.

Rasgando o envolucro á pressa, encontrou, em vez de uma, duas cartas, a inclusa fechada. Leu a assignatura da primeira e encetou-a, com ancia, adivinhando tudo.

« *Paris, boulevard Saint-Martin,*
1º de Novembro de 188...

« *Meu amigo :*

« Cumpro o mais doloroso dever que a morte já impoz a um pae, communicando-lhe que seu amigo, meu filho Lauro, a unica esperanza e a derradeira consolação que restava á minha attribulada velhice, dorme desde hontem debaixo d'esta terra estranha, onde o destino me reservou, depois dos maiores prazeres, na mocidade, as maiores agonias no fim da vida. Escrevo-lhe de cima do leito, encerrado num quarto, ouvindo em

torno de mim agitar-se uma cidade inteira que desconhece as minhas dores, que passa indifferente, abafando com o seu *brouhaha* os gemidos do estrangeiro solitario. Que fatalidade!... Como foi a morte do seu mallogrado amigo talvez um dia eu lhe possa dizer minuciosamente, se me assistirem forças para sobreviver algum tempo a este golpe. Tinhaos regressado da provincia, no começo do outono. Installamo-nos aqui. Lauro andava succumbido, soffrendo mais alguma cousa, de que não se queixava. Quem sabe!... Uma d'estas noites fomos á Opera. Ao sahir do theatro, elle resfriou e foi para a cama. Era uma pneumonia. Depressa veio o desfecho. Morreu com o nome de Helena e o seu nos labios. Pobre Helena... Antes de morrer entregou-me uma carta fechada, pedindo-me que lh'a remetteste, que era esta a sua ultima vontade... Nesta data escrevo tambem a Lourival. Adeus, meu bom amigo. Não posso mais. Até lá, se Deus se compadecer de mim.

« *B. de Villarim.* »

Carlos poz-se a dobrar o papel, com o pensamento longe, vago e triste. Cahiram-lhe os braços, desoladamente.

— Quem morreu? perguntou o pae, vendo-o cabisbaixo.

— O Lauro, meu querido Lauro...

— O filho do Villarim!?... Ah! tão moço...

Carlos esteve mudo alguns instantes. Depois examinava a outra carta. — Que vinha dizer-lhe, essa voz de além tumulo?... Que graves confidencias, que segredos, por acaso, nesse sigillo de testamento? A « ultima vontade » d'elle .. Que seria?... Pobre amigo!...

Andou para o quarto.

A presença do pae, a claridade muito viva que entrava pelas janellas, um creado que chegava, pareceram-lhe testemunhas indiscretas.

Encerrou-se, rasgou o envoltorio, notando desde logo que a tinta não era fresca e que a carta fôra escripta immediatamente após a chegada do amigo a Paris.

Começou a ler, commovido.

« Paris, 30 de Julho de 188... »

« Meu Carlos :

« Ha vinte e nove dias nos separamos nas aguas d'essa formosa bahia, tão agitada naquella manhan, que me fazia pensar num proposito da natureza : pois eu tambem trazia uma tormenta n'alma. Desde esse dia, viajando, fugindo para terras estranhas, sob a impressão das nossas despedidas, eu sentia que pedaços de mim mesmo iam ficando na esteira do navio; essa esteira, porém, não tinha a alvura das espumas, era um borbotão de

sangue, era o sangue do meu coração, que eu voluntariamente immolava... Com este sangue, meu amigo, traço esta carta, que é a primeira que te escrevo e a ultima que de mim receberás... Sim, meu amigo, sinto que vou morrer; aquelle paquete, em que me deixaste, conduziu-me para um exilio de onde não se volta. Eu trouxe commigo o ferro bruto desses grilhões que me hão de chumbar aqui para sempre; elles irão se forjando por si mesmos. E é bom assim. Lembra-te do que me disseste um dia, conversando sobre os meus tísicos do hospital. — « A natureza nos auxilia, escolhendo, eliminando, depurando. » É muito justo, é muito providencial o acto da natureza. Os residuos não têm o que fazer no ouro da especie... Já vês que não mal digo da morte; ao contrario. Venha esta suprema pacificadora. Quanto mais breve, melhor... Venha, porque, embora eu não tenha mais receio de fraquear, a resignação, todavia, é menos facil do que eu suppunha. Que luctas, que revoltas, que tempestades crueis!... Como achei forças para reagir contra as perfidias do coração!... Entretanto vou me resignando... Carlos, enganei-te, enganei a Helena, enganei a meu proprio pae, fazendo crer a todos que eu tinha esperanças de viver e empenho de regressar a essa querida terra onde nascemos. Ah! meu amigo, se soubesses quanto me custou dissimular deante de ti e d'elles os

meus soffrimentos e designios !... Perdôa essa reserva a quem nunca teve outros segredos para ti. Tu sabes, eu adorava Helena; ella seria minha esposa, ella esperava-me, e, creio, só deixará de esperar á hora em que esta receberes. Da minha desolação moral, d'estes ultimos annos, eu acari-ciava essa união como a unica hypothese de ainda ser feliz. Mas um dia... reconheci-me o que sou... um condemnado, um perdido, como outros que vi soffrer e morrer ás minhas mãos e ás mãos dos nossos collegas. Não te direi os passos d'esse martyrio intimo... Encarei a minha miseria, lamentei-me, descri da medicina, chorei amargamente sobre tantas illusões mortas, e só um beneficio pude agradecer á sciencia : ter-me aberto os olhos para o destino dos seres que talvez me chamariam seu pae. Esse destino prefigurou-se-me terrivel, desastroso, tal qual o meu. Conheces a minha concepção da felicidade... Pois bem, eu tinha certeza de gerar infelizes como o teu amigo, entes que amaldiçoariam, como eu amaldiçoei, a hora em que houvessem nascido... desgraçados, a quem a luz do mundo só serviria para que elles enxergassem a todo instante a sua indigencia, o seu aleijão, a ferida que os havia de matar, — residuos que continuariam a conspurcar a liga de outras gerações... E fiz como o individuo que se desarma para fugir á tentação de commetter um crime. Exilei-me, a pretexto de curar-me. Felizmente,

sinto que em breve estarei de todo curado... Mas quantas vezes, Carlos, tive de suster o curso dos meus pensamentos e abrandar a rigidez dos meus principios para escutar uma voz interior que me repetia : « Que será de Helena? » E ao mesmo tempo certo horror ao nada, com o sentimento da anniquilação que ameaçava e ameaça esta familia, este nome, esta tradição que em mim e Helena punha todas as suas derradeiras esperanças... Foi nestes transes que eu pensei em ti, em nossa amizade, em tua dedicação e em tua saúde... Carlos, meu amigo, ampara essa fraqueza, que a teu lado será talvez uma força. Helena é digna, é boa, é pura, é um anjo. Ama-a, guarda esse thesouro; eu te o confio. Se o amor nos dá algum direito sobre os entes que amamos, eu reivindico esse direito para auctorisar a tua união com Helena. Ella te amará, de certo. Ha de chorar muito... ha de consolar-se. Vê nella a nossa pobre Clara... Dize-lhe tudo isto que estás lendo, mostra-lhe, se preciso fôr, este testamento. Ama-a. És sadio, és forte, nasceste para viver e fazer viver. « Só tu, Carlos, poderás salvar-nos. » E adeus. Lembra-te sempre do teu desventurado amigo. »

LAURO.

